



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE SAÚDE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E SAÚDE**



**MICAELA FREIRE FONTOURA**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE  
RUA SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

Jequié

2025

**MICAELA FREIRE FONTOURA**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE  
RUA SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), área de concentração em Saúde Pública, para apreciação e julgamento da Banca Examinadora.

**Linha de Pesquisa:** Políticas, Planejamento e Gestão em Saúde

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dra. Vanda Palmarella Rodrigues

Jequié  
2025

F775r Fontoura, Micaela Freire

Representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher / Micaela Freire Fontoura. - Jequié, 2025.

113f.

Orientador (a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Vanda Palmarella Rodrigues


Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde. Jequié, 2025.

1. Violência contra a Mulher. 2. Pessoa em Situação de Rua. 3. Gênero e Saúde. 4. Saúde da Mulher. I. Rodrigues, Vanda Palmarella. II.


## FOLHA DE APROVAÇÃO DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

FONTOURA, Micaela Freire. **Representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher.** Dissertação [Mestrado] – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde – PPGES, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Jequié, Bahia, 2025.


### BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente  
 **VANDA PALMARELLA RODRIGUES**  
Data: 28/07/2025 16:02:19-0300  
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Profª. Dra. Vanda Palmarella Rodrigues**  
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Documento assinado digitalmente  
 **ALBA BENEMÉRITA ALVES VILELA**  
Data: 29/07/2025 00:10:59-0300  
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Profª. Dra. Alba Benemérita Alves Vilela**  
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Documento assinado digitalmente  
 **MARGARET OLINDA DE SOUZA CARVALHO**  
Data: 28/07/2025 19:59:52-0300  
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Profª. Dra. Margaret Olinda de Souza Carvalho e Lira**  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF/PE)

Jequié-BA, 28 de julho de 2025

Dedico este trabalho a todas as mulheres em situação de rua, com quem convivi, que fazem deste espaço um lugar possível para existir e sobreviver, que demonstram sua força e que sabem que ser mulher as torna livres para (re)existir em qualquer lugar.

## AGRADECIMENTOS

*Agradecer apenas me parece tão pequeno  
Precisava ser de peito Aberto com alegria  
Tinha que ter um doce perfume de poesia*

Cristina Gaspar

Já se passaram quase três anos desde que decidi ingressar nessa jornada, e parece tão pouco tempo diante de tudo que vivi e amadureci. E, isso se deve às pessoas com quem tenho a sorte de contar. Pessoas que seguraram e nunca soltaram as minhas mãos, pessoas que secaram as minhas lágrimas cada vez que as dúvidas, incertezas e frustrações tomavam conta das minhas madrugadas insones de produção. Pessoas que entenderam o quanto o tema da violência contra a mulher em situação de rua me custou renúncias, afastamentos e mudanças radicais e que me incentivaram mesmo debaixo de tempestades e tempo ruim.

Por isso, essa dissertação seria insuficiente para expressar tantas possibilidades de agradecimento. Afinal, são trajetórias, percursos, caminhos e histórias que se cruzaram até aqui, mas nesse momento em que posso demonstrar a minha eterna gratidão, busco mostrar um pouco do afeto, colo, amor e cuidado que me sustentaram até aqui, e que me acompanharam nos acertos e tropeços dessa caminhada que ganha novos significados em minha vida a cada passo dado. Ao olhar para trás confirmo que sempre estive acompanhada e agradeço imensamente.

Agradeço a **Deus**, por ser meu alicerce e guia em todas as decisões da minha vida. Ele que me deu vida, e hoje a cada novo amanhecer tenho a confirmação de que sou amada, e de que Ele é bom o tempo todo!

Agradeço à minha pequena família composta por duas mulheres que me inspiram pela força feminina, à minha mãe **Rita** e à minha irmã **Thaiane**, deixo um recado curto, que para mim diz tudo o que palavras podem dizer: amo vocês! Afinal, em um mundo onde amor está banalizado, saber que fui criada e instruída com amor, valores e atenção, fazendo com que hoje, eu seja uma adulta consciente, respeitosa e amorosa, só me faz agradecer mais e mais por ter nascido nessa família feminina.

Agradeço a oportunidade de ser tia de **Samuel**, por você tudo vale à pena, meu príncipe! Por você quero ser melhor! Agradeço ao homem que você tem se tornado. Agradeço ao grande amigo e companheiro que tenho em você. Você ter relevado minhas ausências, as noites

concentradas no processo de escrita e até meus momentos de impaciência, mesmo sendo tão pequeno, me mostra que nada que eu faça, jamais conseguirei agradecer suficientemente.

Agradeço ao meu companheiro, no amor, na vida e na luta, **Gabriel**, que está/esteve ao meu lado desde os primeiros dias de estudo para seleção, me incentivando e encorajando. Ele foi quem segurou minha mão para não desistir em meio a tantos momentos difíceis. Te amo!

Agradeço aquela que escuta minhas dúvidas, angústias e medos, comemora e me tranquiliza quando é preciso (e foram muitas vezes), obrigada por tudo, o cuidado pode vir em forma de escuta, por isso à **Rovelina**, minha terapeuta, o meu muito obrigada!

Nesse percurso o afeto permeou as veredas dos dias de alegria e de angústia, agradeço aos **amigos da jornada da vida** e que permanecem presentes no meu cotidiano desde que os sonhos de transformar a sociedade nos uniram. Não preciso os citar aqui porque eles sabem que são!

Agradeço em especial a minha orientadora, **Prof<sup>ª</sup>. Dra. Vanda Palmarella Rodrigues**, pela orientação, competência, afeto, compreensão e dedicação tão importantes, que me fizeram continuar e acreditar que essa conquista seria possível. Obrigada por tua generosidade em me acolher ainda na graduação com tantas dúvidas. És uma orientadora genial, através das suas orientações bebi muito do conhecimento, sendo minha referência quando se trata de representações sociais, por isso o meu mais sincero, muito obrigada. Serei grata sempre!

Agradeço também à **Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)** e ao **Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES/UESB)**, pela oportunidade de fazer o mestrado em um programa de qualidade, que tem contribuído com a formação de profissionais na região do Sudoeste baiano.

Agradeço aos (às) **docentes** do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES/UESB), mestres de vida. Tenho muito do que vocês me ensinaram e das janelas que se abriram ao meu olhar, gratidão por cada ensinamento e incentivo a seguir fazendo pesquisa de forma ética, responsável e voltada a promover transformação social.

Aos colegas da **Turma do Mestrado de 2022** um grande beijo. Cada um de vocês contribuiu de alguma forma com este trabalho e com meu crescimento. Eu poderia citar o nome de alguns de vocês, mas prefiro que cada um que me acolheu nesse processo sintasse abraçado em pensamento.

Agradeço à **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**, pela concessão da bolsa de mestrado, que contribuiu para a realização desta pesquisa.

Agradeço ao **Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Cultura de Paz (GPVIO)**, por cada sábio e reflexivo momento compartilhado. Foram anos construindo juntos e reconhecendo os

impactos sociais que as ações realizadas apresentam à sociedade, e que está sempre se renovando e dando significado à formação de muita gente.

Com muito orgulho agradeço à equipe que partilha os dias e constrói possibilidades de reinvenção cotidiana, minha gratidão aos **profissionais que fazem o Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua - Centro POP de Jequié**, e ao Coordenador **Lucas Tadeu Miranda Barros**, que gentilmente cedeu o campo de pesquisa para realização deste estudo.

E por último, mas, não menos importante, com um imenso respeito, agradeço às **mulheres que vivem em situação de rua** e frequentam o Centro Pop de Jequié, compartilhando vivências, dores e potências. A vocês minha admiração pelas mulheres que são, pelas lutas diárias, em especial às cinco mulheres que se disponibilizaram a dividir algumas de suas histórias comigo e com esta pesquisa, me sinto grata pelo carinho que esteve envolvido nesse processo. Quanta dignidade no viver!

Por fim, quero expressar minha gratidão a cada uma e cada um que estiveram comigo ao longo da construção deste conhecimento, na certeza de que ele não se encerra aqui. As inquietações que me mobilizam ainda são muitas, obrigada por viverem isso comigo.

***LUTA É SUBSTANTIVO FEMININO!***

***Ninguém é capaz de nos conter e calar!***

Só percebemos a importância da nossa voz quando somos silenciadas.

(Malala Yousafzai)

FONTOURA, Micaela Freire. **Representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher**. 2025. 113f. Dissertação [Mestrado] – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde – PPGES, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Jequié, Bahia, 2025.

## RESUMO

Esse estudo tem o objetivo de apreender as representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher. Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, embasado na abordagem processual da Teoria das Representações Sociais. A pesquisa foi realizada no Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua - Centro Pop, localizado no município de Jequié, Bahia, entre julho e outubro de 2024. As participantes do estudo foram cinco mulheres em situação de rua que são assistidas pelo Centro Pop. A produção dos dados foi conduzida pela entrevista semiestruturada. Utilizou-se o *software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRAMUTEQ)* através da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e Análise de Similitude para processamento e análise das entrevistas. A pesquisa atendeu aos aspectos éticos preconizados na Resolução 466/2012 e Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia conforme CAAE 79251724.5.0000.0055 e parecer consubstanciado 6.891.341/2024. Dos resultados obtidos foram produzidos dois manuscritos. Os resultados apontaram para uma representação alicerçada em sentimentos como medo, silenciamento e resistência, manifestos pelas mulheres em situação de rua, além da afirmação por estas do ciclo de violência familiar e social que resultaram na permanência nas ruas, especificamente as formas de agressões físicas, psicológicas e sexuais, sendo o homem o principal agressor. As mulheres destacaram os desafios de viver nas ruas, como violência, desigualdade e invisibilidade social, a violência experienciada nas ruas e o silenciamento referente à necessidade da realização de denúncias; a invisibilização da mulher em situação de rua que sofre violência e a influência dos papéis socioculturais de gênero e dos determinantes sociais em saúde e a resistência como estratégia efetiva de sobrevivência nas ruas. Conclui-se que as representações sociais de mulheres em situação de rua são permeadas de singularidades e pluralidades e dos conhecimentos oriundos da experiência de vida frente à violência contra a mulher. Dessa forma, o estudo apontou que as representações sociais das mulheres em situação de rua refletem principalmente para o sentimento de invisibilidade e impotência social, assim como às ações dos governantes, o que reforça a necessidade de reformulação do cenário das políticas públicas, para que as mulheres recebam atendimento e capacitações baseados em evidências científicas e boas práticas de cuidado.

**Palavras-chave:** Violência contra a Mulher; Pessoa em Situação de Rua; Gênero e Saúde; Saúde da Mulher.

FONTOURA, Micaela Freire. **Social representations of homeless women about violence against women**. 2025. 113f. Dissertation [Master] – Postgraduate Program in Nursing and Health – PPGES, State University of Southwest Bahia – UESB, Jequié, Bahia, 2025.

### ABSTRACT

This study aims to understand the social representations of homeless women about violence against women. This is a descriptive, exploratory study with a qualitative approach, based on the procedural approach of the Theory of Social Representations. The research was carried out at the Specialized Reference Center for Homeless People - Centro Pop, located in the municipality of Jequié, Bahia, between July and October 2024. The study participants were five homeless women who are assisted by Centro Pop. Data production was conducted through semi-structured interviews. The software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRAMUTEQ) was used through the Descending Hierarchical Classification (CHD) and Similarity Analysis for processing and analyzing the interviews. The research complied with the ethical aspects recommended in Resolution 466/2012 and Resolution 510/2016 of the National Health Council, being approved by the Research Ethics Committee of the State University of Southwest Bahia according to CAAE 79251724.5.0000.0055 and substantiated opinion 6.891.341/2024. Two manuscripts were produced from the results obtained. The results indicated a representation based on feelings such as fear, silencing and resistance, expressed by homeless women, in addition to their affirmation of the cycle of family and social violence that resulted in their permanence on the streets, specifically the forms of physical, psychological and sexual aggression, with men being the main aggressors. The women highlighted the challenges of living on the streets, such as violence, inequality and social invisibility, the violence experienced on the streets and the silencing regarding the need to report it; the invisibility of homeless women who suffer violence and the influence of sociocultural gender roles and social determinants of health; and resistance as an effective strategy for survival on the streets. It is concluded that the social representations of homeless women are permeated by singularities and pluralities and by knowledge arising from life experience in the face of violence against women. Thus, the study pointed out that the social representations of homeless women mainly reflect the feeling of invisibility and social impotence, as well as the actions of government officials, which reinforces the need to reformulate the public policy scenario, so that women receive care and training based on scientific evidence and good care practices.

**Keywords:** Violence against Women; Homeless Person; Gender and Health; Women's Health.

## LISTA DE SIGLAS

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>BVS</b>        | Biblioteca Virtual de Saúde   |
| <b>CadÚnico</b>   | Cadastro Único  |
| <b>Centro POP</b> | Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua                          |
| <b>CEP</b>        | Comitê de Ética em Pesquisa   |
| <b>CHD</b>        | Classificação Hierárquica Descendente   |
| <b>CNS</b>        | Conselho Nacional de Saúde  |
| <b>COREQ</b>      | <i>Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research</i>                             |
| <b>DeCS</b>       | Descritores em Ciências da Saúde  |
| <b>DSS</b>        | Determinantes Sociais da Saúde  |
| <b>IBGE</b>       | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística   |
| <b>IRAMUTEQ</b>   | <i>Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires</i> |
| <b>LILACS</b>     | Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde                      |
| <b>Medline</b>    | <i>Medical Literature Analysis and Retrieval System Online</i>                              |
| <b>MeSH</b>       | <i>Medical Subject Headings</i>   |
| <b>OMS</b>        | Organização Mundial da Saúde  |
| <b>ONU</b>        | Organização das Nações Unidas   |
| <b>PSR</b>        | População em Situação de Rua  |
| <b>PubMed</b>     | <i>National Center for Biotechnology Information da National Library of Medicine</i>        |
| <b>RS</b>         | Representações Sociais  |
| <b>SciELO</b>     | <i>Scientific Eletronic Library Online</i>  |
| <b>SUAS</b>       | Sistema Único de Assistência Social   |
| <b>SUS</b>        | Sistema Único de Saúde  |
| <b>TRS</b>        | Teoria das Representações Sociais   |
| <b>VCM</b>        | Violência contra a mulher   |
| <b>UESB</b>       | Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  |
| <b>UFMG</b>       | Universidade Federal de Minas Gerais  |

## LISTA DE QUADROS

|   |    |
|---|----|
| <b>Quadro 1.</b> Modelo de definição da estratégia de busca. Jequié, Bahia, Brasil, 2024..... | 31 |
|---|----|

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

**Figura 1.** Fluxograma descritor dos estudos selecionados a partir da busca nas bases de dados. Jequié, BA, Brasil, 2024.....32

### MANUSCRITO 1

**Figura 1.** Dendrograma referente às classes temáticas das representações sociais de mulheres em situação de rua sobre violência contra a mulher obtidas pelo *software* IRAMUTEQ, Bahia, Brasil, 2025.....57

### MANUSCRITO 2

**Figura 1.** Análise de Similitude acerca da violência contra a mulher (VCM). Bahia, Brasil, 2025.....75

**Figura 2.** Nuvem de palavras que expressam as representações sociais de mulheres em situação de rua sobre violência contra a mulher obtidas pelo *software* IRAMUTEQ, Bahia, Brasil, 2025.....77

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| APRESENTAÇÃO.....  | 16  |
| 1 INTRODUÇÃO.....  | 18  |
| 2 REVISÃO DE LITERATURA.....   | 22  |
| 2.1 Violência Contra a Mulher e sua Interface com as Questões de Gênero.....   | 23  |
| 2.2 Habitar nas ruas para as mulheres: o contexto da violência.....  | 26  |
| 2.3 Representações Sociais sobre a violência contra a mulher em situação de rua.....                                 | 30  |
| 2.4 Determinantes Sociais da Saúde e sua relação com a permanência de mulheres em situação de rua.....               | 35  |
| 3 REFERENCIAL TEÓRICO.....   | 37  |
| 3.1 A Teoria das Representações Sociais.....   | 37  |
| 3.2 A abordagem processual.....  | 41  |
| 4 MATERIAL E MÉTODOS.....  | 43  |
| 4.1 Tipo de Pesquisa.....  | 43  |
| 4.2 Local da Pesquisa.....   | 44  |
| 4.3 Participantes da Pesquisa.....   | 44  |
| 4.4 Aspectos Éticos da Pesquisa.....   | 45  |
| 4.5 Instrumentos e Técnicas para Coleta de Dados.....  | 46  |
| 4.6 Técnica para Análise de Dados.....   | 47  |
| 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....  | 49  |
| 5.1 Manuscrito 1 – Ser mulher e resistir nas ruas: representações sociais sobre violência contra a mulher.....       | 50  |
| 5.2 Manuscrito 2 – Mulher em situação de rua e Determinantes Sociais em Saúde: estudo em Representações Sociais..... | 68  |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....  | 86  |
| REFERÊNCIAS.....   | 90  |
| APÊNDICES.....   | 99  |
| APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....  | 100 |
| APÊNDICE B - Roteiro da Entrevista Semiestruturada.....  | 105 |
| ANEXOS.....  | 107 |
| ANEXO A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética e Pesquisa.....   | 108 |
| ANEXO B – Autorização para coleta de dados.....  | 113 |

## APRESENTAÇÃO

Este ponto é muito pessoal, por isso utilizarei a primeira pessoa do singular, afinal são muitos papéis sociais desempenhados por mim. Sou Micaela Freire Fontoura, mulher, filha, irmã, tia, companheira, assistente social, fisioterapeuta, trabalhadora, estudante de pedagogia e de terapia ocupacional, defensora do Sistema Único de Saúde (SUS), integrante de um grupo de pesquisa que discute sobre a violência contra a mulher (VCM) e outras temáticas relacionadas à violência, à saúde e à cultura de paz.

O interesse pela análise das representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher surgiu durante o meu primeiro contato com a população em situação de rua, ainda na graduação em Serviço Social, através de estágio na área. Durante três anos ocorreram as aproximações necessárias que reforçaram o desejo de desvendar este fenômeno social, que é ser mulher e viver a realidade.

Ao atuar como estagiária no Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua - Centro POP, fui confrontada com a triste realidade das mulheres em situação de rua e com inúmeros relatos de episódios de violência aos quais elas eram submetidas por habitar nas ruas, apresentando-se feridas, com medo e desacreditadas de que poderiam mudar essa situação.

Como resultado do processo de acolhimento e escuta a essas mulheres, optei por realizar um projeto de intervenção, de forma lúdica, respeitosa e empoderada com as usuárias do serviço Centro POP, objetivando inserir espaços de reflexão, conscientização e debates sobre a violência contra a mulher, além da necessidade de criar estratégias de enfrentamento desse fenômeno social, por meio do empoderamento feminino.

Essa vivência do estágio me fez refletir sobre os processos de realidade, seus determinantes sociais da saúde (DSS) e os desafios encontrados por cada mulher inserida nesse contexto. Isso justifica a opção pelas categorias mulher, rua e violência. Desse modo, a partir da necessidade de maior aprofundamento da temática, tendo em vista que se trata de categorias que estão em constante aproximação, mas que, no entanto, juntas não suscitaram debates acadêmicos mais aprofundados no cenário local em que estou inserida.

Residir na cidade de Jequié, na região sudoeste da Bahia, me fez perceber que grande parte das pessoas que moram na rua são homens, ou seja, poucas são as mulheres que integram a paisagem urbana, o que suscitou o interesse de realizar uma pesquisa que demonstrasse quem são essas mulheres, onde se encontram neste cenário, tendo em vista que elas parecem disfarçadas, para não dizer silenciadas em um espaço público. Logo, se não

dermos escuta qualificada e voz a elas, como vamos entender as formas de violência pelas quais elas passam? Como vamos entender os processos sociais que elas vivenciam diariamente?

Nesse sentido, tornou-se necessário constatar quais eram os conhecimentos das mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher, a partir do relato das próprias mulheres, ou seja, poder compreender através da narrativa do próprio sujeito como se dá seu cotidiano na rua, através de suas histórias de vida. Assim como compreender o processo que as levou a ocuparem o espaço público como moradia, tornou-se muito importante, pois é o cenário em que estão inseridas, e um dos motivos pelo qual a pesquisa foi instigada.

Admito que o grande desafio para que se alcance um desfecho seguro decorre da tomada de decisão assertiva em relação às medidas pautadas em evidências científicas, que sejam direcionadas pelo olhar biopsicossocial em relação a essas mulheres que já se encontram fragilizadas e desacreditadas. Destarte, convido-lhes a se debruçar sobre a minha dissertação de mestrado, intitulada: “*Representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher*”.

## 1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) apresenta uma proposta de definição sobre a violência concebida como o uso de força física ou de poder, em forma de ameaça ou na prática, contra si mesma, assim como contra outra pessoa, grupo ou comunidade, que resulte ou possa resultar em algum tipo de sofrimento, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação e morte (OMS, 2002).

Sendo assim, a violência e suas manifestações desvelam a exacerbação dos conflitos sociais e se constituem em tema emergente e relevante para as necessidades de saúde do país, pois as causas violentas representam o primeiro lugar na mortalidade geral da população (Minayo, 2009; Brasil, 2008).

Nesse sentido, a mulher em situação de rua vive múltiplas formas de discriminação e exposição social que aumentam sua vulnerabilidade à violência. Esse contexto envolve ausência de moradia, instabilidade econômica, falta de acesso a serviços básicos — como saúde, higiene e segurança —, ruptura de vínculos familiares e comunitários, além de estigma social persistente (CERU/USP, 2023; Silva *et al.*, 2022). Esses fatores não são apenas circunstanciais, mas sim determinantes sociais de saúde (DSS) — condições de vida e trabalho, renda, educação, gênero e raça — que impactam diretamente a probabilidade de ocorrência de violência, agravam consequências físicas e psíquicas e limitam o acesso à proteção legal e social.

Além disso, no Brasil, evidências recentes apontam que fatores socioeconômicos modificáveis — como pobreza extrema, desemprego, baixa escolaridade, desigualdade racial e moradia insegura — atuam como determinantes sociais que aumentam os riscos de violência contra a mulher, especialmente para aquelas em situação de rua. Dados do Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (RASEAM, 2025) mostram que 60,4% das notificações de violência contra mulheres adultas envolvem mulheres pretas ou pardas, evidenciando a sobreposição de vulnerabilidade socioeconômica e racial.

Ademais, estudo realizado em Sorocaba (SP) identificou associação significativa entre ocorrência de violência contra pessoas em situação de rua e fatores como falta de renda, instabilidade residencial, histórico de abuso, uso de substâncias e ausência de redes de apoio social (Gianini; Martuscelli-Neto; Villena, 2025). Tais determinantes são, em grande parte, modificáveis por meio de políticas públicas de inclusão social, programas de moradia, ampliação do acesso à educação e saúde, além de estratégias de prevenção e enfrentamento da violência baseadas em gênero.

Inserida nesse contexto de violência, historicamente a população em situação de rua (PSR) no Brasil foi estigmatizada socialmente, e alguns destes adjetivos estigmatizantes acompanham até hoje o discurso da discriminação e do preconceito, a exemplo das denominações: “[...] mendigo, morador de rua, sofredor de rua, sem-teto, pedinte, indigente, excluído, andarilho, trecheiro, trabalhador sem teto, catador, entre outros” (Justo, 2005, p.59).

Atualmente, essa população é caracterizada como ampla e complexa e sofre com as várias formas de exclusão por ser heterogênea, além de carregar histórias de vida singulares e específicas, mas que podem perpassar por problemas comuns referentes à migração, falta de moradia, desemprego, baixa escolaridade, falta de qualificação profissional, incidências e agravamento de problemas de saúde mental, uso abusivo de diversas drogas e rompimento dos vínculos familiares e afetivos, além de situações de violência (Bauman, 2015). Contudo, cabe citar que a vivência nas ruas também pode ser vista sob a ótica de um espaço de liberdade, e em alguns casos fuga da violência doméstica.

De acordo com a Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua, essas pessoas se caracterizam como “[...] a parcela da população que faz das ruas seu espaço principal de sobrevivência e de ordenação de suas identidades” (Brasil, 2008b, p.8). Por outro lado, vale ressaltar que não existem pesquisas que caracterizem esse público com abrangência nacional, visto que de modo geral se trata de uma população sem visibilidade para órgãos oficiais de contagem populacional (Liberato, 2019). Nota-se, que os poucos dados existentes são oriundos de pesquisas realizadas por municípios ou por universidades, cujos propósitos consistem em analisar aspectos pontuais, vigentes nas realidades locais.

Diante do exposto, compreende-se que a PSR corresponde a essa parcela da população que se encontra marginalizada e invisibilizada pela sociedade e pelas políticas públicas, numa cegueira social intencional, utilizada até o momento em que aquela situação não lhe atinge diretamente. Desta forma, ressalta-se que essa população geralmente não está inserida no mercado de trabalho formal, e como tal, não atua de forma satisfatória no ciclo econômico do país, pois não gera riqueza e nem atua como consumidor contumaz, por outro lado, demanda do Estado gastos para sua manutenção e para a implementação de políticas públicas, sobretudo, políticas sociais (Bauman, 2015).

No que se refere às mulheres em situação de rua, poucas são as iniciativas para este recorte específico, porém é um público afetado pelas políticas para as mulheres de forma geral, e conseqüentemente enfrenta os problemas que as mulheres se deparam diariamente (Tienne, 2004). Dentre esses problemas, estudos enfatizam a violência contra a mulher, que se configura como um problema de saúde pública e que se tornou alvo da inquietação de alguns

estudiosos em relação à mulher que se encontra em vulnerabilidade social (Alves, 2015; Rosa; Brêtas, 2015; Biscotto *et al.*, 2016).

Nesse contexto de vulnerabilidade social, estudos sugerem que os DSS que mais influenciam na ocorrência da violência contra a mulher se relacionam ao baixo nível de escolaridade, condição econômica e desemprego, o que afetam as mulheres não só fisicamente, mas psicologicamente (Costa; Bem; Godinho, 2020).

No Brasil, dados de 2018 evidenciaram que a violência contra a mulher atingiu, cerca de 16 milhões de mulheres maiores de 16 anos, as quais referiram terem sofrido alguma forma de violência, sendo os principais autores companheiros e ex-companheiros. Esse perfil se caracteriza como feminicídio, posto que 96% dos casos são cometidos por homens que mantiveram relações afetivas com as mulheres. Ademais, mulheres pretas ou pardas estão mais expostas, o que reflete a interseccionalidade entre raça e gênero (Bueno *et al.*, 2019).

Desse modo, ao adentrar no contexto da violência enfrentada pelas mulheres em situação de rua, poucas referências são encontradas, ainda que na rua aconteçam diversas formas de violência, sendo elas: física, sexual, patrimonial, humilhações, privação de espaço para higiene por não ser ofertado pelo poder público (na maioria das cidades), violência psicológica por parte dos companheiros, sociedade e policiais, preconceito, estigmas, entre outras formas de violência (Alves, 2015; Rosa; Brêtas, 2015; Biscotto *et al.*, 2016).

Frente ao exposto, considera-se nesse estudo a importância do desenvolvimento de pesquisas sobre esta temática e cenário, por acreditar que a compreensão das representações de mulheres que estão em situação de rua sobre a violência contra a mulher, com base na Teoria das Representações Sociais (TRS), possibilitará apropriação do objeto de estudo, considerando que essas representações se referem às expressões do sujeito e a simbolização do objeto, e se mantém em constante conexão entre esses dois elementos (Jodelet, 2001). Nessa direção, importa-se, portanto, como se constrói esse conhecimento empírico do sujeito, fruto do universo consensual, que fundamenta suas práticas e atitudes (Antunes; Mendes; Salles Filho, 2019).

Destarte, a TRS estabelece convergência com o estudo de gênero quando permite a compreensão desta mulher que, ao ocupar um lugar determinado socialmente, possui uma construção de saber singular, com as especificidades na maneira como estas mulheres estão inseridas no meio social e cultural, não havendo dissociação do sujeito mulher com o lugar social ao qual ela pertence (Arruda, 2002). Deste modo, apesar de distintas, as questões de gênero e a TRS, se mostram com equivalente importância no estudo dessa temática.

Concomitante a isso, a motivação pessoal da pesquisadora deste estudo decorre da experiência do Estágio Supervisionado do curso de Bacharelado em Serviço Social (primeira graduação em 2018) realizado no Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua - Centro Pop, do município de Jequié, Bahia, atuando diretamente com o suporte assistencial às mulheres em situação de rua, o que provocou a inquietação e o desejo de pesquisar as principais determinações socioculturais e de gênero que levaram as mulheres a se tornarem PSR, e conseqüentemente vivenciar diversas formas de violência no contexto supracitado.

Tais inquietações resultaram no trabalho de conclusão de curso (TCC) da graduação citada, voltado a se aprofundar no fenômeno da violência contra a mulher no ambiente doméstico que sinalizou que as ruas acabam se tornando um espaço de fuga e libertação para as diversas formas de violência vivenciadas pelas mulheres.

A partir dessas reflexões, foi levantada a questão norteadora desse estudo: quais as representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher?

Frente a este questionamento, propõe-se como objetivo geral: compreender as representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher e sua interface com os papéis socioculturais de gênero e os determinantes sociais em saúde.

Como objetivos específicos, destacam-se:

- Apreender as representações sociais de mulheres em situação de rua sobre violência contra a mulher;
- Compreender as representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher e como os papéis socioculturais de gênero e os determinantes sociais em saúde influenciam na dinâmica da permanência dessas mulheres na rua.

Ademais, este estudo oportunizará a compreensão das subjetividades destas mulheres, que podem resultar na criação de estratégias de intervenção educativa, levando em consideração suas vulnerabilidades a respeito da violência na rua, para que assim possam ser criadas estratégias de enfrentamento das situações que envolvem a violência, tais como: retorno dessas mulheres às suas famílias por meio do fortalecimento do vínculo familiar; ofertar o conhecimento da rede de apoio à mulher em situação de violência; sensibilizar essas mulheres para a consciência de seus papéis como cidadãs detentoras de direitos e deveres, dentre outras ações essenciais no campo da promoção, prevenção e da punição aos agressores, que contribuam com a assistência de proteção integral à mulher em situação de violência.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Com o intuito de conhecer o que dispõe a literatura sobre o objeto de estudo foi conduzida uma revisão narrativa da literatura, através de uma pesquisa bibliográfica nas bases de dados do Portal Regional da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), na base de dados Medline (*Medical Literature Analysis and Retrieval System Online*) a partir da *National Center for Biotechnology Information da National Library of Medicine* (PubMed), no Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (LILACS), e no portal de periódicos Scientific Electronic Library Online (SciELO), utilizando os descritores pertencentes ao Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “violência contra a mulher”, “pessoas em situação de rua”, “mulher” e “gênero”, além do termo livre “representações sociais”; e respectivos *Medical Subject Headings* (MeSH): “*violence against women*”, “*homeless persons*”, “*woman*” e “*gender*”, e também do termo livre “*social representation*”.

A partir das buscas, foram selecionados artigos científicos, dissertações e teses que discutiam sobre a temática em estudo e, também materiais e manuais do Ministério da Saúde e outras entidades da área de saúde que abordavam o objeto de pesquisa. Com isso, emergiram duas temáticas para compor a revisão de literatura, sendo elas: 2.1 Violência Contra a Mulher e sua Interface com as Questões de Gênero e 2.2 A Violência Contra Mulheres: o Contexto da Situação de Rua.

Os resultados da busca sugerem que as representações sociais sobre a violência contra a mulher na perspectiva das mulheres em situação de rua, se configura como um campo do conhecimento que tem despertado um novo olhar às discussões voltadas ao cenário da PSR, posto que, alguns estudos não direcionam especificamente as discussões à compreensão da temática da violência contra a mulher em contexto de vulnerabilidade social, direcionando-se à heterogeneidade dessa população.

Nessa perspectiva, para integrar a terceira temática 2.3 Representações Sociais sobre a Violência Contra a Mulher em Situação de Rua conduziu-se uma revisão integrativa da literatura, detalhada no item 2.3. Ademais, foi incorporado à revisão de literatura o tópico, intitulado 2.4 Determinantes Sociais da Saúde e sua relação com a permanência de mulheres em situação de rua, elaborado por meio de uma revisão narrativa.

## 2.1 Violência Contra a Mulher e sua Interface com as Questões de Gênero

De forma geral, a violência é concebida pela comunidade científica como um fenômeno universal, que sempre existiu ao longo da história. No entanto, as agressões e atos degradantes que aconteciam, principalmente, no interior dos lares contra as mulheres, eram percebidos e sentidos de forma naturalizada (Menino, 2015).

Nessa perspectiva, as concepções do ser mulher e do ser homem, postas como antagônicas - que remontam às heranças do patriarcado, sistema sociopolítico sob o qual a sociedade brasileira lançou suas bases desde o início da colonização do país - serviram para fundamentar as desigualdades de gênero, visto que a mulher estava mais vulnerável a partir dos papéis desiguais que lhe foram atribuídos em relação ao homem (Saffioti, 2004; Augusto, 2016).

Pode-se dizer que os estudos têm apontado a construção social da desigualdade de gênero como reflexo de um modelo de sociedade (Oliveira; Fonseca, 2014; Augusto, 2016; Severi, 2017), sendo compreendido sob uma ótica relacional, isto é, para que exista a supremacia masculina exige-se que exista a subordinação feminina, por meio de um processo de construção social (Saffioti, 1987).

Inserida nesse cenário, em 1994 a violência contra a mulher foi conceituada de forma sistemática pela Convenção de Belém do Pará, caracterizando qualquer ato baseado no gênero, que resulte em morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto em esfera pública quanto privada, sendo fruto da interação de fatores diversos que contemplam aspectos individuais, relacionais, culturais e ambientais (OMS, 2002).

Sob essa ótica, convém mencionar que nesta pesquisa, a violência contra a mulher é compreendida a partir de uma ótica relacional, ou seja, homem e mulher atuam na construção desta relação. Entretanto, compreende-se que os dispositivos de poder não são acessados da mesma forma, o que torna a violência expressão da desigualdade de gênero e de poder.

Como esta pesquisa está centrada nas representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher, torna-se relevante corroborar com Bourdieu (2017), no que concerne às questões do poder simbólico que se manifesta nas relações entre homens e mulheres no mundo social, visto que este pensador defendia que mulheres e homens trazem consigo as marcas de uma ideologia dominante que precisa ser resistida por ambos, utilizando inclusive o discurso para se manifestar e para provocar mudanças ideológicas e sociais.

Na perspectiva de Bourdieu (2017), a sociedade vem sendo conduzida em uma esteira de relações binárias em que a mulher constantemente assume o espaço subordinado ao

homem, ao passo em que o homem é concebido como a figura principal, sendo considerado capaz de ocupar lugares não permitidos à mulher.

Acrescido a essa ideia, a construção social das diferenças entre mulheres e homens é decorrente do princípio da visão social que divide arbitrariamente o mundo (Severi, 2017). Esse princípio funciona como um esquema de pensamento e ação que propõe a divisão entre os sexos como algo normal, natural e inevitável, pois está na “ordem das coisas”. Observa-se, portanto, uma visão androcêntrica, que considera o ser humano do sexo masculino como o centro do universo (Lima *et al.*, 2021) e permite que essa ordem funcione como uma grande máquina simbólica, que ratifica a dominação masculina sobre a qual se alicerça (Bourdieu, 2017).

A estrutura patriarcal, provém dessa realidade histórica de dominação masculina, mas é passível de transformação. Entretanto, essa dominação não está somente dentro dos lares, percebida em diversos aspectos e instâncias da sociedade, a exemplo das situações de menor salário atribuído às mulheres em determinadas profissões, assim como a exploração do corpo feminino na mídia, o direcionamento das atividades domésticas e das obrigações com os filhos às mulheres, entre outras expressões sociais que reforçam essa dominação (Bourdieu, 2017).

Faz-se necessário destacar que nessa relação de dominação, o poder apresenta duas faces, a da potência e a da impotência (Saffioti, 2004), por meio das quais mulheres estão familiarizadas e algumas condicionadas à face da impotência, enquanto o homem faz uso da face da potência. No entanto, essas relações hierarquizadas de poder entre mulheres e homens e suas conseqüentes relações de dominação, constituídas ao longo da história como representações sociais e culturais, motivaram a desacomodação do grupo social menos privilegiado - o das mulheres - em busca de mudanças na ideologia predominante (Lima *et al.*, 2021).

Essa desacomodação provocou uma verdadeira revolução cultural em diversos países, sendo chamada de feminismo, na militância de propor a igualdade entre mulheres e homens (Lima *et al.*, 2021). Atualmente, esse movimento idealiza a relação entre homens e mulheres sem manifestações de poder - dominação - e sugere o respeito às diferenças existentes entre feminilidade e masculinidade, desde que essas diferenças não sejam fator de preconceito contra as mulheres, ou seja, objetiva o fim das desigualdades de gênero que ainda estão enraizados na sociedade, com destaque para à PSR.

Alguns autores apresentam explicações relevantes para pensar as expressões materializadas pelo binômio “cisnormatizante” masculino e feminino (Lehnen, 2015). De tal

modo que avanços nessa reflexão direcionam a outras construções conceituais ou apontam para uma reflexão que vem ganhando destaque na comunidade científica. Frente ao exposto, busca-se a partir da ótica da TRS, compreender o lugar em que se coloca esse sujeito social, coletivo e político, que se encontra em um contexto marginalizado por residir nas ruas (Jodelet, 2001).

Mesmo no cenário contemporâneo, verifica-se que as construções sociais sobre o masculino e feminino foram erigidas em relações de poder e dominação. A cultura do patriarcado impele a determinação de condições inerentes à vivência do que está posto para a condição do feminino e o que isso representa (Lehnen, 2015). Sendo assim, só é possível compreender o paradoxo epistemológico de gênero, ancorando-o na perspectiva teórico-político-cultural. Essa desconstrução leva em conta a construção social de gênero ao proporcionar novas perspectivas de nomeações ou categorização para os fenômenos e propiciar essa leitura aos grupos sociais (Jodelet, 2009).

Nessa perspectiva, o masculino e o feminino estão relacionados às representações sociais de gênero baseadas nas constituições dos processos de compreensão social. E a partir dessa discussão em torno da TRS é possível ampliar as dimensões históricas, a dimensão dos indivíduos e a dimensão dos grupos e coletivos sociais, que outrora eram mal compreendidas, fazendo alusão a uma ciência neutra e imparcial (Moscovici, 2017).

Em síntese, quando se assume socialmente que mulheres podem ser as expressões que elas assim desejarem, seja na identificação de seus corpos, seja nas representações sociais que estão continuamente em movimento, e por isso, legítimas de exprimir o que quer que caracterize seus processos de pensar, sentir e agir, permite-se não mais a construção identitária, pela forma com que a sociedade elaborará e expressará sua nova realidade, mas, acima de novas categorizações, é a ruptura de paradigmas normativos hegemônicos traçados para perpetuar formas de poder e opressão (Jodelet, 2009).

A discussão em torno da relação entre gênero e TRS, está embasada em Michael Foucault, por considerar gênero como um arcabouço de efeitos produzidos nos corpos, comportamentos e relações sociais, por meio do desdobramento de uma complexa tecnologia política (Azevedo, 2017). Nessa perspectiva, gênero se caracteriza por representar implicações concretas, ao passo em que a representação de gênero é a sua construção. Essa construção acontece nas instituições sociais, no feminismo, e por meio de sua desconstrução, isto é, por qualquer discurso que veja a categoria gênero como uma representação ideológica falsa, uma vez que ele é concebido como o efeito da representação e como aquilo que permanece fora do discurso para não desestabilizar a representação (Arruda, 2019).

Sob essa ótica, Arruda (2019) aponta a importância de se compreender a questão das relações de poder. Justificando que nesse sentido a TRS visa entender como se dá a construção do mundo pelas pessoas comuns, inseridas em seus grupos sociais, sem hierarquizar as percepções singulares que movem as práticas sociais, na indissociabilidade de pensamento e ação. Ao passo em que as discussões de gênero, nascidas das lutas feministas, analisam e questionam as relações de poder e hierarquias estabelecidas a partir de um sistema de significados que categoriza os sujeitos sociais, atribuindo-lhes uma identidade sexual e de gênero.

## **2.2 Habitar nas ruas para as mulheres: o contexto da violência**

Diariamente as mulheres estão vulneráveis à violência e ter conhecimento dos elementos precipitadores é de suma importância para que se possa combatê-la; tornou-se assim objetivo principal de ação da Organização das Nações Unidas (ONU) (Sanematsu; Prado, 2019).

No universo das ruas, as mulheres formam o grupo de menor expressividade quantitativa, porém, esse grupo está envolto em um grande conjunto de opressões e suas vivências estão cercadas de invisibilidades, que poderiam supor de um lado, a configuração de um espaço de proteção frente aos olhares estigmatizados da maior parte da sociedade, por outro lado, conduziriam a uma intangibilidade diante de políticas públicas e intervenções assistenciais das quais necessitam (Sarmiento, 2020).

Nesse mesmo sentido, nota-se a ausência de censos e pesquisas sobre a PSR no Brasil. Um levantamento feito por pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) aponta que a população de rua cresceu no Brasil, em 2022, posto que de janeiro a maio, mais de 26 mil novas pessoas foram registradas na condição de situação de rua no Cadastro Único (CadÚnico) do governo federal que dá acesso a benefícios sociais. No país, mais de 180 mil pessoas estão nessa situação, evidenciando que no Brasil, pelo menos 26.447 pessoas foram morar nas ruas em 2022 (Jornal Hoje, 2022).

Concomitante a isso, as mudanças provocadas no cenário mundial pelo novo coronavírus (COVID-19) afetaram toda a população e as mortes ao redor do mundo despertaram uma preocupação com o avanço geográfico do vírus, e conseqüentemente com o crescente número de vítimas. Inseridas nesse contexto, a PSR despertou um olhar especial, uma vez que é naturalmente exposta a um maior risco de contaminação graças às condições em que se encontra, isto é, a situação de rua configura uma vulnerabilidade social

significativa, caracterizada pela exposição contínua a diversos riscos e pelas dificuldades de acesso ao sistema de saúde brasileiro (Honorato; Oliveira, 2020).

Nota-se, portanto, que a pandemia da COVID-19 elevou ainda mais a vulnerabilidade das pessoas que vivem em situação de rua, ampliando o contingente populacional e mudando o perfil dessa parcela da população. Conforme dados de pesquisa realizada em 2021 pela Prefeitura do Rio de Janeiro, 31% das pessoas estavam na rua há menos de um ano. Dessas, 64% encontravam-se nessa condição por perda de trabalho, moradia ou renda. Entre os entrevistados, 42,8% afirmaram que sairiam das ruas se tivessem um emprego (Gameiro, 2021).

Os novos integrantes da PSR correspondem aos trabalhadores que perderam seus empregos e casas em virtude da atual conjuntura. Essa mudança de perfil requer políticas públicas urgentes, de forma a evitar que permaneçam nas ruas, assim como requerem investimentos na profissionalização dessas pessoas (Gameiro, 2021). Contudo, Honorato e Oliveira (2020) nos alertaram que especificamente no cenário brasileiro, as pessoas em situação de rua são desafiadas diariamente a lutar por seus direitos e melhores condições de vida, dado que a escassez de dados no sistema de saúde e institutos de pesquisa repercutem diretamente em sua visibilidade social (Gameiro, 2021).

Tal escassez demonstra a invisibilidade imposta a essa população, que por sua vez atravança o desenvolvimento de políticas públicas específicas e efetivas para a superação da situação de rua (Conselho Nacional do Ministério Público, 2015). Desse modo, torna-se necessário romper com esse ciclo, para que assim a sociedade possa reconhecer que a PSR, que é vista como excluída e marginalizada, tenha seus representantes reconhecidos como cidadãos e tratados como tal (Jornal da UEM, 2012). Tais características ressaltam a inexistência de políticas públicas específicas para mulheres em situação de rua, à exceção da condição de gravidez, circunstância na qual, muitas vezes, são dirigidas ações punitivas que culminam com a retirada de seus filhos (Sarmiento, 2020).

A realidade vivida por mulheres em situação de rua e a forma como o cotidiano repercute sobre sua existência colocando-as num determinado lugar social, revelam as estruturas sociais que impõem papéis singulares em sua organização. Estruturas patriarcais estão organizadas produzindo controle, punição e violência para as mulheres não somente na relação com os homens, mas com outras mulheres decorrente de raça, sexualidade e classe, dentre outros marcadores. Nesse sentido, sobre as mulheres em situação de rua recai uma política que as mantém sob dominação e constantes situações de desigualdades que se

expressam nas esferas econômicas, políticas, éticas, sociais e morais (Marsicano; Levinson, 2020).

A construção social das desigualdades estabelecidas por homens e mulheres é um fenômeno que abrange todos os aspectos da sociedade (Lima *et al.*, 2021). Seja nas ruas, no mercado de trabalho ou no próprio meio familiar, em qualquer espaço que se insere, a mulher está sujeita ao alto risco de sofrer situações preconceituosas que arriscam tanto sua integridade física como sua saúde psicológica (Alves, 2015; Bueno *et al.*, 2019).

Estudos sobre a mulher em situação de violência e sobre os homens que perpetraram as agressões adquiriram relevância, em vista das repercussões sentidas na vida de ambos e da visibilidade que a temática atingira (Alves, 2015; Alcântara; Abreu; Farias, 2015). Isto posto, nota-se que as mulheres em situação de violência, trazem consigo a marca da violência estrutural e cujas situações de violência não podem ser compreendidas de modo dissociado dos contextos socioeconômicos e político-cultural que as determinam (Guerra *et al.*, 2015; Bueno *et al.*, 2019), o que vai ao encontro das discussões que se propõem no decorrer dessa investigação.

Neste contexto, a violência contra a mulher é uma realidade alarmante tanto no Brasil como em nível mundial. Tal violência é de extrema preocupação mundial pelos seus impactos que vão além da saúde individual, mas também na sociedade como um todo, tornando-a assunto de saúde pública (Guerra *et al.*, 2015).

No Brasil, as informações oficiais com relação à violência sofrida por mulheres de modo geral são subnotificadas, uma vez que elas temem denunciar o agressor, por não se sentirem acolhidas ou por não confiar na segurança que o Estado deveria lhes oferecer. De forma mais grave essa realidade afeta as mulheres em situação de rua, sendo necessário um maior aprofundamento para que se tenha a real dimensão desse problema (Rosa; Brêtas, 2015).

Evidencia-se que viver na rua, para as mulheres, perpassa pela necessidade de construir relações que assegurem a viabilidade da sua vida cotidiana, pelo fato de que sozinhas são mais vulneráveis às violências presentes na rua (Guerra *et al.*, 2015; Bueno *et al.*, 2019; Leal *et al.*, 2020). Entretanto, essa pesquisa não busca vitimizar as mulheres por estarem em situação de rua, e muito menos caracterizá-las como frágeis ou dependentes, dado que a vida na rua é múltipla, é complexa, é *locus* de conflito e contradição social; aliás, viver na rua é em sua gênese uma das maiores expressões de violência e escancara a desigualdade dos direitos de uma sociedade (Rosa; Brêtas, 2015; Bueno *et al.*, 2019).

Nessa perspectiva, busca-se uma compreensão da violência contra a mulher no que se refere ao contexto da situação de rua, e se ela é a responsável por essas mulheres se encontrarem na rua. Para tanto, baseou-se em estudos que apontaram que a situação de rua para a mulher, frequentemente, decorreu de agressões e violências, dentre elas, a sexual, praticada no contexto doméstico e familiar, o que justifica a ruptura dos vínculos sociais e a não-existência de outros suficientemente fortes para subsidiar a reorganização da vida, somadas à escassez de recursos financeiros e a ausência de instituições que lhe garantam segurança e proteção, que acabam direcionando essas histórias de vida até a situação de rua, o que as expõem diariamente às inúmeras formas de violência contra a mulher (Alves, 2013; Biscotto *et al.*, 2016; Rosa; Brêtas, 2015; Alcântara; Abreu; Farias, 2015).

Por sua vez, a violência física é a principal forma de violência relatada pelas mulheres, e é perpetrada por pessoas ou grupos intolerantes com a situação de pobreza vivida por elas (Rosa; Brêtas, 2015). Sendo na maioria das vezes praticadas entre as próprias pessoas que se encontram na rua, cujas principais motivações são: as dívidas com traficantes, disputas por espaço, pequenos furtos, infidelidade conjugal e desavenças pessoais (Leal *et al.*, 2020).

Destaca-se ainda uma forma de violência planejada, de cunho higienista, praticada por alguns agentes policiais, pessoas contratadas por comerciantes ou moradores que se sentem prejudicados pela presença das pessoas em situação de rua nos arredores dos domicílios, comércios, monumentos e cartões postais da cidade (Rosa; Brêtas, 2015; Biscotto *et al.*, 2016).

A violência sexual é outra forma de violência também bastante relatada por essas mulheres e praticada, quase sempre, por homens, em situação de rua ou não. Entretanto, as demais formas de violência, apesar de serem verificadas no estudo, pouco são designadas pelas mulheres como violência de fato ou, quando é, costuma ser vista como algo de menor relevância, demonstrando que essas mulheres acabam naturalizando as formas não físicas de violência. Tal entendimento, possibilita a reflexão a respeito da necessidade emergente de criação de novas estratégias para o enfrentamento da violência contra a mulher em situação de rua, visto que elas têm ocupado cada vez mais as ruas e envolvem questões de gênero, pois, sendo minoria, as mulheres têm muitas vezes que se submeter aos homens para sobreviver na rua (Rosa; Brêtas, 2015).

Um estudo conseguiu identificar a partir do recorte de gênero que homens e mulheres apresentaram diferenças substanciais nas formas que viviam e internalizavam a situação de rua. Destacando que, para o homem, a rua foi o desfecho de uma condição terminal de ruptura e degradação social, enquanto para algumas mulheres, representou uma solução inicial para

situações de violências e insatisfações com o espaço doméstico (Rosa; Brêtas, 2015). Por sua vez, essas mulheres, impressas na marginalidade e exclusões sociais, precisaram se reinventar diante do que foi impelido pelas formas de se relacionar com o mundo, ampliando assim seu modo de pensar, sentir e agir (Jodelet, 2001).

Frente ao exposto, nota-se que a violência contra a mulher é concebida por alguns estudiosos como um dos elementos intrínsecos ao universo das moradoras de rua de modo implícito ou explícito. Assim, a violência pode ser enfocada nos conflitos territoriais, nas práticas sexuais ou opressões de gênero entre os próprios habitantes de rua, nas intervenções materiais e simbólicas agressivas concretizadas pelos agentes urbanísticos ou no discurso, no plano da ofensa recorrente dirigida a esse segmento, o que reafirma o ciclo estigmatizante de sua imagem (Rosa; Brêtas, 2015; Biscotto *et al.*, 2016; Guerra *et al.*, 2015; Farias, 2015; Lima *et al.*, 2021; Bueno *et al.*, 2019).

Diante disso, foi escolhido como referencial teórico a Teoria das Representações Sociais (TRS) proposta por Serge Moscovici, orientando-se a partir de sua abordagem processual por Denise Jodelet, pois esta contribui para o conhecimento do fenômeno pela ótica do indivíduo a partir da sua vivência e seu sentimento de pertença ao grupo que faz parte.

### **2.3 Representações Sociais sobre a Violência Contra a Mulher em Situação de Rua**

Para a realização da revisão integrativa da literatura desse tópico, foi realizada a seguinte pergunta norteadora: “Quais as representações sociais de violência contra a mulher existentes na literatura entre mulheres em situação de rua?”. Sendo utilizada para subsidiar a pergunta norteadora, a utilização do acrônimo PICO, no qual P se refere a pessoa, problema ou população, I se refere ao fenômeno de interesse, Co é o contexto (Sousa *et al.*, 2018; Lockwood *et al.*, 2020), sendo a violência contra a mulher (P), representação social (I) e pessoas em situação de rua (Co).

A busca foi realizada durante os meses de janeiro a junho de 2023 utilizando-se os descritores pertencentes aos DeCS: “violência contra a mulher”, “pessoas em situação de rua”, “representação social”, nas bases de dados da BVS e no portal de periódicos SciELO. Os mesmos descritores adaptados para o inglês, pertencentes ao *Medical Subject Headings* (MeSH) foram utilizados na base de dados Medline através do PubMed. Foram utilizados operadores booleanos AND e OR, conforme mostra Quadro 1.

**Quadro 1.** Modelo de definição da estratégia de busca. Jequié, Bahia, Brasil, 2024

| Objetivo/<br>Problema | Quais as representações sociais sobre a violência contra a mulher em situação de rua?  |  |   |
|-----------------------|--|--|---|
|                       | P  | I  | Co  |
| Extração              | <b><i>Violência Contra a Mulher</i></b>  | <b><i>Representação Social</i></b>                                     | <b><i>Pessoas em situação de rua</i></b>                      |
| Conversão             | <i>Violence Against Women</i>  | <i>Social representation</i>   | <i>Homeless Persons</i>                                       |
| Combinação            | <i>Violence against Women OR crimes against women</i>  | <i>Theory of Social Representations</i>                                | <i>Homeless OR homeless people OR Lack of Housing</i>         |
| Construção            | <i>("Violence Against Women" OR "crimes against women")</i>  | <i>("Social representation" OR "Theory of Social Representations")</i> | <i>("Homeless" OR "homeless people" OR "Lack of Housing")</i> |
| Uso                   | <i>("Violence Against Women" OR "crimes against women") AND ("Social representation" OR "Theory of Social Representations") OR ("Homeless Persons" OR "Homeless" OR "Lack of Housing")</i> |  |   |

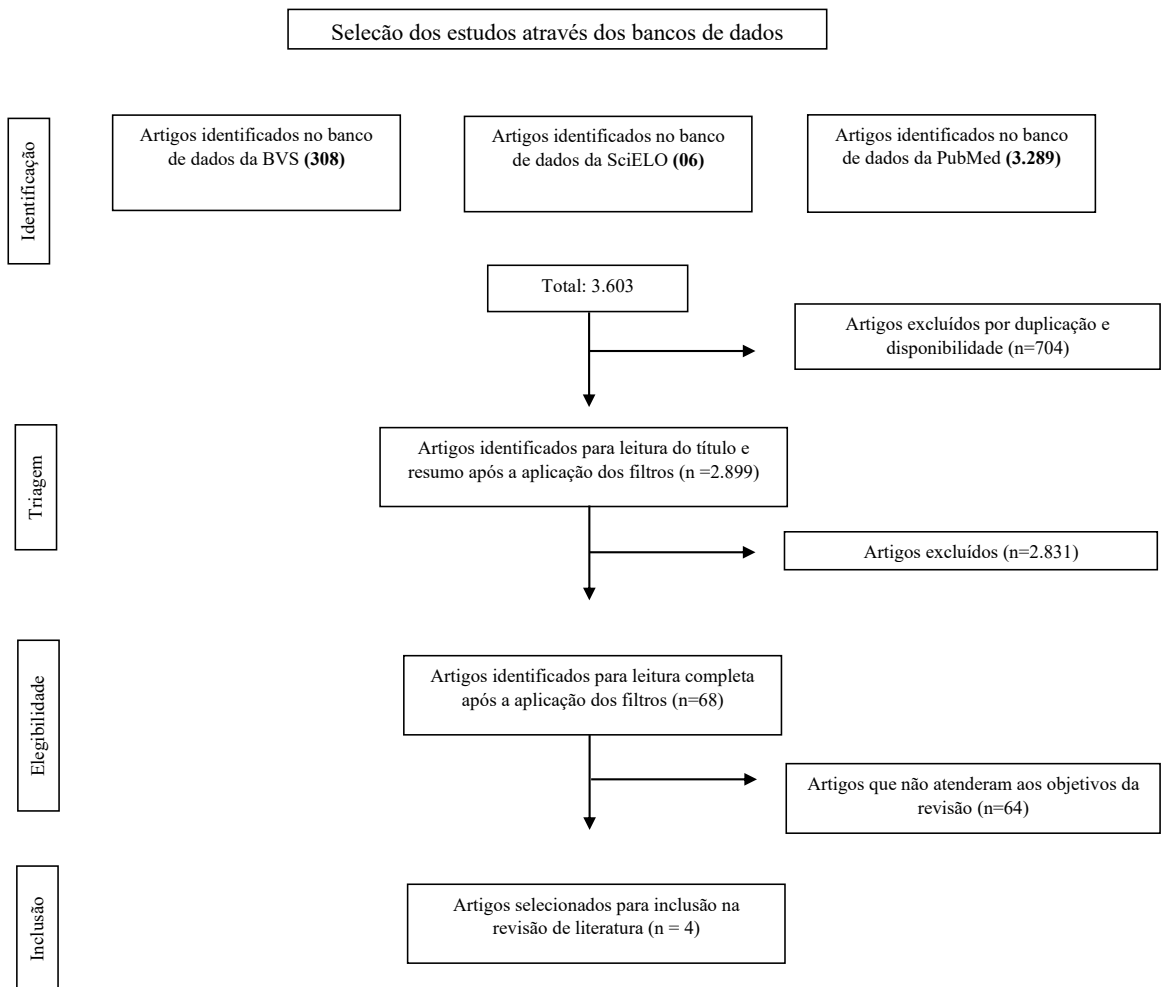
Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Utilizou-se a seguinte estratégia nas bases de dados: (*"Violence Against Women" OR "crimes against women"*) AND (*"Social representation" OR "Theory of Social Representations"*) OR (*"Homeless Persons" OR "Homeless" OR "Lack of Housing"*). Sendo utilizado como critérios de inclusão: artigo científico, disponível na íntegra, publicado entre os anos de 2014 e 20 de junho de 2024, a fim de contemplar um maior número de estudos que discutiam a temática, nos idiomas português, inglês e espanhol e que respondiam à questão de pesquisa. Os critérios de exclusão foram: artigos duplicados e outros tipos de documentos.

Foram selecionados inicialmente 3.603 artigos nas bases de dados utilizadas para este estudo. Após a primeira filtragem e exclusão dos artigos duplicados e não disponíveis na íntegra, houve uma redução para 2.899 artigos. Logo após, foi realizada a leitura dos títulos e posteriormente a leitura minuciosa do resumo de 68 artigos. Por fim, realizou-se a leitura na

íntegra dos resultados de quatro artigos, que atenderam aos critérios de inclusão estabelecidos e foram selecionados para compor esta revisão, conforme evidencia Figura 1.

**Figura 1.** Fluxograma descritor dos estudos selecionados a partir da busca nas bases de dados. Jequié, BA, Brasil, 2024.



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

As buscas evidenciaram que as representações sociais sobre a violência contra a mulher no contexto da situação de rua é um campo do conhecimento que tem despertado a inquietação dos pesquisadores e com isso tem surgido novos estudos que consideram a mulher em um contexto de vulnerabilidade social.

Contudo, a maioria dos estudos publicados no recorte temporal entre 2014 e 2024 abordaram os conteúdos das representações sociais direcionados às discussões de gênero, não conferindo à rua um olhar mais crítico, dado que as mulheres em situação de rua conhecem e convivem diariamente com a violência multifatorial nesse cenário, o que repercute diretamente nas formas de pensar, sentir e agir destas mulheres (Rosa; Bretas, 2015; Temponi *et al.*, 2022). Frente ao exposto, reafirma-se a necessidade deste estudo para apreender os conteúdos das representações sociais dessas mulheres em situação de rua sobre a temática, conferindo um olhar crítico em relação às vulnerabilidades sociais.

Os estudos de representações sociais sobre a violência contra a mulher no contexto da rua apontaram que sobreviver nas ruas, exigia que muitas mulheres construíssem relações que assegurassem a viabilidade da sua vida cotidiana, posto que sozinhas tornavam-se vulneráveis às violências presentes nesse espaço (Temponi *et al.*, 2022; Oliveira *et al.*, 2022; Silva *et al.*, 2022). De tal modo que a violência vivenciada assumia um caráter multifatorial, corroborando com um estudo cartográfico com mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, realizado entre 2010 e 2011 (Rosa; Bretas, 2015).

Temponi *et al.* (2022), mostraram que a representação social de violência relacionada à vivência afetiva apreendida no estudo, evidenciou a fragilidade da mulher, inclusive considerando as vulnerabilidades enfrentadas pelas mulheres em situação de rua. De tal modo que a escolha de um companheiro sexual nem sempre era realizada com base nas trocas de afeto, mas sim diante da necessidade de se proteger nos espaços em que se colocavam expostas e em risco de sofrerem violências coletivas.

Sob essa ótica, as mulheres em situação de rua também representavam a violência contra a mulher nesse espaço como agressão física e a relacionavam à tristeza e à dor, que podem ser decorrentes dos ferimentos e do sofrimento da mulher. Elas associavam ainda a violência sexual como maior elemento de vulnerabilidade. Por último, consideravam a agressão associada a maus-tratos e tristeza como formas de violência que podiam ser expressas por tristeza, dor e se configuravam como forma de violação de seus corpos e de seus direitos como cidadãs (Temponi *et al.*, 2022; Oliveira *et al.*, 2022; Silva *et al.*, 2022).

Em outro estudo, as representações sociais das mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher sugeriram que compreender esse espaço de violência, possibilitou a criação de estratégias de autoproteção territorial, por meio do cálculo das melhores localizações para permanência e uso dos espaços públicos urbanos, reforçando a necessidade de se construir com essas mulheres pesquisadas que dessem voz às suas subjetividades (Silva *et al.*, 2022).

Acrescido a essa ideia, as representações sociais dessas mulheres apontaram que o tempo de permanência nas ruas se caracterizava como uma forma de violência, frente à condição de vulnerabilidade a que elas estavam expostas. Logo, esta representação merece ser pensada e discutida pelas políticas públicas de atenção à população de risco como um importante fator de reflexão e elaboração das políticas de acolhimento institucional (Silva *et al.*, 2022; Temponi *et al.*, 2022).

Cabe salientar que os estudos de representações sociais sobre o fenômeno da violência contra a mulher em situação de rua, apontaram em suas discussões que habitar nas ruas se configurava como um espaço de violência praticada por pessoas intolerantes com a situação de pobreza vivida pelas pessoas em situação de rua (PSR) (Rosa; Bretas, 2015; Temponi *et al.*, 2022; Oliveira *et al.*, 2022).

Essas expressões da violência em geral, aconteciam de forma planejada, com intenções higienistas, como sugerem Temponi *et al.* (2022), dado que ela era exercida por atores sociais que vivenciavam as ruas e que se sentiam prejudicados pela presença das pessoas em situação de rua. Ressalta-se a ocorrência da violência sexual, relatada com frequência pelas mulheres que participaram do estudo, quase sempre, praticada por homens, em situação de rua ou não, e com potencial de causar danos físicos e mentais irreparáveis à mulher.

Nesse sentido, os resultados de uma pesquisa evidenciaram que a compreensão das representações sociais das mulheres sobre violência demandava um processo claro de denúncia a uma posição do insuportável diante desse cenário social, que será em grande medida desacelerado e rompido através das políticas afirmativas e interseccionalidades das práticas em políticas sociais, consolidando novas formas do fazer, baseadas ainda na acolhida, delineamento e identificação das demandas singularizadas, que muito embora pontuais, traduzem o desejo de autonomia, vida e respeito dessas mulheres (Posada-Abadía *et al.*, 2021).

Faz-se necessário enfatizar que os estudos que integraram essa revisão apontaram que as representações sociais da violência contra a mulher repercutiam na vida da mulher em situação de rua em vários aspectos, sendo eles tanto pessoais quanto sociais. Logo, a forma como cada uma delas lidava com os traumas, medos, afetividades e com a autoimagem, influenciava diretamente na sua qualidade de vida. E, ainda que trouxessem consigo histórias de superação, força e resiliência para lidar com essa problemática, torna-se emergente a realização de estudos que concedam voz às suas trajetórias no universo das ruas, como também empoderar essas mulheres a criarem uma autoproteção, seja individualmente ou de

maneira organizada entre os pares (Temponi *et al.*, 2022; Oliveira *et al.*, 2022; Silva *et al.*, 2022).

#### **2.4 Determinantes Sociais da Saúde e sua relação com a permanência de mulheres em situação de rua**

A permanência de mulheres em situação de rua no Brasil é um fenômeno complexo, resultante de múltiplos DSS, como pobreza, violência, discriminação de gênero e acesso limitado a serviços públicos, que influenciam diretamente tanto o ingresso dessas mulheres nas ruas quanto a manutenção dessa condição. Estudos recentes demonstraram que tais fatores estruturais criam um ciclo de vulnerabilidade, no qual a ausência de oportunidades, combinada com a marginalização social, aumenta o risco de doenças, violência e exclusão social prolongada (Alves *et al.*, 2024; Ribeiro, 2024).

A violência de gênero é apontada como um dos principais fatores que levam mulheres a abandonar suas residências. Muitas delas deixam o lar em virtude de abusos físicos, psicológicos ou sexuais, buscando refúgio nas ruas, o que evidencia a interrelação entre DSS e experiências de vida traumáticas. Além disso, a falta de acesso a serviços de saúde adequados e a presença de barreiras institucionais ampliam a vulnerabilidade dessas mulheres, dificultando o cuidado preventivo e a inserção em programas sociais que poderiam reduzir o tempo de permanência na rua (Nascimento, 2025; Alves *et al.*, 2024).

Outro aspecto relevante é a interseccionalidade entre gênero, classe social e raça, que intensifica a exclusão social. Mulheres negras e de baixa renda, por exemplo, enfrentam discriminação racial, dificuldade de acesso ao mercado de trabalho e insuficiência de redes de apoio social, fatores que reforçam a permanência nas ruas. Tais determinantes sociais refletem desigualdades históricas e estruturais que exigem políticas públicas integradas para romper o ciclo de vulnerabilidade (Ribeiro, 2024; Malta *et al.*, 2025).

Programas voltados especificamente para essa população, como o Consultório na Rua, têm se mostrado eficazes ao oferecer cuidados de saúde diretamente nos espaços ocupados pelas mulheres, abordando suas necessidades de forma contextualizada. No entanto, mesmo com intervenções localizadas, a ausência de políticas públicas mais amplas que considerem habitação, renda, educação e proteção contra violência limita os efeitos desses programas, evidenciando que a permanência na rua não é resultado apenas de escolhas individuais, mas de desigualdades sociais profundamente enraizadas (Medeiros; Cavalcante, 2018; Alves *et al.*, 2024).

Dessa forma, compreender os DSS é essencial para o desenvolvimento de estratégias eficazes de intervenção que promovam a equidade em saúde e a inclusão social. Assim como políticas públicas precisam levar em consideração as especificidades das mulheres em situação de rua, garantindo acesso a serviços de saúde, proteção contra violência e oportunidades de reintegração social, a fim de interromper o ciclo de vulnerabilidade e permitir que essas mulheres tenham condições de reconstruir suas vidas fora das ruas (Nascimento, 2025; Malta *et al.*, 2025).

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 A Teoria das Representações Sociais

Esta pesquisa tem a TRS como seu referencial teórico, na qual busca conhecer as representações sociais de mulheres em situação de rua, considerando que o conhecimento produzido é relativo a quem fala e de onde fala, a um grupo de pertença e não ao objeto em si, de modo a enfatizar o valor desse grupo (Moscovici, 2015).

O conceito de representação social foi pioneiramente apresentado por Serge Moscovici em seus estudos psicanalíticos na França, no final da década de 1950, uma vez que para ele as representações sociais marcam as relações entre as pessoas, os objetos que são produzidos ou consumidos e as comunicações estabelecidas (Moscovici, 2015).

Em sua obra inicial, Moscovici abordou a representação social da psicanálise a partir de variadas fontes, consolidando o conceito de representação social, legitimando-o no meio científico por meio da descrição de mecanismos psicológicos e de como eles são produzidos e modelados a partir do material representacional. Por meio dela, Moscovici demonstrou como a representação se apresenta na prática, utilizando os estudos do sociólogo francês Émile Durkheim para compor a base do desenvolvimento de sua teoria, o que resultou em uma releitura sobre o conceito de representações coletivas (Lahlou, 2019; Castro, 2019).

Convém salientar que essa abordagem teórica se fundamentou no universo das interações sociais, por meio das quais as representações sociais assumem um papel de “modalidade de conhecimento particular tendo a função de elaboração dos comportamentos e da comunicação entre os indivíduos” (Moscovici, 2012, p. 17). Desse modo, elas são construídas e se manifestam na espontaneidade do cotidiano, ou seja, onde se desenrola o acontecimento social.

Acrescido a essa ideia, os saberes mencionados também chamados de teorias do senso comum, atuam a partir de uma lógica racional e sensível, alçando suas bases na experiência cotidiana, e modificando-se de acordo com a cultura, as crenças e valores de cada sociedade (Vilamaior; Vieira, 2022). Sob essa ótica, Moscovici (2015) enfatizou que esses saberes são dinâmicos, não podendo ser concebidos como um conceito, mas sim como um fenômeno, dado que são como tecidos sem costura dos quais não é possível identificar começo ou fim, e se constituem por meio da integração e comunicação entre as pessoas.

Faz-se necessário mencionar que as representações sociais surgem quando o novo aparece, ou seja, quando algo que não se conhece e que ameaça a comunicação e interação do grupo é posto. Neste momento, sua principal função é tornar familiar o não familiar (Vilamaior; Vieira, 2022), através dos processos de ancoragem e objetivação amplamente debatidos por Moscovici ao defender que “tal ação é necessária, para dar-lhes uma feição familiar, pondo em funcionamento esses dois processos, baseados na memória e em conclusões passadas” (Moscovici, 2015, p. 60). De tal modo que integrando e formando a representação social, estes processos consistem em convencionalizar os objetos, as pessoas ou os acontecimentos (Wachelke; Camargo, 2007).

Concomitante a isso, posteriormente Moscovici apontou três condições que estão relacionadas ao conceito de representação: a de que toda representação é a representação de qualquer coisa; qualquer coisa é representação de qualquer coisa e toda representação é a representação de alguém (Moscovici, 2015). Sendo por meio das representações sociais que os indivíduos representam objetos do seu mundo (Lahlou, 2019), dessa forma é possível dizer que a teoria se baseia no funcionamento do pensamento cotidiano (Bertoni; Galinkin, 2017).

Nesse sentido, as representações sociais que fazem parte do senso comum são passíveis de serem analisadas como ciência, correspondendo às modalidades de conhecimento circulantes no meio, uma vez que ao integrarem o universo consensual, elas correspondem às formas de compreender e comunicar conhecimentos que já se possui, ou mesmo maneiras de lidar com a memória (Moscovici, 2015).

A partir dessa perspectiva, as representações sociais podem desempenhar duas funções. Em primeiro lugar, elas convencionalizam objetos, pessoas ou acontecimentos, dando-lhes uma forma definitiva, categorizando-os e classificando-os como modelo de determinado grupo de pessoas. Tais acontecimentos fazem com que até mesmo elementos novos pertençam a algo e tenham fronteiras definidas (Moscovici, 2015).

Em segundo lugar, as representações são prescritivas, se impondo de maneira irresistível mesmo antes que se adquira uma opinião, visão ou entendimento sobre algo. Ela se coloca diante de nós como uma estrutura formada e uma tradição que norteia nossos pensamentos e impõe o que deve ser pensado (Moscovici, 2015).

Para a formação de uma representação social dois processos importantes estão envolvidos, sendo eles: objetivação e ancoragem. Inserida nesse contexto, a ancoragem pode ser compreendida como o processo de classificar e dar nome a algum objeto ou pessoa. Consiste em “ancorar ideias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar” (Moscovici, 2015, p. 60-61), objetivando facilitar a compreensão e

interpretação de uma determinada realidade desconhecida. A objetivação, por sua vez, consiste no processo de materialização de algo que antes estava no plano do abstrato (Nóbrega, 2001). Ou seja, “transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico” (Moscovici, 2015, p. 61).

Considera-se, portanto, que a objetivação e a ancoragem tornarão concreto o que é abstrato, pois simplifica contextos originalmente complexos em algo que se associe ao cotidiano do indivíduo por meio de perspectivas que lhe são familiares (Trindade; Santos; Almeida, 2014).

Vale enfatizar que como arquitetura básica da representação social, Moscovici propõe a existência de três dimensões, sendo elas: informação (conceito), campo de representação (imagem) e atitude. Por informação, compreende-se a organização do conhecimento de um grupo sobre um objeto, que pode ser modificada dependendo da quantidade e da qualidade do conhecimento. Ao passo em que o campo de representação está relacionado à organização dos elementos já estruturados na representação. Enquanto a atitude diz respeito à orientação de comportamento relacionado ao objeto de representação (Moscovici, 1978).

Sabe-se que as representações sociais empreendem papel fundamental nas práticas e nas dinâmicas de uma sociedade. Nesse sentido, elencam-se quatro funções essenciais. Inicialmente, tem-se a função de saber, por meio da qual as representações sociais possibilitam entender e explicar a realidade, permitindo adquirir o conhecimento e processá-lo de maneira que se faça compreensível (Abric, 2013).

Já a função identitária, defende que as representações sociais permitem delimitar e diferenciar grupos sociais, protegendo suas características conforme sistema de normas e valores, social e historicamente construídos, propiciando assim a formação de uma identidade pessoal e social. Em terceiro lugar, a função de orientação, que considera que a representação social precede a tomada de atitude e propicia se antecipar a ela, apresentando-se dessa forma como um guia de condutas, orientando comportamentos e práticas (Abric, 2013).

Por último, encontra-se a função justificadora, por meio da qual a representação permite justificar uma determinada ação, postura e comportamento a partir da representação elaborada diante de uma dada realidade. De tal modo que possibilita a continuidade da diferenciação entre grupos, sendo um produto das relações estabelecidas ao longo do tempo (Abric, 2013). Logo, o contexto das experiências cotidianas, das culturas e das ideologias formalizadas encontra-se intimamente ligado à formação de uma representação social, e essa por sua vez associa-se a um fenômeno comum presente nas sociedades: a produção de sentido (Vala, 1993).

Vale citar que a tentativa de apreender as representações sociais através de um estudo sistemático e científico demanda algumas exigências, sendo elas: a) o objeto de estudo deve ser passível de ser representado socialmente necessitando de relevância cultural, expresso como uma forma de saber praticado, ou seja, precisa estar implicado no cotidiano das pessoas bem como, b) ser um objeto polimorfo, ou seja, que permita contradições e diferentes conceituações de acordo com o momento histórico e com os sujeitos que o representam (Vilamaior; Vieira, 2022).

Este processo de construção do objeto de pesquisa se caracteriza pela simplificação/transformação de um determinado “fenômeno do universo consensual em um problema do universo reificado” (SÁ, 1998, p. 26). Assim, ocorre um recorte da realidade a ser estudada e uma ou mais facetas do fenômeno da representação social serão captadas, considerando que elas são datadas “historicamente e produzidos por sujeitos marcados por suas inserções pessoais e sociais” (Trindade; Santos; Almeida, 2014, p. 111).

Desta forma, analisar as representações sociais das mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher, com base na TRS, possibilita a compreensão dos componentes que permeiam esse contexto de desigualdade de gênero e vulnerabilidade. Ao passo que a representação social se refere às expressões do sujeito e a simbolização do objeto, e se mantém em constante conexão entre esses dois elementos (Jodelet, 2001). Importa-se, portanto, como se constrói esse conhecimento empírico do sujeito, fruto do universo consensual, que fundamenta suas práticas e atitudes (Antunes; Mendes; Salles Filho, 2019).

Destarte, a TRS foi selecionada como alicerce em que esta pesquisa foi fundamentada, acreditando na sua contribuição de forma singular para elucidação deste fenômeno complexo: as representações sociais das mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher; à medida que busca por meio da análise das interações sociais, a compreensão da dinâmica das construções representacionais que atuam na produção e transformação deste objeto.

Acrescido a essa ideia, e dentre as abordagens da TRS, a adotada nesta pesquisa foi a abordagem processual desenvolvida por Denise Jodelet e que se mantém fiel à teoria original de Moscovici, privilegiando a história e cultura do grupo para compreensão do que lhe é representativo. Também chamada de culturalista, essa abordagem compreende as representações sociais ligadas ao seu contexto natural/real de produção, ou seja, enraizado no campo, destacando, assim, a importância de enxergá-las sempre conectadas a um contexto. Nessa direção, os conhecimentos nunca estão ancorados em abstrações, nem num vazio, mas sempre ligados a um contexto social de negociação e de trocas (Jodelet, 2005). Logo, as representações sociais são estudadas em seu meio natural e precisam ser compreendidas onde

emanam de forma espontânea, sem interferir na sua dinâmica de manifestação (Almeida, 2005).

Por conseguinte, a TRS determina que o modo como as pessoas vivenciam a violência na sociedade atual é marcado pela violência física, simbólica e estrutural desde os tempos da colonização (Rodrigues *et al.*, 2016). Dessa forma, pensa-se que, ao identificar as representações sociais de mulheres em situação de rua sobre violência contra a mulher, pode-se alicerçar novas propostas de concepções de abordagem ou modelos metodológicos de intervenção junto a esta população, no intuito de instrumentalizar o fazer técnico, com reflexão sobre a prática política e profissional e garantia dos direitos de cidadania.

### **3.2 A Abordagem Processual**

Os estudos em representações sociais perpassam três correntes teóricas: uma liderada por Denise Jodelet, em Paris; outra com perspectiva mais sociológica, por Willem Doise, em Genebra e ainda outra que aborda a dimensão cognitivo estrutural das representações, por Jean Claude Abric, em Aix-em-Provence. Essas três abordagens não visam substituir a teoria maior, mas complementá-la (Sá, 1996). Considerando esse contexto, o presente estudo utilizou como base a abordagem processual da TRS, proposta por Denise Jodelet.

Nessa perspectiva, a abordagem processual compreende as representações sociais como o estudo dos processos por meio dos quais os sujeitos e os grupos constroem e significam o mundo, integrando as dimensões sociais e culturais com a história. Permite apreender o conteúdo das representações, ou seja, seus elementos constituintes, que podem ser: informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões e imagens. E, se utiliza de métodos de enquete, entrevista, questionário ou tratamento de material verbal registrado em documento (Jodelet, 2001).

Por meio dessa abordagem, as representações sociais são compreendidas como o estudo dos processos e dos produtos, através dos quais os indivíduos constroem e interpretam seu mundo e sua vida, possibilitando a integração da subjetividade com as dimensões social, cultural e histórica (Jodelet, 2018), o que requer a articulação de elementos afetivos, mentais e sociais (Jodelet, 2001).

Cabe salientar que essa abordagem versa sobre como as representações sociais circulam entre os sujeitos e como eles as produzem, levando em consideração os aspectos constituintes das representações sociais e como elas são disseminadas, isto é, a compreensão é

de que as representações são motivadas a partir das necessidades dos diversos grupos (Banchs, 2000).

Nota-se, portanto, que como fenômenos complexos que estão sempre em atividade e agindo na vida social, as representações sociais são consideradas como um saber ingênuo, natural ou saber do senso comum, diferente daquele saber científico das academias e dos especialistas (Jodelet, 2001). Contudo, essa diferença não as torna menos importantes ou irrelevantes, pelo contrário, as representações sociais carregam suma importância pelos esclarecimentos que trazem sobre os processos cognitivos e interações sociais.

Nesse mesmo sentido, o estudo das representações sociais contribui na aproximação da vida individual mental e coletiva, sendo elas geralmente “como sistemas de interpretação, que regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais” (Jodelet, 2001, p. 5).

Dessa forma, as representações estão presentes também na difusão e assimilação dos conhecimentos, na definição de identidades pessoais e sociais, no desenvolvimento individual e coletivo, na expressão dos grupos e nas transformações sociais, sendo tanto o produto, quanto o processo de tomada da realidade exterior e de elaboração psicossocial da realidade (Jodelet, 2001).

Sob esse aspecto, as representações sociais são uma forma de saber prático que liga um sujeito a um objeto e toda representação é sempre a representação de algo (objeto) e de alguém (sujeito), sendo que as características de ambos influenciam em sua conformação. Ela estabelece com seu objeto uma relação de simbolização, tomando o seu lugar, e de interpretação, atribui-lhe significações (Jodelet, 2001).

Diante disso, o presente estudo se ocupa das representações de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher e se faz relevante considerando que a representação de cada pessoa ou grupo social reflete a sua realidade e “permite compreender a identidade, personalidade, concepção dos indivíduos, assim como aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais, na qual estão inseridos” (Santos; Dias, 2015, p. 185).

Assim como enfatiza Lahlou (2019), ao afirmar que para que uma representação seja analisada, torna-se necessário conduzir o estudo em uma pessoa viva, considerando que a representação existe necessariamente no campo prático, visto que é um mecanismo funcional.

## 4 MATERIAL E MÉTODOS

### 4.1 Tipo de Pesquisa

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, qualitativo, fundamentado na abordagem processual da TRS (Moscovici, 2015). Sabe-se que o estudo descritivo possibilita o conhecimento sobre determinado assunto e auxilia a descrição de fatos e fenômenos vivenciados na realidade. Concomitantemente, a pesquisa de cunho exploratório objetiva desenvolver e transformar conceitos em hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores, além de revelar novas pistas a problemas da realidade social, por meio de novos prismas focalizados na pesquisa (Gil, 2021).

Sob essa ótica, a característica do objeto desse estudo, por meio da investigação de cunho qualitativo, se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Logo, se aplica à história das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, que são consideradas produtos das interpretações que os indivíduos fazem sobre a forma como vivem, sentem e pensam em coletividade, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2014).

Destarte, Jodelet (2001, p. 4), enfatizou que a concepção metodológica pautada no campo das representações sociais “revela aqueles indivíduos ou grupos que os forjam e dão do objeto que representam uma definição específica”. Nota-se, portanto, que as representações sociais são estruturadas em torno de valores, opiniões, crenças, e demais elementos que se articulam em um saber social que é construído sobre determinado objeto, resultando em uma realidade comum a um ser humano ou a um grupo social.

Considerando que as representações sociais tornam o não-familiar em familiar, logo, conduzir um estudo sob o enfoque da TRS se ocupará de trazer essa familiaridade ao que se busca assimilar, possibilitando dessa forma compreendê-lo como fenômeno e descrevê-lo por meio de técnicas metodológicas (Moscovici, 2015).

Acrescido a essa ideia, também se considera como fundamentação nesse estudo a relação estabelecida entre a TRS com a discussão de gênero como categoria de análise, dado que é possível estabelecer o lugar e a função social que a mulher em situação de rua assume socialmente.

## 4.2 Local da Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida no município de Jequié, Bahia, situado no interior do estado da Bahia, cerca de 365 km da Capital de Salvador, contando com uma população estimada em 168.733 habitantes no ano de 2024 (IBGE, 2024).

Na busca pela análise das representações sociais de mulheres em situação de rua, a pesquisa teve como campo de estudo o Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua - Centro POP, o qual se caracteriza como um espaço público específico para as pessoas que usam a rua como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária (por poucos dias) ou de forma permanente (Brasil, 2011a), do município citado. Logo, a escolha do município decorreu da obtenção de um número representativo de participantes, visto que o atendimento ofertado pelo Centro Pop do município em questão, contempla as cidades circunvizinhas que não possuem o serviço.

Frente ao exposto, a escolha do Centro POP como *locus* da pesquisa se deu em função deste espaço acolher este grupo populacional sem limitação de tempo de atendimento pela equipe técnica do serviço e, por conseguinte, manter um grau de atendimento mais duradouro.

O Centro POP funciona como equipamento da Prefeitura de Jequié, coordenados pela Secretaria de Desenvolvimento Social, sendo responsáveis pelo acolhimento às pessoas em situação de rua, por meio da garantia do exercício dos direitos fundamentais que são estabelecidos pela Constituição Federal (Vale Notícias, 2022). Conta com uma equipe técnica composta por um coordenador, dois assistentes sociais, dois psicólogos, um técnico de nível superior, quatro profissionais de nível médio ou superior e dois auxiliares administrativos (Brasil, 2011a).

A aproximação com o local de estudo ocorreu por meio de visita ao Coordenador do Centro POP e assinatura do termo de autorização para início da coleta de dados, após parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e diálogo com a equipe técnica.

## 4.3 Participantes da Pesquisa

Participaram deste estudo cinco mulheres em situação de rua assistidas pelo Centro POP. No período da coleta de dados estavam regularmente assistidas cinco mulheres.

A seleção das participantes foi realizada por conveniência, através de contato prévio presencial no Centro POP com as mulheres durante o período de atividade do centro. Os critérios de inclusão adotados para a seleção das participantes foram: mulheres com idade

igual ou superior a 18 anos, que se encontravam em situação de rua e que estivessem cumprindo as demandas de assistência do Centro POP durante o período da coleta. Os critérios de exclusão foram: mulheres que não estivessem em condições cognitivas e/ou emocionais para participar da pesquisa e que não fossem localizadas após três tentativas de contato.

#### **4.4 Aspectos Éticos da Pesquisa**

Esta pesquisa obedeceu às normas das Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta e considera o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, a fim de resguardar os direitos das participantes.

Desta forma, o projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil e submetido à análise do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (CEP/UESB), tendo sido aprovado no dia 17 de junho de 2024, conforme CAAE 79251724.5.0000.0055 e parecer consubstanciado 6.891.341 (ANEXO A).

Após aprovação do CEP/UESB foi encaminhado o termo de Autorização para Coleta de Dados (ANEXO B) ao Coordenador Geral do Centro POP solicitando autorização para coleta dos dados com as mulheres em situação de rua assistidas. Após a autorização do referido CEP/UESB (ANEXO A) e do órgão competente iniciou-se a coleta de dados em julho de 2025.

Todas as entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A), obedecendo às resoluções supracitadas, explicitando os objetivos da pesquisa, riscos e as condições da sua participação, assegurando-lhes desistir a qualquer momento sem qualquer penalidade, bem como receberam uma cópia do documento.

Para maior proteção das identidades das participantes foram omitidos os nomes das participantes, com o objetivo de assegurar o anonimato e a confidencialidade das informações nas entrevistas individuais, sendo identificadas por meio da palavra “Participante”, seguida de números que corresponderam à ordem da realização das entrevistas, permitindo manter a individualidade das informações sem expor a participante, a fim de evitar qualquer prejuízo individual ou de redução do prestígio pessoal.

#### 4.5 Instrumentos e Técnicas para Coleta de Dados

Antes da aplicação definitiva do instrumento foi realizado um teste-piloto, cujo propósito foi verificar a coerência e a compreensão das questões norteadoras, também incluído na pesquisa.

O processo de coleta ocorreu de forma presencial e individual, no próprio Centro POP conforme escolha das participantes.

Inicialmente as participantes eram recrutadas presencialmente na Centro POP e eram convidadas a participar, sendo esclarecidas de antemão sobre o teor da pesquisa, sua relevância e objetivos, assim como eram informadas sobre a participação de forma livre e voluntária. Posteriormente, conforme aceite, as mulheres eram orientadas a ler e assinar duas cópias do TCLE e guardar para si uma cópia do documento.

A produção dos dados ocorreu entre julho e outubro de 2024 e foi conduzida por uma entrevista guiada por um roteiro semiestruturado (APÊNDICE B) contendo questões disparadoras em busca da apreensão das representações de mulheres em situação de rua sobre os seguintes temas (rotina e as condições de viver na rua, incluindo desafios diários e experiências pessoais; entendimento sobre violência contra a mulher e suas percepções sobre o tema; episódios de violência vivenciados; denúncia da violência vivenciada, onde procurou ajuda e como foi essa experiência; opiniões sobre a maior vulnerabilidade das mulheres em situação de rua à violência e as razões dessa exposição; experiências pessoais ou familiares com diferentes formas de violência; percepções sobre as formas de violência que pessoas que vivem em outros contextos estão sujeitas; sugestões e opiniões sobre estratégias para reduzir ou evitar a violência nas vias públicas; e, por fim, se elas acreditavam que conhecer suas histórias podia ajudar a transformar a realidade e combater a violência).

Além disso, no roteiro constava informações para a caracterização sociodemográfica (idade, situação conjugal, raça/cor autodeclarada, religião, gênero, orientação sexual, motivo para viver em situação de rua e quanto tempo está nessa situação, se tem filhos, se vive com algum familiar nas ruas, se faz uso de bebidas alcóolicas ou drogas, se tem alguma condição de saúde, escolaridade, ocupação e profissão, renda, se realiza algum acompanhamento psicológico e lazer).

A entrevista semiestruturada foi utilizada por permitir uma maior interação face a face e combinar perguntas fechadas e abertas, possibilitando que as participantes discorressem sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada (Oliveira; Guimarães;

Ferreira, 2023), assim como permitiu por meio da obtenção de informações de cada participante acessar condições estruturais, valores e normas (Minayo, 2012).

As entrevistas ocorreram em sala/espço privado no Centro POP, durante o período de funcionamento das atividades de assistência do centro, foram gravadas em um gravador de aparelho celular (Aplicativo Breefy – Gravador de voz), após consentimento das participantes; e, foram realizadas no período diurno (matutino e vespertino).

Os dados das entrevistas foram transcritos na íntegra em documento *Microsoft Word*, versão 2013, suprimindo as falas da pesquisadora em formato de um *corpus textual*, atendendo as especificidades inerentes de composição do *corpus* para processamento de dados no *software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ). Após a transcrição foram realizadas releituras e conferência dos textos diversas vezes, não sendo utilizada a gravação para outras intenções que fugissem do objetivo do estudo.

#### 4.6 Técnica para Análise de Dados

Os dados produzidos através das entrevistas foram organizados e processados pelo *software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ).

O *software* IRAMUTEQ permite que sejam realizadas análises de dados textuais, foi criado por Pierre Ratinaud, fundamenta-se no *software R* e é desenvolvido na linguagem Python. O IRAMUTEQ possibilita diferentes tipos de análises de dados textuais, dentre eles, a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e a Análise de Similitude, interfaces que foram utilizadas para análise textual nesta pesquisa (Camargo; Justo, 2013), com a finalidade de apreender os esquemas figurativos das Representações Sociais das mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher.

O método da CHD visa obter classes de segmentos de texto (STs) que, ao mesmo tempo, apresentam vocabulário semelhante entre si e vocabulário diferente dos STs das outras classes. A partir dessas análises o *software* organiza a análise dos dados em um dendograma da CHD, que ilustra as relações entre as classes. Assim como para a criação da classe de palavras, o *software* utiliza o teste qui-quadrado ( $\chi^2$ ), que infere a associação entre as palavras e a sua respectiva classe (Souza *et al.*, 2018b). Desse modo, em pesquisas sobre representações sociais, estas classes podem auxiliar na interpretação dos conhecimentos do

senso comum sobre um determinado objeto, ou ainda apenas aspectos de uma mesma representação (Camargo; Justo, 2013).

A partir dos dados obtidos através das entrevistas foram elaboradas interpretações qualitativas e discutidas à luz do referencial teórico da TRS e dos achados da literatura sobre violência contra a mulher, no intuito de compreender as representações das mulheres em situação de rua. Além disso, foram apresentados os STs mais representativos de cada classe, observando os elementos textuais com maior destaque. Os dados obtidos pelo levantamento sociodemográfico e de caracterização das participantes foram analisados a partir da estatística descritiva simples.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e discussão deste estudo foram apresentados em dois manuscritos científicos, os quais foram elaborados de acordo às normas dos periódicos selecionados. Abaixo segue o título do manuscrito, periódico que foi submetido e link das instruções aos autores.

**Manuscrito 1** - Ser mulher e resistir nas ruas: representações sociais sobre violência contra a mulher

Revista Gaúcha de Enfermagem (Qualis A3)

Instrução aos autores: <https://www.scielo.br/journal/rgenf/about/#instructions>

**Manuscrito 2** – Mulher em situação de rua e Determinantes Sociais em Saúde: estudo em Representações Sociais

Revista Texto & Contexto - Enfermagem (Qualis A2)

Instrução aos autores: <https://www.scielo.br/journal/tce/about/#instructions>

## 5.1 Manuscrito 1

### **Ser mulher e resistir nas ruas: representações sociais sobre violência contra a mulher**

Being a woman and resisting in the streets: social representations of violence against women

Ser mujer y resistir en las calles: representaciones sociales de la violencia contra las mujeres

### **RESUMO**

**Objetivo:** Aprender as representações sociais de mulheres em situação de rua sobre violência contra a mulher.

**Método:** Estudo qualitativo, descritivo-exploratório, com base na Teoria das Representações Sociais. Realizado com cinco mulheres em situação de rua de uma unidade socioassistencial, no interior da Bahia. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, entre julho e outubro de 2024 e processados no *software* IRAMUTEQ pela interface Classificação Hierárquica Descendente.

**Resultados:** Os resultados mostraram que as representações sociais das mulheres em situação de rua estão organizadas em torno do processo de luta pela sobrevivência nas ruas, assim como pela naturalização das formas de violência como componente inerente a habitar nesses espaços, sendo o homem considerado o principal agressor. Evidenciando a desigualdade social e os anseios por direitos básicos e reconhecimento.

**Conclusão:** Apreende-se que as representações sociais das mulheres em situação de rua expressam a naturalização, o medo e a descrença em denunciar as formas de violência contra a mulher que vivenciam nas ruas, por associar a violência como parte inerente à rotina da realização.

**Descritores:** Violência contra a Mulher. Pessoas em Situação de Rua. Representação Social.

### **ABSTRACT**

**Objective:** Understand the social representations of homeless women about violence against women.

**Method:** Qualitative, descriptive-exploratory study, based on the Theory of Social Representations. Conducted with five homeless women from a social assistance unit, in the interior of Bahia. Data were collected through semi-structured interviews, between July and October 2024 and processed in the IRAMUTEQ software through the Descending Hierarchical Classification interface.

**Results:** The results showed that the social representations of homeless women are organized around the process of fighting for survival on the streets, as well as the naturalization of forms of violence as an inherent component of living in these spaces, with men being considered the main aggressors. This highlights social inequality and the desire for basic rights and recognition.

**Conclusion:** It is understood that the social representations of women living on the streets express the naturalization, fear and disbelief in reporting the forms of violence against women that they experience on the streets, by associating violence as an inherent part of the routine of living on the streets.

**Descriptors:** Violence against Women. Homeless People. Social Representation.

## RESUMEN

**Objetivo:** Comprender las representaciones sociales de las mujeres en situación de calle sobre la violencia contra la mujer.

**Método:** Estudio cualitativo, descriptivo-exploratorio, basado en la Teoría de las Representaciones Sociales. Se realizó con cinco mujeres en situación de calle de una unidad de asistencia social del interior de Bahía. Los datos se recopilaron mediante entrevistas semiestructuradas entre julio y octubre de 2024 y se procesaron en el software IRAMUTEQ mediante la interfaz de Clasificación Jerárquica Descendente.

**Resultados:** Los resultados mostraron que las representaciones sociales de las mujeres en situación de calle se organizan en torno a la lucha por la supervivencia en la calle, así como a la naturalización de las formas de violencia como un componente inherente a la vida en estos espacios, siendo los hombres los principales agresores. Esto pone de relieve la desigualdad social y el anhelo de derechos básicos y reconocimiento.

**Conclusión:** Se entiende que las representaciones sociales de las mujeres que viven en situación de calle expresan la naturalización, el miedo y la incredulidad en denunciar las formas de violencia contra las mujeres que viven en la calle, al asociar la violencia como parte inherente de la rutina de vivir en la calle.

**Descriptor:** Violencia contra una mujer. Personas en situación de calle. Representação Social.

## INTRODUÇÃO

Mulheres em situação de rua chegam a esse contexto por múltiplas razões – rompimento de vínculos familiares, pobreza extrema, violência doméstica ou uso problemático de substâncias – e, independentemente do motivo, estão expostas a uma violência que se expressa de forma física, psicológica, sexual e simbólica, sendo esta potencializada pelas desigualdades de gênero já presentes na sociedade<sup>(1)</sup>. Essa combinação de fatores amplia a vulnerabilidade e torna a rua um espaço de alto risco para agressões, exploração e violação de direitos humanos<sup>(2)</sup>.

A violência contra a mulher, quando vivenciada por quem não possui moradia, é marcada por descrédito social, medo de represálias e ausência de proteção institucional, o que dificulta a denúncia e perpetua o ciclo de silêncio<sup>(3)</sup>. Pesquisas apontam que a invisibilidade social e a estigmatização fazem com que muitas dessas mulheres evitem relatar as agressões, seja por receio de perder poucos recursos de sobrevivência, seja pela falta de confiança nas instituições de apoio<sup>(4)</sup>.

Apesar de tamanha vulnerabilidade, emergem estratégias de resistência e sobrevivência: formação de redes de apoio entre mulheres, ocupação de espaços coletivos mais seguros, negociação de limites com parceiros ou grupos da rua e o uso criativo de serviços públicos de acolhimento para garantir algum nível de proteção<sup>(5)</sup>. Tais estratégias

revelam potência e agência, mostrando que, mesmo em cenários de exclusão extrema, essas mulheres elaboram práticas de autocuidado e enfrentamento que precisam ser reconhecidas e apoiadas pelas políticas públicas<sup>(6)</sup>.

A violência contra a mulher permanece mundialmente reconhecida como um importante problema que envolve a tomada de decisão de ações coordenadas entre governos, organizações sociais e a sociedade em geral para seu enfrentamento, em decorrência dos danos físicos, psicológicos e/ou sofrimento que são causados à mulher<sup>(7)</sup>. No Brasil, os últimos anos registraram um aumento significativo nos casos de violência contra a mulher, em especial em relação as mulheres que vivenciam o processo de rualização<sup>(8,9)</sup>.

Habitar nas ruas é considerado um fenômeno social<sup>(10-14)</sup> que está cada vez mais crescente em relação ao número de pessoas vivendo nas ruas, em especial, as mulheres<sup>(8)</sup>. O que vem suscitando reflexões, posicionamentos e quebras de estigmas sociais, assim como tem assumido cada vez mais destaque nas discussões científicas atuais decorrente da inquietação de pesquisadores e profissionais que atuam diretamente com essa parcela da população<sup>(8,10)</sup>, na tentativa de compreender como funciona o universo feminino das mulheres em situação de rua<sup>(7,8,13,14)</sup>.

É fato que essa população está exposta a vários desafios para existir e resistir nas ruas. Entre eles, destaca-se a violência contra a mulher<sup>(7,8)</sup>, o preconceito, a invisibilidade social, a falta de acesso a políticas públicas, a desigualdade e a vulnerabilidade social<sup>(10,15,16)</sup>. Os estudos<sup>(7,8,10,13,15)</sup> sugerem que essa população se caracteriza por ser heterogênea, ampla, complexa e permeada por histórias de vidas singulares, ao passo em que é marginalizada, silenciada, invisibilizada pela sociedade e pelas políticas públicas.

Destarte, é no contexto social da situação de rua que se desdobra essa pesquisa, a fim de compreender de um lado a vivência da violência a partir da mulheres e, por outro, a partir da ótica da Teoria das Representações Sociais (TRS)<sup>(17,18)</sup> compreender como elas, como sujeitos social, coletivo e político, pensam, sentem e agem diante da violência estando na situação de rua<sup>(19,20)</sup>.

Outrossim, pensar sobre o universo feminino dessas mulheres em situação de rua sob a ótica da violência contra a mulher é admitir que ela atinge um elevado número de mulheres e impacta os aspectos individuais, sociais e econômicos de suas vidas<sup>(8,10,15,20)</sup>. Ao passo em que ser mulher nesse cenário é estar exposta e ser alvo de discriminação e preconceito que passam pela invisibilidade perante as políticas públicas, bem como por processos de exclusão e por ações violentas praticadas na rede de relações que existem no contexto da rua<sup>(8-10)</sup>.

Em face à TRS e sua aplicabilidade a este estudo sobre as representações de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher, revela também a luta dessas mulheres para sobreviver nas ruas e como elas representam a violência contra a mulher. A teoria possibilita desvendar fenômenos do conhecimento do universo consensual e entre as relações sociais, como também suas ações frente a eles. Encontrar pistas a partir do pensamento social de quem vivencia a problemática está alinhado à construção de caminhos para a efetividade no enfrentamento da violência<sup>(18)</sup>.

Apesar da relevância dessa relação, os estudos anteriores<sup>(10,13,15,16,19,20)</sup> se concentram principalmente em estudar como a violência contra a mulher afeta mulheres em situação de rua em grandes capitais brasileiras, indicando a necessidade de investigação adicional no contexto das cidades que não estão localizadas nas áreas metropolitanas.

Aprofundar o entendimento das representações de mulheres em situação de rua do interior baiano sobre a violência contra a mulher permitirá aos profissionais das mais diversas áreas desenvolverem intervenções mais precisas e eficazes, adaptadas às necessidades específicas dessas mulheres. Portanto, o estudo contribui teoricamente e oferece um direcionamento prático para aplicar esse conhecimento em intervenções eficazes. Assim, este estudo tem como objetivo apreender as representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher.

## **MÉTODO**

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, descritivo-exploratória, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (parecer nº 6.891.341/2024; CAAE 79251724.5.0000.0055), em conformidade com a Resolução nº 466/2012 e com as diretrizes do *Consolidated criteria for reporting qualitative research* (COREQ).

Quanto ao referencial teórico adotado, utilizou-se a fundamentação teórica e filosófica da TRS orientando-se a partir de sua abordagem processual por Jodelet pois esta contribui para o conhecimento do fenômeno pela ótica do indivíduo a partir da sua vivência e seu sentimento de pertença ao grupo que faz parte<sup>(17)</sup>.

Concebe-se, no presente estudo, que essa abordagem teórica se fundamenta no universo das interações sociais, por meio das quais as representações sociais são construídas e se manifestam na espontaneidade do cotidiano, ou seja, onde se desenrola o acontecimento social<sup>(18)</sup>. Elas surgem quando o novo aparece, ou seja, quando algo que não se conhece e que ameaça a comunicação e interação do grupo é posto<sup>(21)</sup>.

A característica do objeto desse estudo, por meio da investigação de cunho qualitativo, se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, permitindo apreender um universo de histórias das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, que são consideradas produtos das interpretações que os indivíduos fazem sobre a forma como vivem, sentem e pensam em coletividade, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis<sup>(22)</sup>.

A pesquisa foi desenvolvida em 2024, em equipamento da Proteção Social Especial de Média Complexidade do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), destinado ao atendimento de pessoas em situação de rua, em município do interior da Bahia. A instituição se configura como uma unidade socioassistencial destinada a atender pessoas em situação de rua, oferecendo acolhimento, por meio da garantia do exercício dos direitos fundamentais que são estabelecidos pela Constituição Federal Brasileira<sup>(11,23)</sup>. Destacam-se os serviços ofertados de alimentação, higiene pessoal, apoio na obtenção de documentos, guarda de pertences e informações sobre direitos e oportunidades de trabalho. Tais práticas são destinadas a qualquer público que habite nas ruas, independente de faixa etária e crença<sup>(11)</sup>.

Participaram da pesquisa cinco mulheres, selecionadas pelos critérios de elegibilidade de ter idade igual ou superior a 18 anos, estar em situação de rua, ser atendida na referida instituição durante o período da coleta. Não participaram da pesquisa mulheres que não estavam em condições cognitivas e/ou emocionais ou que não foram localizadas após três tentativas de contato.

Utilizou-se como estratégia de seleção das participantes o método por conveniência, através do contato pessoal. No primeiro contato da pesquisadora com as mulheres elegíveis, confirmava-se os critérios de elegibilidade e prosseguia-se com o convite e as explicações sobre a pesquisa.

Os dados foram coletados pela pesquisadora principal (mestranda em Enfermagem e Saúde que realizou estágio na referida Instituição no período da graduação em Assistência Social em 2018) no período de julho a outubro de 2024. O convite às mulheres indicadas pela gestão da instituição foi realizado de forma presencial, no qual foi apresentado e esclarecido o objetivo da pesquisa e as informações citadas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Quando a participante aceitava o convite, a entrevista era agendada em local de sua preferência e de acordo com a disponibilidade de ambas. O número de agendamentos com cada mulher variou de um a três, em virtude da dinâmica que tipifica a rotina da instituição e acesso das mulheres ao espaço físico. O tempo de duração média das

entrevistas foi de 15 minutos, tempo influenciado pela dificuldade de algumas participantes em detalhar suas respostas, em razão das características de sua vivência em situação de rua.

Como forma de garantir o anonimato, as participantes foram nomeadas pela palavra Participante seguida de números que respeitavam a ordem da realização das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas em um local reservado, de escolha das participantes e abordaram perfil sociodemográfico, vivências de rua e percepções sobre violência contra a mulher. Foram gravadas em um dispositivo eletrônico (aparelho celular), transcritas e processadas no *software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRAMUTEQ)*, utilizando-se a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) para análise lexical<sup>(24)</sup>.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo cinco mulheres com idade média de 40 anos, variando entre 30 e 57 anos. Quanto à raça/cor autodeclarada, três delas se identificaram como pardas e duas como pretas. Todas se reconheceram como cisgênero e orientação sexual heterossexual. Em relação à escolaridade, uma participante era analfabeta, três haviam concluído apenas o Ensino Fundamental I e uma possuía o Ensino Fundamental II. No que se refere ao estado civil, três eram solteiras, uma era viúva e uma vivia em união consensual. Todas declararam professar a religião católica.

As ocupações predominantes incluíram catadoras de material reciclável (2), faxineiras (2) e mendicantes (2), sendo que elas exerciam mais de uma ocupação, todas estavam em acompanhamento psicológico e tinham a renda complementada por programas sociais como o Bolsa Família e o Benefício de Prestação Continuada (BPC).

Quatro das cinco mulheres eram mães, evidenciando responsabilidades familiares. Relataram uso de substâncias psicoativas — álcool, cocaína, maconha, crack e cigarro — com sobreposição de tipos, o que sugere um padrão de consumo generalizado. Apesar disso, nenhuma referiu problemas de saúde específicos e apenas duas mencionaram acesso a atividades de lazer.

Embora o grupo tenha sido composto de forma heterogênea em relação aos aspectos sociodemográficos, destaca-se que as cinco mulheres que participaram da pesquisa se identificaram como pretas ou pardas. Sabe-se que a raça/cor, como um marcador social,

traz consigo desigualdades significativas em saúde quando comparadas à população branca<sup>(25)</sup>.

Ao considerar a interseccionalidade, percebe-se que as mulheres negras lidam não apenas com os fatores de vulnerabilidade comuns a todas as mulheres, como a sobrecarga de papéis sociais, a discriminação de gênero e a exposição a diversas formas de violência (física, psicológica, patrimonial e sexual), mas também com as variadas manifestações de racismo (estrutural, institucional, religioso, cultural e ambiental). Essa realidade as impõem desafios adicionais em seu dia a dia, influenciando suas condições de vida e saúde<sup>(26,27)</sup>. Além disso, as mulheres pretas ou pardas frequentemente enfrentam uma maior exposição a essas dificuldades, evidenciando a interseccionalidade entre raça e gênero<sup>(25)</sup>.

No que concerne à CHD, foram identificadas 681 palavras distintas, distribuídas em 78 STs, o que representou um aproveitamento de 83,88% do *corpus* analisado (Figura 1). O número total de ocorrências no *corpus* foi de 2.727, o que inclui todas as palavras repetidas ao longo das entrevistas. Além disso, foram identificados 382 *hapax*, ou seja, palavras que apareceram apenas uma vez no *corpus*.

A interface classificou o *corpus* hierarquicamente, sendo subdividido em dois eixos e quatro classes, que expressam as classes lexicais que conformam as representações de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher. A Figura 1 representa o dendrograma oriundo do processamento em CHD, sendo o *corpus* equiparado por meio de classificações que indicam o grau de semelhança entre os temas conforme o índice qui-quadrado, estando associado ao impacto de cada palavra na classe.

Após a geração da CHD, para fins de análise temática, a partir das quatro classes apresentadas no gráfico, foram definidos dois eixos temáticos principais e um subeixo: o eixo 1, composto pela classe 4; o eixo 2, formado pela classe 1; e, um subeixo com as classes 2 e 3. O eixo 1 abrange as temáticas relacionadas à violência, sendo a classe 4 referente ao ciclo de violência familiar e social. Enquanto o eixo 2, representado pela classe 1 aborda aspectos de violência e silenciamento. Já o subeixo contempla questões ligadas à desigualdade, invisibilidade social (classe 2) e estratégias de sobrevivência e resistência (classe 3). Dessa forma, os grandes temas analisados foram: violência vivenciada por mulheres em situação de rua e falta de políticas públicas, invisibilidade social e estratégias de sobrevivência.

**Figura 1** – Dendrograma referente às classes temáticas das representações sociais de mulheres em situação de rua sobre violência contra a mulher obtidas pelo *software* IRAMUTEQ, Bahia, Brasil, 2025.

| Classe 4 – Ciclo de Violência Familiar e Motivações para morar na rua<br>(19/65)<br>29,23% |    |                |     | Classe 1 – Violência e Estratégias de Resistência<br>(16/65)<br>24,62% |    |                |     | Classe 2 – Exclusão social e Efetivação das Políticas Públicas<br>(19/65)<br>29,23% |   |                |     | Classe 3 – Atuação do Estado e Ser mulher nas ruas<br>(11/65)<br>16,92% |    |                |    |
|--|----|----------------|-----|--|----|----------------|-----|---|---|----------------|-----|---|----|----------------|----|
| Palavra  | F  | X <sup>2</sup> | %   | Palavras   | F  | X <sup>2</sup> | %   | Palavra   | F | X <sup>2</sup> | %   | Palavra   | F  | X <sup>2</sup> | %  |
| Físico   | 9  | 17             | 88  | Ficar  | 5  | 16             | 100 | Gente   | 4 | 16             | 47  | Querer  | 13 | 23             | 61 |
| Sexual   | 8  | 14             | 87  | Preferir   | 4  | 13             | 100 | Tirar   | 0 | 9              | 83  | Viver   | 11 | 7              | 45 |
| Agressão   | 5  | 13             | 100 | Falar  | 13 | 11             | 61  | Respeito  | 6 | 7              | 100 | Rua   | 38 | 5              | 26 |
| Pai  | 5  | 13             | 100 | Ameaçar  | 3  | 9              | 100 | Rua   | 3 | 7              | 42  | Ajudar  | 4  | 3              | 50 |
| Violento   | 5  | 13             | 100 | Denunciar  | 5  | 8              | 80  | Morar   | 3 | 4              | 50  | Precisar  | 5  | 2              | 40 |
| Mãe  | 7  | 12             | 85  | Pior   | 4  | 5              | 75  | Medo  | 8 | 4              | 75  | Ninguém   | 7  | 9              | 57 |
| Mulher   | 12 | 9              | 66  | Polícia  | 3  | 2              | 66  | Proteger  | 1 | 2              | 66  |   |    |                |    |
| Psicológico  | 6  | 9              | 83  | Ouvir  | 3  | 2              | 66  | Prefeito  | 6 | 2              | 66  |   |    |                |    |
| Sofrer   | 8  | 9              | 75  | Espancar   | 3  | 2              | 66  | Estuprar  | 4 | 2              | 66  |   |    |                |    |
| Bater  | 13 | 8              | 61  | Apanhar  | 6  | 2              | 50  | Combater  | 3 | 2              | 66  |   |    |                |    |
| Violência  | 34 | 4              | 41  | Homem  | 9  | 2              | 44  | Cidade  | 3 | 2              | 66  |   |    |                |    |
| Ameaça   | 4  | 4              | 75  |  |    |                |     | Ajuda   | 3 | 2              | 66  |   |    |                |    |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados adaptados do *software* IRAMUTEQ, 2025.

### Classe 1 — Violência e Estratégias de Resistência

Essa classe, constituída por 24,62% dos STs (16 segmentos do total de 65), destaca a relação entre sofrer a violência, o medo de denunciar e as diferentes estratégias adotadas para resistir à violência sofrida. Palavras como “ficar, preferir, falar, ameaçar, denunciar, pior, polícia, ouvir, espancar, apanhar e homem” indicam uma escolha por não relatar agressões, seja por medo ou descrença nas autoridades. Isso pode ser observado nos STs a seguir:

*Mas já fui abusada na rua e ainda espancada, já tive minhas roupas tudo queimada por um namorado louco, fora quando a gente ganha dinheiro e tem que dar pros vigias, aí sim é violência ficar sem nada e ainda ser ameaçada (Participante 2, 30 anos; Score: 52.83).*

*[...] já denunciei no CAPS, mas não deu em nada e ainda chamaram o homem pra falar, aí que apanhei de novo e com minha mãe também falaram pra ela que ela me bateu (Participante 2, 30 anos; Score: 31.74).*

*[...] mas nunca fiz sendo bem sincera, a gente tem medo de denunciar, eu tenho até hoje quando apanho na rua prefiro dizer que caí aqui pras meninas do POP do que falar que apanhei, porque tudo vira confusão (Participante 1, 57 anos; Score: 47.69).*

*[...] que chumbo trocado não dói. Porque quando a gente bebe e fuma, o pessoal não dá muita atenção ao que a gente fala, então prefiro bater do que ficar indo atrás de polícia (Participante 3, 35 anos; Score: 63.67).*

*[...] e já fui ameaçada, na verdade sou ameaçada todos os dias, mas nem ligo mais [...] eu denunciei na polícia, na DEAM, mas não de em nada, porque eu não sabia descrever direito o homem (Participante 3, 35 anos; Score: 29.96).*

Nas falas oriundas desta classe, nota-se que as estratégias utilizadas pelas mulheres que objetivam interromper a violência e os conflitos oriundos de seus agressores, assim como as estratégias de enfrentamento adotadas por elas que acabam revelando uma certa aceitação da violência em virtude de fatores como estigma social, medo de represálias e descrédito nas instituições, e desta forma acabam na maioria das vezes hesitando em denunciar tais agressões. Esse receio pode ser exacerbado pela falta de acesso a informações sobre seus direitos e aos serviços disponíveis para apoio, ou até mesmo conhecimento da rede de enfrentamento à violência contra a mulher.

Nota-se, portanto, que no primeiro momento, as mulheres em situação de rua e de violência tentam resolver por si mesmas a situação de violência, reagindo às agressões com agressões, justificando as marcas da violência ou até mesmo aceitando as formas de violência por desacreditar que a denúncia resolveria o problema. Estudos apontaram que apenas quando tais tentativas falham, as mulheres em situação de rua e de violência procuram assistência perante as unidades públicas da Assistência Social, familiares, amigos ou finalmente buscam ajuda nas Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAMs) <sup>(13,20,26,28)</sup>. Esses achados sugerem que a mulher em situação de rua tem medo de denunciar os episódios de violência que vivenciam, por não confiarem na proteção do Estado e nos encaminhamentos que as autoridades dão a essas denúncias<sup>(13)</sup>.

Constatou-se através das falas das participantes da pesquisa que a violência está diretamente relacionada à rotina da realização. No entanto, muito embora a violência esteja imbricada na rotina diária de mulheres em situação de rua, a maioria enfrenta esse fenômeno

por conta própria, evidenciando o medo da exposição ou represálias, a falta de confiança na justiça e o medo do próprio agressor ou agressora.

## **Classe 2 — Exclusão Social e Efetivação das Políticas Públicas**

Composta por 29,23% dos STs (19 segmentos), essa classe aborda a falta de efetivação das políticas públicas e o sentimento de invisibilidade das pessoas em situação de rua. Palavras como “gente, tirar, respeito, rua, morar, medo, proteger, prefeito, combater, cidade e ajuda” indicam uma luta por reconhecimento e proteção. Os STs a seguir reforçam a análise:

*Rapaz, só se tirar a gente da rua [...] O povo nem acha que a gente é ser humano, trata mal mesmo, todo dia alguém joga uma coisa em mim na rua, já acostumei (Participante 2, 30 anos; Score: 63.68).*

*[...] mas pra combater só se você trazer o prefeito pra ver a gente [...] mas acho que só se tirar a gente da rua, acho que não só conhecer não, porque muita gente conhece e não faz nada (Participante 2, 30 anos; Score: 55.43).*

*Acho que só acaba a violência assim, saindo das ruas, não diria transformar, mas pode fazer a gente entender que tem que sair da rua e lutar pelos nossos direitos, falta muito isso na gente, confiança e coragem pra mudar nossa realidade (Participante 5, 39 anos; Score: 41.81).*

*A gente precisa de mudança de verdade nas ruas, organização nas ruas e que os governantes olhem pras ruas com respeito, porque também somos da cidade mesmo sendo excluídos (Participante 4, 39 anos; Score: 42.05).*

*Viver na rua dói, machuca, tira da gente o respeito pela gente mesmo, faz a gente se sentir um cachorro sabe, às vezes nem um cachorro, porque com ele o pessoal ainda chama, dá água e até comida agora o pessoal dá (Participante 1, 57 anos; Score: 49.28).*

Tais circunstâncias foram demarcadas por sentimentos negativos e sugerem um esforço por parte das mulheres em ser vistas e protegidas nas ruas. Vale destacar que a situação de mulheres vivendo nas ruas é profundamente influenciada por diversos determinantes sociais de saúde (DSS)<sup>(30)</sup>. A pobreza, marcada pela falta de acesso a recursos básicos e oportunidades, é um dos principais fatores que conduzem muitas mulheres à condição de rua. Ressalta-se a desigualdade de gênero como agravante da situação, pois mulheres em contextos empobrecidos enfrentam maiores riscos de violência doméstica, exploração sexual e discriminação, o que pode levar à marginalização e, eventualmente, à vida nas ruas. Além disso, a ausência de suporte social e redes de apoio, combinada com a falta de acesso a serviços de saúde adequados, contribui para a vulnerabilidade dessas mulheres<sup>(8,10,12,15,19,30)</sup>.

Nesse contexto de vulnerabilidade social, estudos sugerem que os DSS que mais influenciam na ocorrência da violência contra a mulher se relacionam ao baixo nível de escolaridade, condição socioeconômica desfavorável e desemprego, o que afetam as mulheres não só fisicamente, mas psicologicamente <sup>(8,10,19,28,30)</sup>.

Conforme discutido na literatura, a prostituição e o uso de drogas ilícitas também são determinantes críticos, expondo mulheres a condições de vida precárias, violência física, sexual, moral e psicológica, além de sérios problemas de saúde física e mental<sup>(8,12,15)</sup>. Esses fatores, interligados, criam um ciclo de vulnerabilidade que dificulta a saída das mulheres da situação de rua, ressaltando a necessidade de abordagens integradas que considerem os múltiplos aspectos sociais, econômicos e de saúde que contribuem para essa realidade<sup>(8,19,28,30)</sup>.

Estes dados reforçam a necessidade de efetivação de políticas públicas em setores como educação, saúde, habitação e trabalho, o que expressa mais uma forma de violência e desigualdade social vivenciada pelas mulheres em situação de rua, resultando em um sentimento de invisibilidade, silenciamento e exclusão social<sup>(28,30)</sup>.

### **Classe 3 — Atuação do Estado e Ser mulher nas ruas**

A Classe 3, que representa 16,92% dos STs (11 segmentos), aborda a realidade cotidiana de ser mulher e resistir nas ruas e reforça a ausência do Estado pela falta de efetivação das políticas. Palavras como “querer, viver, ajudar, precisar e ninguém” refletem a luta diária para sobreviver e a falta de apoio efetivo, isso pode ser notado nas falas das entrevistadas:

*Na rua tudo é mais complicado, combater teria que mudar toda a organização da rua e ninguém quer ter esse trabalho, acho que a gente precisa conhecer mais nossos direitos pra aí sim evitar a violência na rua (Participante 4, 39 anos; Score: 41.89).*

*[...] A vida já tá muito difícil, acho porque a gente já vive na violência da rua, aí junta o povo que quer bater na gente quando a gente deita em frente de loja, grita, ameaça, chama logo a polícia. (Participante 1, 57 anos; Score: 47.51).*

*[...] mas com a gente da rua parece que somos transparentes, somos ignorados, desrespeitados, somos tipo os leprosos da bíblia sabe, ninguém quer a gente por perto, eu diria que viver na rua é desumano, é uma violência contra qualquer pessoa (Participante 1, 57 anos; Score: 36.41).*

*A mulher que vive na rua ela já está sendo violentada pelos governantes porque a rua não é lugar de ninguém morar, a violência já começa aí (Participante 5, 39 anos; Score: 24.50).*

*Se tivessem mil formas de violência a gente estaria exposto à todas, viver nas ruas é desumano, um perigo diário (Participante 5, 39 anos; Score: 13.41).*

As falas das mulheres em situação de rua evidenciaram que viver nas ruas é um reflexo desumano da fragilidade de nosso sistema social, o que corrobora com pesquisas<sup>(13,28)</sup> ao afirmarem que as mulheres que fazem das ruas seu espaço de moradia, precisam resistir para existir e sobreviver, pois são afetadas em várias esferas da vida, contemplando aspectos pessoais e sociais, e estes influenciam muito o projeto e a qualidade de vida.

De tal modo, embora suas trajetórias de vida apresentem semelhanças e diferenças, tornou-se claro em seus relatos que ser mulher nas ruas exige de cada uma delas um sentimento de autoproteção e de valorização de si. Suscitando a necessidade do fortalecimento e do empoderamento feminino, para que assim elas possam ter acesso aos seus direitos, por meio das políticas públicas institucionalizadas e regulamentadas, e principalmente ao exercício da cidadania. Para tanto, compete ao Estado a garantia efetiva dos processos de inserção, fortalecimento e regulação das práticas sociais emancipatórias, que necessitam de políticas transversais e interseccionais que dialoguem com a realidade, considerando as mulheres em processo intenso em suas singularidades<sup>(8,10,28,29)</sup>.

Na mesma direção desse resultado, estudos verificaram que a falta de apoio familiar e/ou institucional, assim como a dependência financeira para o seu sustento e para o dos filhos, são motivos que justificaram o fato de algumas mulheres não conseguirem enfrentar essa situação e sair das ruas. Logo, as relações pessoais e sociais funcionaram como suporte para enfrentamento das dificuldades e situações de risco que ameaçavam ou danificavam o bem-estar e a qualidade de vida das mulheres em situação de rua. Ademais, essa rede de apoio possibilita superar as condições de violência contra a mulher e vulnerabilidade que a realização oferta<sup>(8,13,19,20,28)</sup>.

#### **Classe 4 — Ciclo de Violência Familiar e Motivações para morar na rua**

A Classe 4, que representa 29,23% dos STs (19 segmentos), destaca as múltiplas formas de violência sofridas dentro e fora de casa, e identifica as motivações dessas mulheres para morar na rua. Palavras como “físico, sexual, agressão, pai, violento, mãe, psicológico, sofrer e bater” indicam um ciclo contínuo de abuso que se perpetua no ambiente familiar e social como pode ser visto nos fragmentos a seguir:

*Meu pai é violento demais e minha mãe aceitava tudo dele e eu não quis aceitar mais por isso saí de casa [...] em casa eu sofria agressão física, ameaça, abuso psicológico e abuso financeiro (Participante 3, 35 anos; Score: 108.99).*

*Eu mesma saí de casa por causa de conflito. Meus pais me batiam demais, principalmente meu pai, tudo era porrada, não podia fazer nada (Participante 3, 35 anos; Score: 37.98).*

*Ah demais, eu nasci, vivi e vivo na violência. Meu pai batia na minha mãe e me batia, e meu falecido marido também me batia direto, até o dia que não aceitei mais e devolvi (Participante 1, 57 anos; Score: 68.16).*

*Eu sempre e minha mãe também. Cresci vendo minha mãe apanhar dos vigias, dos homens que moram nas ruas e até de mulheres, porque mulher também faz violência contra a mulher (Participante 2, 30 anos; Score: 50.00).*

*Principalmente a violência sexual, violência física, violência patrimonial e violência psicológica. Na rua ninguém é dono de si e nem de seus pertences [...] ninguém deveria morar na rua (Participante 5, 39 anos; Score: 47.22).*

Observa-se que as histórias de vida que precedem a situação de rua são notadamente marcadas por um histórico de pobreza, experiências de violência no âmbito familiar, problemas de saúde mental, dependência de álcool e outras substâncias, além de carência de afeto e rupturas nos laços familiares e sociais. Nessa direção, cada mulher deste estudo enfrentou, ao menos, duas dessas adversidades.

Nas trajetórias de vida das mulheres em situação de rua, as pesquisas sugerem que é importante destacar os conflitos de forças e poderes dentro do contexto familiar. Muitas vezes, parentes e companheiros tentaram impor um controle sobre suas vidas, o que limitou suas escolhas e, em algumas situações, dificultou a conquista da autonomia, propiciando que as mulheres enxergassem as ruas como um espaço de liberdade e autonomia<sup>(7,8,10,13,28)</sup>.

Essas observações são corroboradas por estudos, que mostraram que a condição de estar em situação de rua entre as mulheres é frequentemente resultado de agressões e violências, incluindo a violência sexual, que ocorrem no âmbito doméstico e familiar, justificando que elas escolham a rua como refúgio para se afastar dos conflitos no ambiente doméstico. Assim como a quebra de laços sociais, aliada à falta de redes de apoio suficientemente sólidas para auxiliar na reorganização da vida, juntamente com a escassez de recursos financeiros e a ausência de instituições que garantam segurança e proteção, traçaram o caminho que levou muitas delas à situação de rua. Portanto, considera-se essencial ampliar a discussão sobre a vida das mulheres em situação de rua, direcionando novos olhares para pesquisas futuras sob a ótica das vulnerabilidades relacionadas à renda e à habitação<sup>(7,8,28)</sup>.

Nessa perspectiva, o estudo contemplou o pressuposto de que as representações sociais (RS) de mulheres em situação de rua, assistidas por uma unidade socioassistencial, se originam do conhecimento consensual, pautadas em suas rotinas de realização e de suas conversações no grupo de pertença.

Como também a abordagem processual da Teoria das Representações Sociais contribuiu para a apreensão do entendimento da violência contra a mulher sob a ótica, das mulheres em situação de rua, entre suas concepções, relatos de mulheres que vivenciam o processo de realização e as repercussões das formas de violência associadas às práticas de enfrentamento por parte delas. Assim, os conteúdos representacionais dessas mulheres sob a

problemática foram analisados a partir da CHD e apresentaram propriamente as dimensões conceitual, afetiva e atitudinal das representações sociais das mulheres em situação de rua.

O estudo mostrou que as representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher são construídas processualmente, legitimadas por meio das conversações sobre o objeto de estudo postulado e apreendidas pelo grupo de pertença, visto que, os discursos construídos assemelham-se. Por sua vez, a dimensão conceitual evidencia elementos que perpassam o conceito de violência contra a mulher como: ações de abuso sexual, agressões físicas e verbais, além de ações que afetam o psicológico e a participação social da mulher em situação de rua.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por intermédio deste estudo foi possível apreender os conteúdos representacionais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher, evidenciando o conhecimento socialmente construído em torno das trocas, vivências e autoproteção territorial que se encontram inerentes ao processo de realização.

As mulheres em situação de rua representam o homem como principal agressor da violência contra a mulher, a partir das expressões da naturalização, do medo e da descrença em denunciar as formas de violência que vivenciam. Assim como as mulheres associam a agressões físicas, sexuais, verbais, psicológicas, e patrimoniais à rotina de habitar nas ruas, uma vez que a violência dita e organiza formas de pensar, sentir e agir dessas mulheres, inclusive na necessidade de reconstruir e (re)visitar fenômenos que significam e ressignificam suas identidades, diante das estratégias que elas traçam em torno da violência e da forma de autopreservação.

Ressalta-se que os achados explicitados oportunizam a reflexão de uma temática expressiva, que é a violência contra a mulher, sobretudo em tempos críticos, ocasionados pelo aumento da população em situação de rua no território brasileiro. No contexto emergencial, o cuidado à mulher admitida por ação da violência contra a mulher representa ao Estado e aos profissionais um desafio iminente, tendo que simultaneamente lidar com os impactos causados pela violência à saúde dessas mulheres.

Destarte, a realidade dessas mulheres é marcada também por um contínuo processo de exclusão e invisibilidade social. Elas transitam por espaços públicos, mas permanecem à margem do olhar social e institucional, como se suas existências fossem naturalizadas em um cenário de abandono. Essa invisibilidade reforça estigmas, dificulta o acesso a serviços de saúde, proteção e assistência social, e contribui para a perpetuação de ciclos de violência.

Reconhecer essa exclusão é essencial para romper barreiras históricas e para que as políticas públicas se tornem, de fato, instrumentos de inclusão e promoção de direitos.

Dada a estreita relação desse grupo populacional com as desigualdades sociais em saúde e a precariedade no acesso à assistência social, é fundamental que as políticas públicas se aproximem desse público-alvo tanto na prática quanto na pesquisa. Assim, espera-se que, ao propor essa iniciativa, a área de conhecimento em questão fundamente suas ações em evidências científicas, visando qualificar o cuidado e a assistência, especialmente para participantes do presente estudo.

Destaca-se a relevância do trabalho, evidenciando a importância das políticas públicas neste momento, desde as políticas de segurança, que se tornam urgentes considerando as constantes violações de direitos e outras formas de violências nas ruas, até as políticas de assistência social e segurança alimentar e nutricional, que buscam garantir o acesso e a efetivação das necessidades socioassistenciais.

É importante sublinhar que a compreensão das representações sociais das mulheres em situação de rua sobre a violência revela um claro processo de denúncia frente ao intolerável deste cenário social. Esse quadro pode ser, em grande parte, transformado por meio de políticas afirmativas e pela interseccionalidade nas práticas das políticas sociais, que visam consolidar novas formas de atuação. Tais práticas são fundamentadas no acolhimento, no mapeamento e na identificação das demandas específicas, que, embora pontuais, refletem o desejo de autonomia, dignidade e respeito dessas mulheres.

A convivência com essas mulheres em situação de rua ampliou a perspectiva sobre a questão da violência no espaço das ruas. Revelou que, apesar das especificidades do universo feminino, as políticas e programas voltados para a população em situação de rua ainda não contemplam, de forma consistente, as particularidades de ser mulher e habitar nas ruas. Por isso, defende-se a importância de um entendimento mais profundo desse fenômeno, a fim de enriquecer o debate entre os diversos atores envolvidos na formulação de políticas, estratégias de assistência e de empoderamento social.

## **REFERÊNCIAS**

1. Silva MS et al. Determinantes sociais e gênero: vulnerabilidade de mulheres em situação de rua à violência. *Cad Saúde Pública*. 2024;40(3):e00123423.
2. Organização Pan-Americana da Saúde. *Violência de gênero e saúde pública*. Brasília: OPAS; 2023.
3. Nascimento ES, Oliveira DF. Barreiras para denúncia de violência em mulheres sem moradia. *Rev Bras Saúde Mater Infant*. 2025;25(1):1-10.
4. Santos R, Carvalho L. Invisibilidade e estigma na atenção a mulheres em situação de rua. *Rev Soc Bras Med Fam Comun*. 2024;19(2):45-52.

5. Honorato F, Oliveira P. Estratégias de sobrevivência feminina em contextos de rua. *Interface (Botucatu)*. 2024;28:e230450.
6. Jodelet D. Representações sociais e práticas de resistência em grupos marginalizados. *Psicol Soc*. 2023;35:e02245.
7. Santos IBD, Leite FMC, Amorim MHC, Maciel PMA, Gigante DP. Violence against women in life: study among Primary Care users. *Cien Saude Colet*. 2020 May;25(5):1935-1946. English, Portuguese. doi: 10.1590/1413-81232020255.19752018. Epub 2020 May 8. PMID: 32402032.
8. Esmeraldo AFL, Ximenes VM. Mulheres em Situação de Rua: Implicações Psicossociais de Estigmas e Preconceitos. *Psicol cienc prof [Internet]*. 2022;42:e235503. Available from: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003235503>
9. Sarmiento CS. “Por que não podemos ser mães?”: tecnologias de governo, maternidade e mulheres com trajetória de rua. *Ufrgsbr [Internet]*. 2020 [cited 2025 Mar 01]; Available from: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/212984>
10. Nardes S, Giongo RC. Mulheres em situação de rua: memórias, cotidiano e acesso às políticas públicas. *Revi Estudos Feministas*. 2021; 29:e66011.
11. Ministério do Desenvolvimento Social (BR). Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua - Centro POP. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social; [cited 2025 Jan 4]. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/acessar-centro-pop-centro-de-referencia-especializado-para-populacao-em-situacao-de-rua>.
12. Ribeiro KG, Andrade LOM de, Barreto IC de HC, Raquel SP, Munoz TL, Santos C. Determinantes Sociais da Saúde dentro e fora de casa: captura de uma nova abordagem. *Saúde debate [Internet]*. 2024;48(140):e8590. Available from: <https://doi.org/10.1590/2358-289820241408590P>
13. Cúnico SD, Giongo CR, Lazzari C, Passini ES, Pinheiro SS. Mulheres em situação de rua e vivências de violências: um estudo no sul do Brasil. *Gênero*. 2025;25(2):301-23.
14. Mário S. O direito à cidade da população em situação de rua e os espaços públicos. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento [Internet]*. 2020 Nov 20 [cited 2025 Mar 13];10(11):42–66. Available from: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/lei/situacao-de-rua>
15. Silva MLB da, Bousfield AB da S, Giacomozzi AI, Leandro M, Cavaler CM. violência para mulheres em situação de rua. *Psico*. 2022 Nov 25;53(1):e37621.
16. Martins J, Lagreca A, Bueno, S. Femicídios caem, mas outras formas de violência contra meninas e mulheres crescem em 2021. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022, 2022*. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcgclcfindmkaj/https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/10-anuario-2022-femicidios-caem-mas-outras-formas-de-violencia-contra-meninas-e-mulheres-crescem-em-2021.pdf>
17. Jodelet D. Ponto de vista: sobre o movimento das representações sociais na comunidade científica. *Temas em Psicologia [Internet]*. 2024;19(1):19–26. Available from: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2011000100003](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000100003)
18. Moscovici S. Representações sociais: Investigações em psicologia social. RJ: Vozes, 2015.
19. Coldibeli LP, de Paiva FS, Batista CB. Gênero, pobreza e saúde: Revisão sistemática sobre a saúde de mulheres em situação de rua. *Textos & Contextos PUCRS*. 2021; 20(1):1-14.
20. Pereira OL, Magalhães LC, Lopes DMC. Gênero e vivências: relação de mulheres em situação de rua com a sexualidade, violência e gravidez. 2021;(5):151-162.

21. Vilamaior AG, Maria. Teoria das representações sociais: Enfoque técnico, metodológico e epistemológico / Social representations theory: Technical, methodological and epistemological approach. *Brazilian Journal of Development* [Internet]. 2022 Jan 17 [cited 2025 Mar 13];8(1):4608–18. Available from: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/42836>
22. Minayo MC de S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa* [Internet]. 2017 Apr 1;5(7):1–12. Available from: <https://editora.sepq.org.br/tpq/article/view/82>
23. de M. Prefeitura de Jequié promove ação integrativa alusiva aos festejos natalinos para pessoas em situação de rua | Prefeitura Municipal de Jequié - Site Oficial [Internet]. Prefeitura Municipal de Jequié - Site Oficial. 2025 [cited 2025 Mar 13]. Available from: <https://www.jequie.ba.gov.br/noticias/2022/12/prefeitura-de-jequie-promove-acao-integrativa-alusiva-aos-festejos-natalinos-para-pessoas-em-situacao-de-rua>
24. Carvalho DNR, Neves LNA, Sobrinho CRO, Aguiar VFF, Ferreira LGS, Orlandi AAS et al. A glance at the use of IRaMuTeQ® software in scientific research: a bibliometric study. *Rev Enferm UFPI* [Internet]. 2024 Jan 25 [cited 2025 Sep 02];13(1). Available from: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/4280>
25. Anunciação D, Pereira LL, Silva HP, Nunes APN, Soares JO. (Des)caminhos na garantia da saúde da população negra e no enfrentamento ao racismo no Brasil. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2022;27(10):3861–70. <https://doi.org/10.1590/1413-812320222710.08212022>
26. Mekawi Y, Carter S, Brown B, Andino AM, Fani N, Michopoulos V, et al. Interpersonal trauma and posttraumatic stress disorder among black women: does racial discrimination matter? *J Trauma Dissociation*. 2020;22(2):154-169. <https://doi.org/10.1080/15299732.2020.1869098>
27. Crear-Perry J, Correa-de-Araujo R, Lewis Johnson T, McLemore MR, Neilson E, Wallace M. Social and structural determinants of health inequities in maternal health. *J Womens Health (Larchmt)*. 2021;30(2):230-5. <https://doi.org/10.1089/jwh.2020.8882>
28. Temponi SRN, Ribeiro LP, Pinheiro TMM, Carvalho SM. “Tudo é violência, viver é violência!”: representações sociais e vivências de mulheres em situação de rua. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde* [Internet]. 2022 Nov 30 [cited 2023 Oct 25];11:e4027–7. Available from: <https://journals.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/4027>
29. Tilio RD, Machado LF. Representações sociais sobre mulheres em situações de violência por uma equipe multiprofissional. *Revista Brasileira de Segurança Pública*. 2023 Aug 1;17(2):222–39. Disponível em: <https://revista.forumseguranca.org.br/rbsp/article/view/1594>
30. Pereira BC, Bem MM da S, Godinho MLS da C. Determinantes sociais da saúde e sua influência na vida de mulheres vítimas de violência doméstica. *Global Academic Nursing Journal*. 2020;1(2). Disponível em: <https://www.globalacademicnursing.com/index.php/globacadnurs/article/view/10>

## 5.2 Manuscrito 2

### MULHER EM SITUAÇÃO DE RUA E DETERMINANTES SOCIAIS EM SAÚDE: ESTUDO EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

#### RESUMO

**Objetivo:** compreender as representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher e como os papéis socioculturais de gênero e os determinantes sociais em saúde influenciam na dinâmica da permanência dessas mulheres na rua.

**Método:** estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, realizado entre julho e outubro de 2024, com cinco mulheres em situação de rua. Os dados das entrevistas compuseram o corpus textual processado no *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ), por meio da análise de similitude de nuvem de palavras.

**Resultados:** Tais análises apontaram para uma compreensão multifacetada da violência contra a mulher, percebendo-se a violência vivenciada pelas mulheres em situação de rua como parte da rotina da rualização, ocorrendo psicológica, física e sexualmente, cometidas principalmente por parte dos homens que moram nas ruas. As consequências da violência sofrida afetam o ambiente, a saúde e o fortalecimento do convívio social e familiar.

**Conclusão:** a violência contra a mulher é comum no ambiente das ruas e está relacionada com a desigualdade de gênero e com os papéis socioculturais, causando medo, sofrimento e consequências nocivas às mulheres. Destaca-se que gênero, escolaridade, ruptura de vínculos familiares, raça e desemprego influenciam na autorização para a violência sobre os corpos e subjetividades dessas mulheres, bem como sobre sua permanência nas ruas. Inicialmente, as representações foram moldadas em torno de emoções e sentimentos negativos.

**DESCRITORES:** Violência contra a Mulher. Determinantes Sociais da Saúde. Gênero. Pessoas em Situação de Rua. Representações Sociais.

## INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher se constrói através de determinantes históricos e culturais que definem os papéis de homens e mulheres nas sociedades<sup>1</sup>. Assim, tem raízes plantadas na desigualdade social estabelecida entre homens e mulheres<sup>1-2</sup>. Funda-se na discriminação de gênero e em uma suposta superioridade que o agressor sente ter em relação à mulher em situação de violência, considerando a compreensão teórica de gênero como uma construção social dos sujeitos masculino e feminino<sup>2-3</sup>.

A perspectiva de análise sob a ótica da categoria analítica gênero possibilita perceber que a subalternidade conferida às mulheres é resultado de uma construção social, portanto, histórica, e não de uma essência natural feminina<sup>3-4</sup>. Dessa forma, entre as mulheres, a violência é um dos principais fatores precipitadores para a situação de rua<sup>4-5</sup>. Logo, evoca relações de poder inseridas no conceito de gênero, considerado como construção social e calcado em relações patriarcais<sup>1-2,6</sup>.

É importante ressaltar que a população em situação de rua (PSR) no Brasil sofreu um aumento expressivo nos últimos anos – em 2020 havia 221.869 e em 2022 essa estimativa passou para 281.472 pessoas vivendo em situação de rua –, refletindo a crise econômica, o aumento do desemprego no país e o agravamento de questões sociais<sup>7</sup>. Entretanto, o problema da situação de rua não se limita à falta de moradia, uma vez que as pessoas nessa condição sofrem destituições estruturais nas esferas econômicas, culturais e sociais<sup>2-3</sup> e têm suas vidas atravessadas por violências e estigmatizações, sendo amplificadas por várias outras formas de violação de direitos que vivenciam cotidianamente, como preconceitos, desigualdades sociais, raciais e de gênero<sup>1,8</sup>.

No universo das ruas, as mulheres formam o grupo de menor expressividade quantitativa, porém, esse grupo está envolto em um grande conjunto de opressões e suas vivências estão cercadas de invisibilidades, que poderiam supor de um lado, a configuração de um espaço de proteção frente aos olhares estigmatizados da maior parte da sociedade, por outro lado, conduziriam a uma intangibilidade diante de políticas públicas e intervenções assistenciais das quais necessitam<sup>1,4,6,8</sup>. Portanto, entende-se que a mulher vivencia a situação de vulnerabilidade sob duas perspectivas: pela condição de vida nas ruas e de gênero.

Rotineiramente, a sociedade concebe que homens e mulheres ocupem o

mesmo espaço nesse cenário de miserabilidade e vulnerabilidade. Contudo, a mulher está suscetível a violências específicas pela sua condição de gênero e pelo papel atribuído a ela na sociedade<sup>1-2</sup>, reforçado pelos determinantes sociais em saúde (DSS)<sup>9</sup>.

Os DSS, compreendidos como fatores econômicos, sociais, culturais e ambientais que influenciam o processo saúde-doença, revelam-se centrais para entender a permanência de mulheres em situação de rua. Desigualdades de renda, desemprego, escolarização precária, acesso limitado a serviços de saúde e ausência de redes de apoio familiar e comunitário conformam um cenário que agrava a vulnerabilidade e reduz a possibilidade de superação dessa condição. Tais determinantes operam de forma interseccional com questões de gênero, raça e classe, gerando um ciclo de exclusão social que perpetua a vivência de violência e invisibilidade<sup>10-12</sup>.

Nesse sentido, analisar a violência contra a mulher articulada aos DSS permite compreender que a ausência de políticas públicas efetivas e intersetoriais não apenas dificulta o acesso à saúde e à proteção social, mas também amplia a exposição a riscos e a manutenção da vida nas ruas. A precarização do trabalho, a insegurança alimentar e a insuficiência de serviços de moradia emergencial exemplificam dimensões estruturais que, somadas ao machismo e à discriminação, criam barreiras para a construção de trajetórias de cuidado e de autonomia. Tal perspectiva reforça a necessidade de ações que transcendam o enfoque individual, reconhecendo as condições sociais que sustentam e reproduzem a violência de gênero<sup>10,13,14</sup>.

A discussão do tema da violência contra a mulher neste estudo, adota o conceito que a concebe como uma violência de gênero, no contexto da organização social de gênero, derivado da hierarquia e desigualdade social que reforçam a submissão da mulher. Como resultado, é compreendida como sendo uma violência praticada por homens contra mulheres, independente de sua cor, raça, etnia, classe social<sup>15-16</sup>.

Ademais, ao considerar que estas mulheres já vivenciam as contradições hegemônicas entre o masculino e o feminino em uma sociedade capitalista, elas também vivenciam a violência por estarem em situação de rua<sup>2,6</sup>. O que impacta diretamente sua forma de existir, de se pensar ser mulher e a adesão a processos identitários e discursos sociais. Outrossim, dependendo da forma como vivencia e

representa a violência ela se vincula ou não a serviços assistenciais<sup>6</sup>.

Considerando o contexto, optou-se por utilizar a Teoria das Representações Sociais (TRS) como suporte teórico. Essa teoria explora a maneira como as pessoas interpretam a realidade, ou seja, como elas criam explicações para objetos sociais. Ela pode fornecer o conhecimento conhecido como senso comum, que é empregado nas experiências do dia a dia. Além disso, a TRS revela a percepção dos indivíduos envolvidos, funcionando como uma orientação para a ação e uma maneira de compreender a realidade. Isso permite interpretar o desenvolvimento dos acontecimentos e das relações sociais, evidenciando a conexão que indivíduos e grupos estabelecem entre si, uma vez que essa relação é moldada pela interação e pelo contato com os discursos que circulam no espaço público, estando presentes tanto na linguagem quanto nas práticas cotidianas<sup>17-19</sup>.

Outrossim, o aporte da TRS é uma das possibilidades de restabelecer a importância do conhecimento do senso comum, do saber popular, do conhecimento que emerge das relações no cotidiano, enraizadas e fortalecidas pelos significados sociais dos grupos de pertença dos sujeitos, neste caso, as mulheres em situação de rua.

A investigação das vivências das mulheres em situação de rua e sua interface com a violência contra a mulher, com as repercussões dos papéis socioculturais de gênero e aos DSS, tendem a direcionar como estes influenciam na dinâmica da permanência das mulheres na rua. Nessa direção, as representações sociais agem como um modelo para interpretação da vivência dessas mulheres, sobre como se relacionam com o meio, bem como apresentam parte dos seus conhecimentos, de modo a transcender as experiências individuais<sup>17-18</sup>.

Ante o exposto, o presente estudo propõe como questão de pesquisa: quais as representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher e como os determinantes sociais em saúde influenciam na permanência delas nas ruas? Para tanto, objetivou-se compreender as representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher e como os papéis socioculturais de gênero e os determinantes sociais em saúde influenciam na dinâmica da permanência dessas mulheres na rua.

## **MÉTODO**

Trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória, com abordagem qualitativa,

que utilizou como referencial teórico a Teoria das Representações Sociais<sup>17</sup>, baseando-se em sua abordagem processual por Jodelet<sup>17-21</sup>. Ademais, foi utilizado o instrumento *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ) para nortear a metodologia<sup>22</sup>.

A pesquisa foi realizada no Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua - Centro POP que se configura como uma unidade pública da assistência social que oferece serviços a pessoas em situação de vulnerabilidade social, localizada em um município do interior da Bahia. O convite para participação foi realizado presencialmente, inicialmente divulgado pela coordenação da instituição e, posteriormente, durante os encontros com as participantes na rotina da instituição pela equipe técnica.

O número total de participantes da pesquisa foi de cinco mulheres em situação de rua, selecionadas por conveniência<sup>23-24</sup>. Destaca-se que na presente pesquisa, duas convidadas se negaram a participar.

Foram seguidos como critérios de inclusão: mulheres adultas<sup>25</sup>, que se encontravam em situação de rua; frequentadoras da referida instituição; e, que estavam cumprindo as demandas de assistência da unidade socioassistencial durante o período da coleta. Como critério de exclusão: mulheres que não estavam em condições cognitivas e/ou emocionais para participar da pesquisa; e, que não foram localizadas após três tentativas de contato durante o período da coleta.

Os dados foram produzidos por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas de maneira individual e presencial, no local de escolha das mulheres (todas optaram por serem entrevistadas no Centro Pop), de julho de 2024 ao mês de outubro de 2024. Ressaltando que, durante o primeiro contato da entrevistadora com as possíveis participantes, já se realizava o esclarecimento sobre os aspectos éticos, da necessidade de assinatura do termo e os esclarecimentos gerais sobre a pesquisa e agendamento das entrevistas.

As entrevistas foram gravadas em um dispositivo eletrônico (aparelho celular), guiadas por um roteiro dividido em duas partes: a primeira com a caracterização das participantes; e a segunda com questões que abordavam de modo geral o saber das mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher, sobre a vivência nas ruas e as formas de violência; denúncia de episódio de violência na rua, exposição à violência por morar nas ruas; formas de combate à violência na rua, se o conhecimento das histórias das mulheres em situação de rua

pode transformar a realidade da violência, entre outros.

Antes da aplicação definitiva do instrumento foi realizado um teste-piloto, cujo propósito foi verificar a coerência e a compreensão das questões norteadoras, também incluído na pesquisa. Todos os encontros foram gravados (duração de 15 minutos, em média) e transcritos para a construção do *corpus* textual<sup>23</sup>.

As participantes foram identificadas por meio da palavra “Participante”, seguida de numeração de um a cinco, conforme a sequência das entrevistas, de modo que a primeira entrevistada recebeu a denominação Participante 01, e assim sucessivamente, visando garantir o anonimato.

Os dados foram processados com o auxílio do *software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ), identificando as co-ocorrências por meio da análise das relações entre palavras utilizando a técnica da Análise de Similitude, e da análise lexical de representação gráfica da Nuvem de Palavras que representa as palavras mais frequentes de um conjunto de dados. A saber, o IRAMUTEQ é um *software* livre, ancorado no ambiente estatístico do software R e na linguagem python; seu uso viabiliza diferentes tipos de análise de dados textuais, como os métodos da Análise de Similitude e da Nuvem de Palavras, que realizam análise lexical e gráfica do material textual, oferecendo contextos e relações<sup>26</sup>.

Considerando as interfaces citadas, buscou-se explorar a complexidade das respostas das participantes e correlacionar com aspectos inerentes à teoria.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) de uma universidade do nordeste do Brasil, sendo respeitados os princípios éticos da autonomia, da beneficência, não maleficência e justiça.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistadas cinco mulheres em situação de rua acolhidas por uma unidade pública da Assistência Social. Todas se identificavam como católicas e mulheres cisgêneros heterossexuais, com idades entre 30 e 57 anos. Em relação ao nível de escolaridade, uma não era alfabetizada, três concluíram o ensino fundamental I, e uma concluiu o ensino fundamental II. Quanto à situação conjugal, três eram solteiras, uma viúva e uma encontrava-se em união consensual. Quanto à raça/cor, três se identificaram como pardas e duas como pretas. As ocupações

predominantes foram catadoras de material reciclável, faxineira e mendicante, com renda complementada por programas sociais como o Bolsa Família e o Benefício de Prestação Continuada (BPC).

A análise de similitude gerada pelo *software* IRAMUTEQ conecta palavras por suas relações de co-ocorrência, evidenciando como os temas estão interligados. Cada cor representa um grupo temático, e as palavras maiores são as mais frequentes no *corpus*<sup>26</sup>. Possibilita localizar as ocorrências de palavras mais frequentes, indicando as suas conexidades<sup>26</sup>, demonstrou que a violência contra a mulher está fortemente relacionada a dois núcleos de palavras que se organizam em torno dos termos violência e rua, que aparecem como eixos centrais, conectando os outros grupos (Figura 1). Isso evidencia que a vida na rua e a violência estão profundamente entrelaçadas na experiência das mulheres entrevistadas. Os diferentes grupos (cores) se complementam, sugerindo que as formas de violência (física, sexual, psicológica) coexistem com a vulnerabilidade da vida na rua e a necessidade de suporte.

O grupo 1 (vermelho), enfatiza o contexto de vida das mulheres na rua a partir das palavras “rua, morar, viver e casa” marcado pela vulnerabilidade, insegurança e desafios cotidianos ao se conectar com as palavras “medo, proteger, espancar, ameaçar”. Já os termos “ajudar e respeito” refletem as necessidades de apoio e dignidade.

No tocante ao núcleo *violência* - grupo 2 (amarelo), aborda a violência direcionada às diferentes formas de expressão desse fenômeno – enfatizando a violência física e a violência psicológica –, enfrentada pelas mulheres em situação de rua, incluindo o cenário das agressões vivenciadas em âmbito doméstico que podem ser observados pelas palavras “violência, mulher e bater” conectadas às palavras “mãe, marido, dinheiro, psicológico, sofrer, ameaça e desrespeitar”. A presença de palavras “família, mãe e marido” destaca a complexidade das relações interpessoais dentro dos lares que perpetuam a violência e acabam influenciando nessa dinâmica de ida e permanência dessas mulheres nas ruas.

Já o grupo 3 (azul) foca na violência sexual, uma das formas de violência contra a mulher mais graves enfrentadas pelas mulheres em situação de rua, em destaque apresenta as palavras “sexual e físico”. Termos como “estupro, agressão e físico” destacam a natureza traumática dessas experiências.

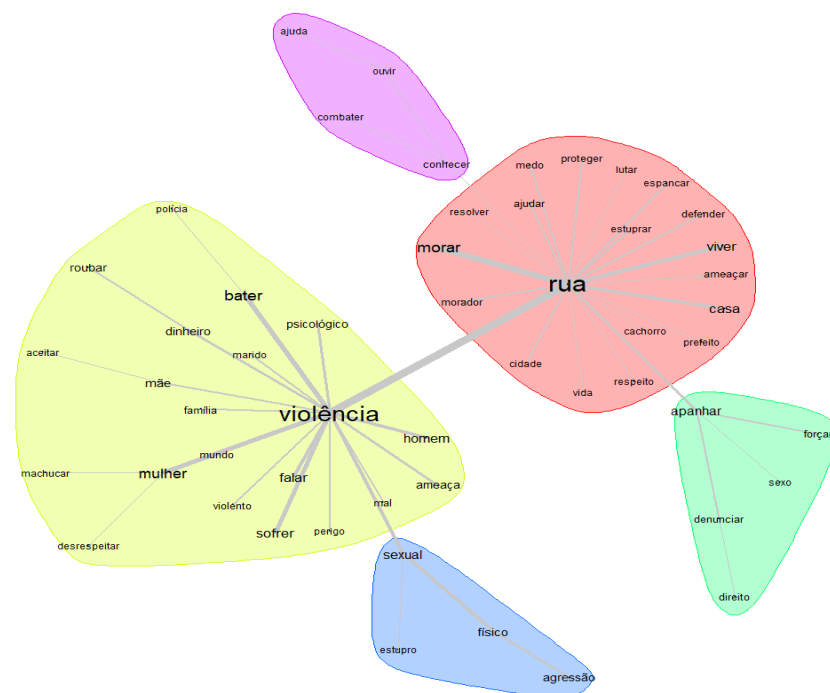
No grupo 4 (verde), se destacam as palavras “apanhar, forçar e sexo”, já em

resposta a esses atos de violência se reflete as ações tomadas pelas mulheres com a palavra denunciar indicando uma tentativa de buscar justiça e direito associada ao reconhecimento da necessidade de apoio jurídico.

Por fim, o grupo 5 (roxo), destacam-se as palavras “ajuda, ouvir, combater e conhecer” dando ênfase ao papel da assistência, da conscientização e protagonização dessa mulher que vive nas ruas e vivencia a violência contra a mulher em seu cotidiano e nas mais diversas formas de expressão. Palavras como “ajuda e ouvir” sugerem a importância de redes de suporte e acolhimento.

Essa análise evidencia a complexidade das experiências das mulheres em situação de rua, apontando para a necessidade de políticas públicas integradas que abordem as múltiplas dimensões da vulnerabilidade e violência.

**Figura 1 – Análise de Similitude acerca da violência contra a mulher (VCM). Bahia, Brasil, 2025.**



Fonte: Dados da Pesquisa, 2024

A discussão aqui proposta abriu caminho para a análise da Nuvem de Palavras gerada pelo software IRAMUTEQ, dado que ela foi baseada nas palavras mais frequentes mencionadas por mulheres em situação de rua em relatos sobre a

violência contra a mulher. Nessa análise, as palavras maiores e centrais aparecem com maior frequência, enquanto as menores e periféricas são as menos recorrentes<sup>26</sup> (ver Figura 2).

As palavras destacadas e frequentes incluem “violência, rua, mulher, bater, casa e morar”. Isso reflete o contexto central da situação vivenciada por essas mulheres desde quando moravam com suas famílias em casa, envolvendo violência, sua condição de moradoras de rua e a ausência ou dificuldade em retornar para uma residência fixa.

As palavras como “sexual, homem, agressão, sofrer, denunciar e apoiar” indicam a natureza das violências vivenciadas expressas por meio das formas de violência contra a mulher (física, sexual, psicológica e até mesmo patrimonial) e possíveis ações relacionadas, como denúncias ou busca de ajuda. Termos como “família, pai, mãe e proteger” remetem à dinâmica de relações interpessoais e à busca de segurança ou apoio em um contexto de vulnerabilidade, que na maioria das vezes não se encontra dentro da organização familiar.

Já as palavras periféricas, como “dinheiro, medo, aceitar e defender”, mostram aspectos complementares da realidade enfrentada, incluindo fatores econômicos e emocionais.

Essa análise sugere um contexto de extrema vulnerabilidade e múltiplas formas de violência, além de apontar para a necessidade de suporte social, jurídico e psicológico para essas mulheres.



O cenário descrito, entre tantos outros em que as mulheres em situação de rua sofrem violência sob a ótica de gênero revela que as mulheres negras e pardas em situação de violência que apresentam baixa escolaridade, com renda própria reduzida e dependência financeira do parceiro íntimo, tornam-se dependentes do agressor e mais vulneráveis a novos episódios de violência contra a mulher<sup>28</sup>. Esses achados assemelham-se aos resultados deste estudo, visto que as mulheres em situação de rua entrevistadas em sua grande maioria se consideraram pretas e pardas e possuem escolaridade que varia entre o analfabetismo e o Ensino fundamental II, dependendo financeiramente de benefícios do governo ou até mesmo da mendicância para sobreviver nas ruas.

As questões pontuadas nas falas das mulheres, começam a desenhar o perfil das mulheres que estão em condições de rualização no território do interior baiano, além de apresentar quais são os parâmetros sociais e identidades que atravessam o ser mulher no contexto de rua, suas implicações e histórias que permeiam sua condição de gênero, destacando a influência que os DSS, os elementos precipitadores e os rompimentos familiares assumem e as levam às ruas e as fazem permanecer<sup>27-28</sup>.

Sabe-se que o fenômeno da rualização é consequência de diversos fatores como a ausência de moradia, trabalho e renda, a quebra de vínculos familiares, a presença de doenças mentais e o uso abusivo de álcool ou drogas<sup>29-30</sup>. Destarte, os estudos indicam que os DSS envoltos no contexto da situação de rua são fatores econômicos, culturais e ambientais que podem afetar a saúde da mulher<sup>5,9</sup>.

Nessa perspectiva, as vivências das mulheres participantes desse estudo sinalizaram que os DSS que influenciaram diretamente na busca e permanência nas ruas foram: identidade de gênero, desemprego, preconceito e privação de direitos básicos. Esses determinantes impactaram diretamente na saúde dessas mulheres repercutindo em implicações biopsicossociais, refletidas em sentimentos de medo, vergonha e humilhação<sup>5,8</sup>.

Percebe-se que, para as mulheres em situação de rua, a violência contra a mulher é compreendida a partir de conhecimentos consolidados e amplamente divulgados dentro deste grupo de pertença. Essa compreensão vai além da noção de violência física, incluindo também formas psicológicas, verbais, relacionais e sexuais. Dessa forma, a maneira como essas mulheres representam a violência está baseada em informações já conhecidas e compartilhadas socialmente. Assim como

ao mencionarem as diferentes formas de violência, elas revelam como dão forma concreta a esse tema em suas falas e pensamentos.

Observa-se que essas mulheres convivem diariamente com a questão da violência física e sexual, principalmente por parte de seus companheiros e a ausência de vínculo com profissionais da saúde dificulta a procura de ajuda por parte delas, assim como o medo de represálias<sup>31</sup>. Nessa direção, a mulher enfrenta preconceitos no acolhimento e dificuldade em estabelecer vínculo com os profissionais nas unidades de saúde o que dificulta a criação de uma linha de cuidado para o enfrentamento dos riscos gerados pela condição de vulnerabilidade<sup>32</sup>.

De forma consonante, a literatura<sup>27,29,31</sup> aponta que as mulheres em situação de rua sofrem violências de todos os lados, seja por parte dos companheiros quando os tem, ou por parte de outros homens quando não tem companheiros, principalmente a violência sexual e ainda violência institucional quando procuram por atendimento de saúde, principalmente as gestantes que além da violência moral por parte dos profissionais nos hospitais, ainda tem seus filhos retirados.

No que tange ao núcleo que trata da violência, representado pelo grupo 2 (amarelo) essa representação se ancorou em informações reificadas das formas de manifestação da violência, a saber: psicológica, verbal, relacional, física e sexual. De forma consonante, a literatura aponta que a vida nas ruas apresenta muitos desafios para a vida de uma mulher<sup>6</sup>. Isso as obriga a criarem estratégias específicas de sobrevivência, optando muitas vezes por se travestirem ou se manterem sem nenhuma higiene a fim de diminuir as chances de violência sexual<sup>8,15,29</sup>.

A despeito dessa questão, um estudo<sup>33</sup> realizado em São Paulo, Brasil, indicou que especialmente as mulheres que pernoitam na rua sofrem violência física praticada por pessoas ou grupos intolerantes com a situação vivida por elas. Também apareceu a violência, de cunho higienista, praticada por agentes policiais, indivíduos contratados por comerciantes ou moradores que se sentem prejudicados pela presença das pessoas em situação de rua nos arredores dos domicílios, comércios, monumentos e cartões postais da cidade. Sobre esse aspecto, as participantes do estudo destacaram que existe medo em denunciar e que para combaterem a violência, precisaram conhecer mais as redes de apoio para que assim se sentissem seguras para pedir ajuda e serem ouvidas. Esses dados sugerem a dificuldade de fazer denúncias ou buscar ajuda, pois o medo começa a

fazer parte da realidade da vítima.

Por outro lado, as falas das mulheres entrevistadas destacaram a questão da denúncia, significando o rompimento com o ciclo de violência e o enfrentamento desse fenômeno tão complexo. Contudo, existe medo e resistência em denunciar a violência sofrida nas ruas, como exemplificado nos relatos a seguir:

[...] e ninguém liga de ajudar [...] quem dirás ajudar a gente contra a violência [...] eu nunca precisei denunciar não, me viro sozinha e nem quero envolvimento com negócio de denúncia, quero distância (Participante 4).

[...] agora quando apanho eu bato também, então nem denuncio [...] eu denunciei na polícia na DEAM, mas não deu em nada (Participante 3).

[...] combater eu não sei te responder, mas evitar é se escondendo, eu dei pra me esconder dos locais que já sofri alguma violência e das pessoas também, a gente sente o perigo e tem que se proteger sumindo mesmo (Participante 1).

[...] porque na rua ninguém é pela gente somos sozinhas, te disse que a gente briga entre a gente então na rua ou você se defende ou você roda e as vezes a violência vem de mais de um homem aí fica difícil de se defender (Participante 3).

Nesse sentido, ressalta-se a importância da elaboração de programas de prevenção da violência e promoção de saúde com vistas a estimular o comportamento de ajuda entre as mulheres, tanto para que elas procurem apoio nos casos de vivência da violência, quanto para que elas ofereçam ajuda a outras mulheres nessas situações.

É importante destacar que a violência contra a mulher se dá por meio da manifestação dessas relações desiguais de poder entre homens e mulheres baseada na dominação, exploração e opressão. Isso sugere que a violência de gênero está arraigada em nossa cultura, e não deve ser restringida a um problema a ser resolvido pelo setor judiciário, pois a violência é um dos frutos das complexas desigualdades de gênero que devem ser superadas. Assim, as relações de poder no contexto da desigualdade de gênero perpassam o discurso das mulheres em situação de rua, pois ratifica o conhecimento socialmente compartilhado sobre as identidades masculina e feminina no contexto da violência contra a mulher<sup>8,16</sup>.

Desse modo, a análise das vivências relatadas permite identificar as características intrínsecas ao ato dessa violência contra a mulher e analisar os papéis socioculturais de gênero sob o ponto de vista das mulheres que vivem nas ruas. Além disso, compreender melhor as vivências e as consequências desses

papéis permitem subsidiar estratégias de prevenção da violência contra a mulher e mitigação dos danos causados. Essas ações, sendo mais assertivas, podem efetivamente contribuir para extinção desse problema de saúde pública.

Verifica-se que os crimes de ameaça se destacaram no cenário da violência contra a mulher em situação de rua, sendo a prática mais comum de intimidação e manutenção do controle do homem sobre a mulher, o que também expressa uma realidade comum nos casos de violência vivenciado por diversas mulheres. Outro aspecto relevante refere-se às práticas que envolvem a violência sexual, o que indica que ela é vista pelas participantes do estudo como uma consequência da sua condição de pessoa em situação de rua.

Os resultados aqui elencados e discutidos já permitem notar algumas contribuições do presente estudo, ao constatar que além da violência deixar marcas, também provoca agravos à saúde mental da mulher, principalmente pelos sentimentos de medo, humilhação, vergonha e sofrimento. O sentimento de medo também é recorrente durante os momentos de violência e aparecem de forma recorrente nas falas das participantes do estudo.

Assim como evidenciou que as mulheres em situação de rua, embora constituam um grupo reduzido comparativamente aos homens, têm essas destituições e violências potencializadas pela desigualdade de gênero, propiciando que enfrentem uma dupla vulnerabilidade decorrente da interseção de gênero e da falta de moradia, o que as expõe a uma série de riscos e desafios únicos.

Ademais, as representações sociais do grupo investigado denotaram a relevância do objeto de estudo considerando a importância da formação de profissionais preparados para atender sem estigmas às demandas dessa população, a implementação da educação permanente nos serviços de saúde para qualificar os profissionais de saúde no atendimento desta clientela, oferecendo segurança, acolhimento, integralidade no cuidado e enfrentamento da violência contra a mulher.

No geral, e para garantir que essas mulheres recebam o apoio e a assistência de que necessitam, é fundamental adotar uma abordagem holística e centrada em suas necessidades, que leve em consideração sua segurança, saúde e autonomia. Somente assim pode-se trabalhar para criar um ambiente mais inclusivo e seguro para todas as mulheres, independentemente de sua condição socioeconômica ou de moradia.

Como limitação do estudo considera-se que a rotina da realização das

mulheres e muitas vezes a instabilidade emocional durante a realização das entrevistas e o distanciamento com os espaços de escuta e acolhimento, impossibilitaram a proximidade de diálogos mais ampliados sobre tema tão sensível como a violência contra a mulher. Contudo, dedicar-se a pesquisar e conhecer de perto as experiências de mulheres em situação de rua são reflexões conscientes de que esse tema precisa ser mais trabalhado e abordado, não só na universidade, mas na sociedade como um todo.

## **CONCLUSÃO**

O presente estudo demonstrou que a mulher em situação de rua vivencia em seu cotidiano mais adversidades, seja pela condição do gênero, seja pela condição de classe. Pois, sobrevivem em meio a preconceitos pelo fato de ser população em situação de rua, somado à cultura machista existente na sociedade. Pensar em uma política social para elas não é somente restringir-se à construção de abrigos e albergues, mas pensar em espaços de interlocução que produzam a compreensão de uma vida marcada pelo protagonismo dessas mulheres, de modo a fortalecer sua autonomia, fomentar reflexões sobre a equidade de gênero, um espaço que garanta de fato uma resposta às demandas específicas das mulheres.

As falas evidenciam que determinados fatores sociais relacionados ao espaço doméstico, como a violência intrafamiliar e o desemprego, influenciaram a permanência das mulheres na rua. Fora do domicílio, elas permaneciam vulneráveis a preconceitos e a diversas formas de violência, ampliando sua exposição social e risco cotidiano.

Observa-se as representações sociais dessas mulheres denotaram que a violência contra a mulher é comum no ambiente das ruas e está relacionada com a desigualdade de gênero e com os papéis socioculturais, causando medo, sofrimento e consequências nocivas às mulheres. Destaca-se que os DSS que influenciaram na ida e na permanência dessas mulheres nas ruas foram: gênero, escolaridade, ruptura de vínculos familiares, raça e desemprego. Eles também influenciaram na autorização para a violência sobre os corpos e subjetividades dessas mulheres, que moldaram suas representações sociais em torno de emoções e sentimentos negativos.

Os resultados do estudo reforçaram a necessidade de desenvolver

estratégias preventivas e intervencionistas, identificando práticas de assédio moral no contexto do trabalho em enfermagem e as respectivas consequências, visto que mulheres em situação de rua sofrem violações e vulnerabilizações específicas engendradas para prevenir e mitigar os danos. Nessa direção, é essencial acolher e acompanhar psicologicamente essas mulheres, além de incentivar as denúncias para coibir essa prática, de modo que os assediadores sejam identificados e punidos. Para prevenir e amenizar os danos impostos pela sua condição de gênero, é essencial escutar, acolher, acompanhar e empoderar essas mulheres, além de incentivar as denúncias para coibir essa prática, de modo que os agressores sejam identificados e punidos.

## REFERÊNCIAS

1. Richwin IF, Zanello V. “Desde casa, desde berço, desde sempre”: violência e mulheres em situação de rua. *Rev Estud Fem* [Internet]. 2023;31(1):e77926. Available from: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2023v31n177926>
2. Schuck AL, Gesser M, Beiras A. Diálogos entre gênero e as experiências com a população de rua. *Revista Psicologia Política* [Internet]. 2020 [cited 2025 Jan 26];20(48):279–94. Available from: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2020000200003](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2020000200003)
3. Nardes S, Giongo CR. Mulheres em situação de rua: memórias, cotidiano e acesso às políticas públicas. *Revista Estudos Feministas* [Internet]. 2021 Jul 2;29. Available from: <https://www.scielo.br/j/ref/a/ZR3svtmGxS4MzrRfMQw6TNT/?lang=pt>
4. Fa R. Violência de gênero e a vulnerabilidade das mulheres em situação de rua - [Internet]. *Revista ft.* 2024 [cited 2025 Jan 26]. Available from: <https://revistaft.com.br/violencia-de-genero-e-a-vulnerabilidade-das-mulheres-em-situacao-de-rua/>
5. Maria S. Os impactos dos determinantes sociais para a saúde mental da mulher em situação de rua [Internet]. *Handle.net. Universidade Estadual Paulista (Unesp);* 2022 [cited 2025 Jan 25]. Available from: <http://hdl.handle.net/11449/238258>
6. Esmeraldo AFL, Ximenes VM. Mulheres em Situação de Rua: Implicações Psicossociais de Estigmas e Preconceitos. *Psicologia: Ciência e Profissão* [Internet]. 2022 Feb 11;42. Available from: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/KLwKD3dMyJq6g95Xz5wBvgH/abstract/?lang=pt>
7. IPEA – INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS. Estimativa da população em situação de rua no Brasil (2012-2022) [online]. *Diretoria de Estudos de Políticas Sociais.* 2022 [viewed 16 September 2024]. Available from: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11604/1/NT\\_Estimativa\\_da\\_Populacao\\_Publicacao\\_Preliminar.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11604/1/NT_Estimativa_da_Populacao_Publicacao_Preliminar.pdf)
8. Sarmiento CS. O gênero na rua: um estudo antropológico com as mulheres em situação de rua em Porto Alegre. *Ufrgsbr* [Internet]. 2017 [cited 2025 Jan 26]; Available from: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/174177>

9. Ribeiro KG, Andrade LOM de, Barreto IC de HC, Raquel SP, Munoz TL, Santos C. Determinantes Sociais da Saúde dentro e fora de casa: captura de uma nova abordagem. *Saúde debate* [Internet]. 2024;48(140):e8590. Available from: <https://doi.org/10.1590/2358-289820241408590P>
10. Buss PM, Pellegrini Filho A. A saúde e seus determinantes sociais. *Physis*. 2007;17(1):77-93.
11. Marmot M, Allen JJ. Social determinants of health equity. *Am J Public Health*. 2014;104 Suppl 4:S517-9.
12. Silva MB, Nunes M, Medeiros CRG. Determinantes sociais de saúde e população em situação de rua no Brasil: revisão integrativa. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2021;26(12):6011-24.
13. Ministério da Saúde (BR). Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde. As causas sociais das iniquidades em saúde no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2008.
14. Paiva FS, Ronzani TM. Interseccionalidade, gênero e saúde: vulnerabilidades da população em situação de rua. *Rev Panam Salud Publica*. 2020;44:e144.
15. Alves KC, Mendes PC, Santos, Moura GG. Acesso de mulheres em situação de rua aos serviços de saúde: uma revisão integrativa. *Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde* [Internet]. 2024 Aug 20;20:e2069–9. Available from: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/74947>
16. Saffioti HIB.; Almeida SS. Violência de gênero – poder e impotência. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter Ltda, 1995.
17. Vilamaior AG, Maria. Teoria das representações sociais: Enfoque técnico, metodológico e epistemológico / Social representations theory: Technical, methodological and epistemological approach. *Brazilian Journal of Development* [Internet]. 2022 Jan 17 [cited 2025 Mar 13];8(1):4608–18. Available from: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/42836>
18. Jodelet D. Ponto de vista: sobre o movimento das representações sociais na comunidade científica. *Temas em Psicologia* [Internet]. 2024;19(1):19–26. Available from: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2011000100003](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000100003)
19. Jodelet D. Social sciences and representations: a study of representative phenomena and social processes, from local to global. *Soc Estado*. [Internet]. 2018 [cited in 2025 Jan. 19]; 33(2):423-42. Available in: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-699220183302007>.
20. Moscovici S. *Social representations: investigations in social psychology*. 11. th ed. Petrópolis: Vozes; 2015.
21. Marconi MA, Lakatos EM. *Fundamentals of scientific methodology*. 9.th ed. São Paulo: Atlas; 2021
22. Souza VR dos S, Marziale MHP, Silva GTR, Nascimento PL. Translation and validation into brazilian portuguese and assessment of the COREQ checklist. *Acta Paul Enferm*. [Internet]. 2021 [cited in 2025 Jan. 19]; 34:eAPE02631. Available in: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO02631>.
23. Johnson JL, Adkins D, Chauvin S. A Review of the quality indicators of rigor in qualitative research. *Am J Pharm Educ*. [Internet]. 2020 [cited in 2025 Jan. 19]; 84(1):7120. Available in: <https://doi.org/10.5688/ajpe7120>
24. Saunders B, Sim J, Kingstone T, Baker S, Waterfield J, Bartlam B, et al. Saturation in qualitative research: exploring its conceptualization and operationalization. *Qual Quant*. [Internet]. 2018 [cited in 2025 Jan. 19]; 52(4):1893-1907. Available in: <https://doi.org/10.1007/s11135-017-0574-8>

25. OMS. DeCS [Internet]. Bvsalud.org. 2015 [cited 2025 Mar 13]. Available from: <https://decs.bvsalud.org/ths/resource/?id=331>
26. Camargo BV, Justo AM. Tutorial for using the IRaMuTeQ software (R Interface pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires) [Internet]. Florianópolis (SC): IRaMuTeQ, 2018 [cited in 2025 Jan. 19]. Available in: <http://iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-portugais-22-11-2018>.
27. Coldibeli LP, de Paiva FS, Batista CB. Gênero, pobreza e saúde: Revisão sistemática sobre a saúde de mulheres em situação de rua. Textos Contextos (Porto Alegre) [Internet]. 1º de junho de 2021 [citado 25º de janeiro de 2025];20(1):e38015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/article/view/38015>
28. Ciência e Saúde Coletiva. População em situação de rua no Brasil: visível demais ou totalmente invisível? • SciELO em Perspectiva | Press Releases [Internet]. SciELO em Perspectiva | Press Releases • Press releases de artigos publicados pelos periódicos da Rede SciELO. 2024. Available from: <https://pressreleases.scielo.org/blog/2024/09/16/populacao-em-situacao-de-rua-no-brasil-visivel-demais-ou-totalmente-invisivel/>
29. Machado DF, Castanheira ERL, Almeida MAS. Interseções entre socialização de gênero e violência contra a mulher por parceiro íntimo [Intersections between gender socialization and violence against women by the intimate partner]. Cien Saude Colet. 2021 Nov 15;26(suppl 3):5003-5012. Portuguese. doi: 10.1590/1413-812320212611.3.02472020. PMID: 34787193.
30. BRASIL. Saúde da população em situação de rua: um direito humano Brasília: Ministério da Saúde, 2014.
31. Daniele Carmo Queiroz, Renata Meira Veras, Genonádio E. Ações de assistência à saúde ofertadas à população em situação de rua: estado da arte. Ciência & Saúde Coletiva [Internet]. 2024 Aug 1;29(8). Available from: <https://www.scielo.br/j/csc/a/mW7cPwHQcKyrMVjpfH39JWH/?lang=pt#>
32. Paiva IKS de, Guimarães J. População em situação de rua e Rede de Atenção Psicossocial: na corda bamba do cuidado. Physis: Revista de Saúde Coletiva [Internet]. 2023 Jan 6;32:e320408. Available from: <https://www.scielo.br/j/physis/a/TxqHG9XCcxKxzXBvnyRmzb/?lang=pt>
33. Ribeiro LP, Antunes-Rocha MI, Riani SRN. Representaciones sociales de personas transgénero, travestis y transexuales sobre la violencia. Rev Psicol (Bogotá). 2019;37:495-527. Disponível em: <https://doi.org/10.18800/psico.201902.006>. Acesso em: 27 jan. 2025.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo possibilitou analisar as representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher. A análise mostrou que de acordo com as mulheres que habitam nas ruas a violência contra a mulher é frequente e faz parte do cotidiano da realização, afligindo e adoecendo essas mulheres.

No manuscrito 1, “Ser mulher e resistir nas ruas: representações sociais sobre violência contra a mulher” inicialmente abordou o processo de luta pela sobrevivência nas ruas e as percepções sobre as formas de violência contra a mulher como componente inerente a habitar nas ruas. Assim como sinalizou o homem como principal agressor, ancoradas em questão de gênero, potencializando a problemática considerando a proximidade existente entre os sujeitos.

No que concerne às representações sociais, o estudo mostrou que embora a violência esteja imbricada na rotina diária das mulheres em situação de rua do presente estudo, elas sinalizaram que buscam enfrentar esse fenômeno por conta própria, justificando o medo da exposição ou até mesmo de represálias, assim como a falta de confiança na justiça e o medo do próprio agressor ou agressora.

Em suas representações, as mulheres em situação de rua reconheceram as formas de violência contra a mulher, por meio de um ciclo de violência no cotidiano das ruas. Dentre as formas de violência contra a mulher, as mais sustentadas por suas representações sociais foram as agressões físicas, sexuais e psicológicas. Embora as participantes tenham destacado em seus relatos a existência das violências moral e patrimonial, não atribuíram nomenclatura adequada ou a compreensão dessas formas de violência como sendo expressões da violência contra a mulher.

Observou-se que a violência física é uma prática bastante comum no cotidiano dessas mulheres, a ponto de, durante a entrevista, ter-se percebido a naturalização desses episódios. Elas relataram como os homens anunciam seu poder por meio da violência, mencionando casos em que sofreram agressões após discordar de decisões de homens que pertenciam ao mesmo grupo que elas, resultando em retaliações. Dessa maneira, a violência de gênero não se restringe apenas às dinâmicas entre casais, mas se estende para além, independentemente de o agressor ser ou não um companheiro. O que se percebe é que essa violência está intrinsecamente ligada à forma como o poder masculino se impõe sobre a vontade feminina.

As violências físicas, sexuais e psicológicas vivenciadas no ambiente doméstico revelaram-se as principais motivações para a ida às ruas, pois integraram vidas já afetadas por violências estruturais e interseccionais. O cotidiano nas ruas mostrou-se corroído por violências explícitas e também mascaradas, assim como pela submissão à violência como modo de resistir e sobrevivência. Destacaram-se gênero, raça e pobreza como DSS que são acionados como autorização para a violência sobre os corpos e subjetividades dessas mulheres.

Nota-se alusão à violência psicológica como uma forma de dominação territorial e também de expressão do preconceito que este grupo vivencia. Por meio de suas representações, essas mulheres que habitam nas ruas reconheceram as agressões físicas e sexuais praticadas por homens, a partir das expressões da naturalização, do medo e da descrença em denunciar as formas de violência que vivenciam.

Há reafirmação de que as mulheres reconhecem que viver na rua envolve uma trajetória marcada por expressões da violência contra a mulher. Ainda que encontrem nesse ambiente um espaço de liberdade, abrigo e passagem, servindo como um meio de sobrevivência. Os resultados permitiram compreender os componentes relacionados à violência que essas mulheres vivenciam e suscitaram a necessidade emergente de políticas públicas de enfrentamento à violência contra a mulher, com ênfase nas mulheres em situação de rua.

No decorrer dos achados, torna-se evidente que as mulheres validaram as agressões que sofrem nas ruas, sejam elas físicas, sexuais, verbais ou psicológicas como práticas comuns e naturalizadas, sugerindo que esperam a vivência da violência contra a mulher na relação com os homens, evidenciando as repercussões dos papéis socioculturais de gênero expressadas por meio da violência de gênero. Referiram ainda que a violência contra a mulher ditava e organizava suas formas de pensar, sentir e agir, inclusive na necessidade de se pensar em estratégias de enfrentamento à violência contra a mulher como forma de autopreservação. Assim como estar na rua, por si só, é um ato de resistência frente às maiores expressões da desigualdade social, sobreviver nesse meio é um ato de coragem, todavia isso não deveria acontecer.

Em articulação, os resultados apresentados no manuscrito 2 intitulado “Mulher em Situação de Rua e Determinantes Sociais em Saúde: Estudo em Representações Sociais”, apresentaram a aproximação dos DSS com a temática central do estudo, por meio da influência desses determinantes na ida e conseqüentemente na permanência dessas mulheres nas ruas. Por conseguinte, possibilitaram a construção representacional de mulheres que

habitam nas ruas e ocupam o mesmo espaço que os homens nesse cenário de vulnerabilidade social, uma vez que ser mulher as deixam suscetíveis à violência contra a mulher pela sua condição de gênero, e pelo papel social atribuído a elas, reforçando que a mulher em situação de rua vivencia a miserabilidade desse espaço tanto pela condição de vida nas ruas, quanto pela ótica do gênero.

As representações sociais ancoraram-se na trajetória de vida da mulher que vive no espaço da rua, apontando as formas de violência específicas que as atingiam a partir das suas experiências, das suas estratégias para resistir e sobreviver nesse espaço e pela disputa do seu espaço social, dado que elas não assumem um lugar de igualdade nesse contexto. Todavia, como abordado neste estudo, pensar em uma relação de igualdade é antes de tudo refletir sob a ótica de gênero, para compreender os aspectos que possibilitam ao feminino e ao masculino se tornar componentes de base para a construção de papéis desiguais no âmbito das ruas.

Destarte, reafirma-se a necessidade de compreender o fenômeno da violência contra a mulher no universo das ruas, no intuito de reforçar e fortalecer o debate voltado às políticas públicas de enfrentamento da violência contra a mulher e também da violência de gênero. Sobretudo, pensar em ações efetivas que proporcionem igualdade às mulheres que se encontram em uma situação desigual nas relações íntimas, familiares, nas ruas e na sociedade de um modo geral.

Frente ao exposto, destaca-se a importância de se pensar o espaço da rua como um lugar coletivo e rico em singularidades, ainda que este espaço sustente e reproduza elementos provenientes do espaço privado. Esse fato nos dá a entender que possivelmente a violência contra a mulher é comum no ambiente das ruas e está relacionada com a desigualdade de gênero e com os papéis socioculturais, causando medo, sofrimento e consequências nocivas às mulheres. Destaca-se a influência dos DSS, sendo eles: gênero, escolaridade, ruptura de vínculos familiares, raça e desemprego na autorização para a violência sobre os corpos e subjetividades dessas mulheres, bem como sobre sua ida e permanência nas ruas.

Os resultados apontaram que compreender que as vivências das mulheres se inserem num universo de opressões que marca as relações, modos de viver e papéis sociais, implica saber que estamos na trama de um sistema em que a vida está associada a um estado desumanizado. Nesse sentido, percebe-se que as mulheres que saem de casa para a situação de rua, possuem problemas familiares, falta de vínculos afetivos e por isso na sua grande maioria, começam a usar substâncias psicoativas. A violência sofrida por elas na rua, seja, psicológica, física ou sexual, aparece nos relatos de todas as mulheres do estudo.

Quanto às questões de saúde, elas não procuravam atendimento médico, a não ser em casos de grande necessidade ou urgência, já que quando buscavam esse atendimento eram discriminadas e mal tratadas pelas equipes de saúde e segurança. Frente a isso, este trabalho finca a importância do estudo sobre essa realidade e a urgência de materiais e instrumentais que lidem diretamente com este público, caracterizando-se como um desafio para o meio acadêmico, político e prático, visto que a vivência das ruas deteriora as mulheres e deixa despida sua proteção.

Espera-se que esse estudo possibilite aprofundamentos teóricos-conceituais sobre a violência contra a mulher em situação de rua, bem como, auxilie no planejamento de práticas interventivas voltadas a esta população.

## REFERÊNCIAS

- ABRIC, Jean-Claude. O estudo experimental das representações sociais. *In*: JODELET, D. (ed.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p. 155-171.
- ABRIC, Jean-Claude. **Prácticas sociales y representaciones**. 3. ed. Mexico: Coyoacán, 2013.
- ALCÂNTARA, Stefania Carneiro de; ABREU, Desirée Pereira de; FARIAS, Alessandra Araújo. Pessoas em situação de rua: das trajetórias de exclusão social aos processos emancipatórios de formação de consciência, identidade e sentimento de pertença. **Revista Colombiana de Psicología**, Colombia, v. 24, n. 1, p. 129-143, jan./jun. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0121-54692015000100009&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0121-54692015000100009&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 28 jun. 2022.
- ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira. Abordagem societal das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 713-737, set./dez. 2009.
- ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira. A pesquisa em representações sociais: Proposições Teórico-metodológicas. *In*. SANTOS, M. F. S. S.; ALMEIDA, L. M. (org.). **Diálogos com a Teoria das Representações Sociais**. Recife: edUFAL/Editora Universitária UFPE, 2005.
- ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, Zeidi Araujo. (org.). **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. 2.ed. revista. Brasília: Tecnopolitik, 2019. 670p.
- ALVES, Keyse Christine; MENDES, Paulo Cezar; SANTOS, Flávia de Oliveira; MOURA, Gerusa Gonçalves. Acesso de mulheres em situação de rua aos serviços de saúde: uma revisão integrativa. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, Uberlândia, v. 20, p. e2069, 2024. DOI: 10.14393/Hygeia2074947. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/74947>. Acesso em: 02 set. 2025.
- ALVES, Maria Elaene Rodrigues. **População em situação de rua: a violência contra a mulher em situação de rua como expressão da questão social**. VII Jornada Internacional Políticas Públicas. Universidade Federal do Maranhão. 2015. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo6/populacao-em-situacao-de-rua-a-violencia-contra-a-mulher-em-situacao-de-rua-como-expressao-da-questao-social.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2022.
- ALVES, Maria Elaene Rodrigues. **As moradoras de rua entram em cena: a violência contra a mulher moradora de rua como uma das expressões da "questão social"**. 2013. VI Jornada Internacional de Políticas Públicas. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo7-questoesdegeneroetniaegeracao/pdf/asmoradorasderuaentramemcena.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2023.
- ARAÚJO, Maria de Fátima. *et al.* Violência de gênero e violência contra a mulher. *In*: ARAÚJO, Maria de Fátima; MATTIOLI, Olga Ceciliato (org.). **Gênero e violência**. SP: Arte e Ciência, p. 17-36, 2004.

ARRUDA, Angela. Feminismo, gênero e representações sociais. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). **Pensamento feminista brasileiro - formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 335-355.

ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n.117, p.127-147, nov. 2002. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/546>. Acesso em: 10 abr. 2022.

ANTUNES, Alfredo Cesar; MENDES, Daniele Cristiana Bahniuk; SALLES FILHOS, Nei Alberto. As ciências sociais à luz da teoria das representações sociais. **Revista ATLANTE Cuadernos de Educación y Desarrollo**, Paraná, p. 2-12, fev. 2019. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/atlante/2019/02/teoria-moscoviciana.html>. Acesso em: 28 jun. 2022.

AUGUSTO, Cristiane Brandão. Violência contra a mulher e as práticas institucionais. **Revista da Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 72, p. 27-40, jan./mar. 2016. Disponível em: [https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj\\_online/edicoes/revista72/revista72\\_27.pdf](https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_online/edicoes/revista72/revista72_27.pdf). Acesso em: 28 jun. 2022.

AZAMORW, Cristiany Rocha. Pesquisa participante, representações sociais e psicossociologia: diálogos possíveis na escola. *Fractal: Revista de Psicologia [online]*, Niterói, v. 33, n. 2, p. 137-142, maio./ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v33i2/5979>. Acesso em: 28 jun. 2022.

AZEVEDO, Sandra Maria Gomes de. Representações Sociais sobre a Ciência, o Cientista e as Relações de Gênero em uma Perspectiva Social e Educacional. *Jornada Internacional de Representações Sociais, 10; Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, 8. Anais eletrônicos*. Belo Horizonte, p. 171, 2017.

BANCHS, María A. Aproximaciones procesuales y estructurales al estudio de la representaciones sociales. **Textes sur les représentations sociales: espace de discussion**, v.9, p. 3.1 – 3.15, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **A riqueza de poucos beneficia a todos nós**. Zahar, 2015.

BERTONI, Luci Mara; GALINKIN, Ana Lúcia. Teoria e métodos em representações sociais. *In*: MORORÓ, Leila Pio; COUTO, Maria Elizabete Souza; ASSIS, Raimunda Alves Moreira de. (org.). **Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias**. Ilhéus, BA: EDITUS, p. 101-22, 2017.

BISCOTTO, Priscilla Ribeiro. *et al.* Compreensão da vivência de mulheres em situação de rua. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v.50, n.5, p. 750-756, set./out. 2016.

BOURDIEU, Pierre Félix. A dominação masculina. **Educação & Realidade**, Rio Grande do Sul, v. 20, n. 2, p. 133-184, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71724>. Acesso em: 28 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **Temático:** prevenção de violência e cultura de paz. Brasília, v.3, n.5, 2008. 60p.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Orientações Técnicas: Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – Centro Pop.** SUAS e População em Situação de Rua, v. 3. Brasília, 2011a.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua.** Brasília, DF, 2008. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/noticias/arquivos/2297.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 56/2007, e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2008. 464 p.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ. **Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição – LACCOS.** [Internet]. 2013.

CAMARGO, Brígido Vizeu.; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p.513-518, dez. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2013000200016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000200016&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 03 jun. 2022.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. **Tutorial para uso do software IRAMUTEQ.** Disponível em: [http://www.laccos.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=208%3Atutorial-do-software-iramuteq-em-portugues&catid=40%3Aoutros&Itemid=9&lang=br](http://www.laccos.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=208%3Atutorial-do-software-iramuteq-em-portugues&catid=40%3Aoutros&Itemid=9&lang=br). Acesso em: 28 jun. 2022.

CERU/USP. **Pelas ruas (in)visíveis.** São Paulo: Centro de Estudos Rurais e Urbanos da USP, 2023.

CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO. **Guia de Atuação Ministerial:** defesa dos direitos das pessoas em situação de rua. Conselho Nacional do Ministério Público. Brasília: CNMP, 2015. 141 p.

COUTINHO, Maria da Penha Lima *et al.* Contribuições teórico metodológicas acerca do uso dos instrumentos projetivos no campo das Representações Sociais. *In:* COUTINHO, Maria da Penha Lima (org.). **Representações sociais:** abordagem Interdisciplinar. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

COSTA, Barbara Caroliny Pereira; BEM, Márcia Maria da Silva; GODINHO, Mônica Lá-Salette da Costa. Determinantes sociais da saúde e sua influência na vida de mulheres vítimas de violência doméstica. **Global Academic Nursing Journal**, Ipanema, v.1, n. 2, p. e31, 2020. Disponível em: <https://www.globalacademicnursing.com/index.php/globacadnurs/article/view/10>. Acesso em: 15 nov. 2022.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete.; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.24, n.1, p.17-27, jan. 2008.

GAMEIRO, Nathália. **População em situação de rua aumentou durante a pandemia**. FIOCRUZ BRASÍLIA, jun. 2021. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/populacao-em-situacao-de-rua-aumentou-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 07 jul. 2023.

GUERRA, Andréa Máris Campos *et al.* **A assistência social pública na interface entre subjetividade e política**. Belo Horizonte: Scriptum, 2015.

GIANINI, Reinaldo José; MARTUSCELLI-NETO, Abel Efraim; VILLENA, Kathleen Vilarim. Fatores associados à violência contra pessoas em situação de rua: um estudo transversal em Sorocaba (SP), Brasil, 2023. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, Sorocaba, v. 27, e71555, 2025. Disponível em: [https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/71555?utm\\_source=chatgpt.com](https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/71555?utm_source=chatgpt.com). Acesso em: 11 ago. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 1. ed., Barueri, São Paulo: Atlas, 2021.

HONORATO, Bruno Eduardo Freitas; OLIVEIRA, Ana Carolina S. População em situação de rua e COVID-19. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 4, p. 1064-1078, jul. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados**. Jequié. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/jequie/panorama>. Acesso em: 07 jul. 2023.

IBGE. **Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1o de julho de 2020**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/jequie.html>. Acesso em: 28 jun. 2022.

JESUINO, Jorge Correia. Um conceito reencontrado. *In*: ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, Zeidi Araujo. (org.). **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. 2. ed. revista. Brasília: Technopolitik, 2019.

JODELET, Denise. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/bqm4vwYnbPvPy9dDGMWHqZt/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 28 out. 2022.

JODELET, Denise. Ponto de vista: Sobre o movimento das representações sociais na comunidade científica brasileira. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 19, n.1, p.19-26, jun. 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2011000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000100003). Acesso em: 28 jun. 2022.

JODELET, Denise. Representações sociais: histórias e avanços teóricos. Vinte anos da teoria das representações sociais no Brasil. OLIVEIRA, Denise Cristina & CAMPOS, Pedro Humberto Faria (org.). **Representações sociais, uma teoria sem fronteiras**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005. p.11-21.

JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. *In*: JODELET, Denise (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p.3-44.

JORNAL DA UEM. **A invisibilidade social**. Edição nº 108. Ano 2012. Disponível em: [http://www.jornal.uem.br/2011/index.php?option=com\\_content&view=article&id=861:ainvisibilidade-social&catid=94:jornal-108-dezembro2012&Itemid=31](http://www.jornal.uem.br/2011/index.php?option=com_content&view=article&id=861:ainvisibilidade-social&catid=94:jornal-108-dezembro2012&Itemid=31). Acesso em: 28 jun. 2022.

JORNAL HOJE. **Aumenta o número de pessoas em situação de rua no Brasil, diz pesquisa**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2022/06/09/aumenta-o-numero-de-pessoas-em-situacao-de-rua-no-brasil-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 15 nov. 2022.

JUSTO, Marcelo Gomes. **“Excluídos”**: ex-moradores de rua como camponeses num assentamento do MST. 2005. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-12072006-110942/publico/Exculhidos2.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2022.

LAHLOU, Saadi. Difusão das representações e inteligência coletiva distribuída. *In*: ALMEIDA, Angela Maria Oliveira de.; SANTOS, Maria Fátima Souza.; TRINDADE, Zeide Araújo. (org.). **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. 2. ed. revista. Brasília, DF: Tecnopolitik, 2019.

LEAL, Márcia Helena. *et al.* **Mulheres em situação de rua**: uma análise das políticas públicas para as mulheres. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA REDE UNIDA, 14., 2020, Niterói. Anais... Niterói: Rede Unida, 2020. 3 p.

LEHNEN, Jeremy. Machos em crise? A masculinidade nos romances de Daniel Galera. *In*: DALCASTAGNÉ, Regina; BARBARENA, Ricardo Araújo. (org.) **Do trauma à trama**: o espaço urbano na literatura. Porto Alegre: Luminara Editora, p. 273-300, 2015.

LIBERATO, Karla Braga Lobo. **População em situação de rua e o Programa Bolsa Família**: a percepção dos beneficiários do programa, usuários de um Centro POP de Fortaleza- CE. 2019. 85 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.

LIMA, Bianca Leilane Santos de *et al.* MERCADO DE TRABALHO E GÊNERO: DESIGUALDADE E ESTEREÓTIPOS. **Caderno de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde - UNIT - SERGIPE**, Aracaju, v. 6, n. 3, p. 85-94, mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernobiologicas/article/view/9566>. Acesso em: 28 jun. 2022.

LOCKWOOD, Craig *et al.* **JBIManual for Evidence Synthesis**. Chapter 2: Systematic reviews of qualitative evidence. 2020. Disponível em: <https://synthesismanual.jbi.global>. Acesso em: 23 jun. 2023.

MALTA, Deborah Carvalho; SILVA, Alanna Gomes da; GOMES, Crizian Saar; SOUZA, Juliana Bottoni. Determinantes sociais e comerciais da saúde, as doenças crônicas não transmissíveis e seus fatores de risco e de proteção: uma revisão. **DETERMINANTES SOCIAIS EM SAÚDE**, 2025. Disponível em: <https://actbr.org.br/wp-content/uploads/2025/05/DETERMINANTES-SOCIAIS-ebook-final.pdf>. Acesso em: 02 set. 2025.

MARSICANO, Ana Carolina de Oliveira; LEVINSON, Emanuelle. **Mulheres e as ruas: O debate sobre gênero atravessado pela classe**. In: Rodrigues, Igor.; D. C. FERNANDES, Dmitri Cerboncini. (org.). *Cidadãos em situação de rua: Dossiê Brasil – grandes cidades*. Curitiba: Editora CRV, p. 93-112, 2020.

MARKOVÁ, Ivana. A fabricação da teoria de representações sociais. RODRIGUES, Beatriz Gama; BARROS, João Kaio. (tradutoras). **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 47, n. 163, p.358-375, jan./mar. 2017.

MEDEIROS, Cristiane R. S.; CAVALCANTE, Pedro. A implementação do programa de saúde específico para a população em situação de rua – Consultório na rua: barreiras e facilitadores. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 754-768, 2018. DOI: 10.1590/S0104-12902018170946. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-979210>. Acesso em: 02 set. 2025.

MENINO, Silvana do Rosário da Silva. **A naturalização da violência contra a mulher: contribuições do feminismo**. In: Ideias e Saberes. LINS, Fernando; MENEZES, Jaqueline; FARIAS, Sandra e MENEZES, Walfrido Nunes de (org.). Recife: Editora Libertas, p. 149-161, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 7, p.1-12, abr. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2008, 406p.

MINISTÉRIO DAS MULHERES (Brasil). **Relatório Anual Socioeconômico da Mulher – RASEAM 2025**. Brasília: Ministério das Mulheres, 2025.

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e o seu público**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: Investigações em psicologia social**. 11. ed. RJ: Vozes, 2015.

MORERA, Jaime Alonso Caravaca *et al.* Aspectos teóricos e metodológicos das representações sociais. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 24, n. 4, p.1157-1165, out./dez. 2015.

NASCIMENTO, Emanuelle da Silva. Vulnerabilidade social das mulheres no contexto da pandemia de COVID-19: uma análise crítica. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 25, n. 1, p. 1-10, 2025. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/48195/37919/495342>. Acesso em: 02 set. 2025.

NÓBREGA, Sheva Maia. Sobre a Teoria das Representações Sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes (org.) **Representações sociais: teoria e prática**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2001, p. 55-87.

NOVA, Taynah de Brito Barra.; MACHADO, Lêda Bezerra. O processo de objetivação nas representações sociais de escola para crianças. **Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, Campo Grande, n. 38, p. 93-106, jul./dez. 2014.

OLIVEIRA, Denize Cristina de. A Teoria de Representações Sociais como grade de leitura da saúde e da doença: a constituição de um campo interdisciplinar. In: ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima Souza; TRINDADE, Zeidi Araujo. (org.). **Teoria das representações sociais: 50 anos**. 2.ed. Brasília, DF: Tecnopolitik, 2014.

OLIVEIRA, Gislaine Cristina Moraes de *et al.* Tipificação e fatores associados à ocorrência de violência em pessoas em situação de rua em um município de Minas Gerais, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 6, p. 1607–1617, mai. 2023. Disponível em: <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/tipificacao-e-fatores-associados-a-ocorrencia-de-violencia-em-pessoas-em-situacao-de-rua-em-um-municipio-de-minas-gerais/18603?id=1860>. Acesso em: 29 jun. 2023.

OLIVEIRA, Giane Lopes *et al.* Representações sociais de estudantes de fisioterapia sobre a violência doméstica contra a mulher. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 2, e39510212896, fev. 2021.

OLIVEIRA, Rebeca Nunes Guedes de; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. A violência como objeto de pesquisa e intervenção no campo da saúde: uma análise a partir da produção do Grupo de Pesquisa Gênero, Saúde e Enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 32-39, jul. 2014.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **World report on violence and health**.Geneva: OMS, 2002.

POSADA-ABADÍA, Clara Isabel *et al.* “Women in a situation of homelessness and violence: a single-case study using the photo-elicitation technique.” **BMC women's health**, v. 21, n.1, p. 1-15, mai. 2021. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8141249/>. Acesso em: 3 jan. 2023.

RIBEIRO, Kátia Gomes. Determinantes sociais da saúde dentro e fora de casa: uma análise em área periférica de uma capital brasileira. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 1-13, 2024. DOI: 10.1590/S0104-12902024230101. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2024.v48n140/e8590/pt>. Acesso em: 02 set. 2025.

RODRIGUES, Vanda Palmarella *et al.* Violência de gênero: representações sociais de familiares, **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 25, n. 4, p. e2770015, 2016. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/tce/v25n4/pt\\_0104-0707-tce-25-04-2770015.pdf](https://www.scielo.br/pdf/tce/v25n4/pt_0104-0707-tce-25-04-2770015.pdf). Acesso em: 28 jun. 2022.

ROSA, Anderson da Silva., BRÊTAS, Ana Cristina Passarella. A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 19, n. 53, p. 275-285, 2015.

SÁ, Celso Pereira de; ARRUDA, Angela. O estudo das representações sociais no Brasil. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis: EDUSF, Edição Especial Temática, p.11-31, 2000.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo central das representações sociais**. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1996.

SANEMATSU, Marisa; PRADO, Débora. **Dossiê Violência Contra as Mulheres**. Instituto Patrícia Galvão, 19.ed. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/cultura-e-raizes-da-violencia/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SANTOS, Charles Souza. **As doenças negligenciadas e suas representações sociais: um estudo com profissionais de saúde**. 2019. 247f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SANTOS, Maria de Fátima Souza. A teoria das representações sociais. *In*: SANTOS, Maria de Fátima Souza; ALMEIDA, Leda Maria de. (org.). **Diálogos com a teoria das representações sociais**. Recife (PE): Editora Universitária da UFPE, 2005.

SARMENTO, Caroline Silveira. **“Por que não podemos ser mães?”: Tecnologias de governo, maternidade e mulheres com trajetória de rua**. Repositório Digital Lume UFRGS, 2020. Tese (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/212984>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SEVERI, Fabiana Cristina. **Enfrentamento à violência contra a mulher e a domesticação da Lei Maria da Penha: elementos do próprio jurídico feminista no Brasil**. Tese (Livro-Docência do Departamento de Direito Público). Ribeirão Preto, São Paulo: Faculdade de Direito de Ribeirão Preto, 2017.

SILVA, Mariana Luíza Becker da *et al.* A violência para mulheres em situação de rua. **Psico**, Porto Alegre, v. 53, n. 1, p.1-14, jan./dez. 2022. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/37621>. Acesso em: 11 jun. 2023.

SILVA, Sílvio Éder Dias da; CAMARGO, Brígido Vizeu; PADILHA, Maria Itayra. A Teoria das Representações Sociais nas pesquisas da Enfermagem brasileira. **Revista Brasileira de enfermagem**, Brasília, v. 64, n. 5, p.947-951, set./out. 2011.

SOUSA, Luís Manuel Mota. *et al.* Revisões da literatura científica: tipos, métodos e aplicações em enfermagem. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Reabilitação**, Silvalde, v. 1, n. 1, p. 45-54, jun. 2018.

TEMPONI, Sergio Rosa Neves; RIBEIRO, Luiz Paulo; PINHEIRO, Tarcísio Marcio Magalhães; CARVALHO, Simone Mendes. “Tudo é violência, viver é violência!”: representações sociais e vivências de mulheres em situação de rua. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 11, p. e4027, nov. 2022. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/4027>. Acesso em: 3 jan. 2023.

TIENNE, Izalene. **Mulher moradora na rua** – entre vivências e políticas sociais. Alínea Editora, 2004.

TRINDADE, Zeidi Araujo; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira. Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. *In*: ALMEIDA, Angela Maria; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, Zeidi Araujo. (org.). **Teoria das representações sociais: 50 anos**. 2. ed. Brasília, DF: Tecnopolitik, p.133-162, 2014.

VALA, Jorge. Representações sociais – para uma psicologia social do pensamento social. *In*: VALA, Jorge; MONTEIRO, Maria Benedicta. (coord.). **Psicologia social**, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 353-384. 1993.

VALA, Jorge.; CASTRO, Paula. Pensamento social e representações sociais. *In*: VALA, Jorge; MONTEIRO, Maria Benedicta. (coord.). **Psicologia social**. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 569-602. 2013.

VALE NOTÍCIAS. **Prefeitura de Jequié promove ação integrativa para pessoas assistidas pelo Centro Pop**. 2022. Disponível em: <https://valenoticiasba.com.br/prefeitura-de-jequie-promove-acao-integrativa-para-pessoas-assistidas-pelo-centro-pop/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

VERGÈS, Pierre. Approche du noyau central: propriétés quantitatives et structurales. *In*: Guimelli, Christian. (org.). Structures et transformation des représentations sociales. **Bulletin de Méthodologie Sociologique**, Paris, p. 233-53, dez. 1994.

VILAMAIOR, Adriana Giarola; VIEIRA, Vânia Maria de Oliveira. Teoria das representações sociais: Enfoque técnico, metodológico e epistemológico. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 4608–4618, jan. 2022. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/42836>. Acesso em: 22 jun. 2022.

WACHELKE, João Fernando Rech; CAMARGO, Brígido Vizeu. Representações sociais, representações individuais e comportamento. **Interamerican Society of Psychology**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 379-390. dez. 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-96902007000300013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902007000300013&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 28 jun. 2022.

**APÊNDICES**

**APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB  
 Autorizada pelo Decreto Estadual nº 7344 de 27.05.98

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

CARA SENHORA,

CONVIDAMOS a senhora para participar de uma pesquisa científica.

Por favor, leia este documento com bastante atenção e, se você estiver de acordo, rubricue as primeiras páginas e assine na linha “Assinatura do participante”, no ponto 8.

**1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?**

1.1 PESQUISADORA RESPONSÁVEL: *Micaela Freire Fontoura.*

1.2 ORIENTADORA/ORIENTANDA: *Prof<sup>ª</sup>. Dra. Vanda Palmarella Rodrigues.*

**2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?****2.1 TÍTULO DA PESQUISA**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

**2.2 POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa):**

A pesquisa se justifica no interesse da pesquisadora diante das consequências que os diversos tipos de violência acarretam para a saúde dos indivíduos. Desse modo, esta pesquisa pretende contribuir junto a área das políticas públicas, direcionando um olhar global para a assistência à saúde das mulheres em situação de violência, a partir da elaboração de conhecimentos sobre a violência contra a mulher em situação de rua.

**2.3 PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos):**

Essa pesquisa objetiva compreender quais são os conhecimentos de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher. Desse modo, busca analisar como os papéis que os homens e as mulheres desempenham na sociedade podem influenciar na permanência das mulheres na rua, e discutir as formas de violência contra a mulher que podem ser encontradas

no espaço da rua.

### **3. O QUE VOCÊ (OU O INDIVÍDUO SOB SUA RESPONSABILIDADE) TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Metodológicos)**

#### **3.1 O QUE SERÁ FEITO:**

A pesquisadora entrará em contato com as participantes por meio do agendamento prévio pela equipe do Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua – Centro POP para recolhimento da assinatura desse documento (TCLE). Em seguida, e após aceite das participantes, a coleta dos dados será realizada em uma etapa, de forma presencial e individual, por meio da aplicação de uma Entrevista Semiestruturada, que será gravada (gravador de som) para posterior transcrição ao Programa Word.

#### **3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO:**

A coleta de dados será feita no Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua – Centro POP ou em algum local escolhido pela participante, desde que acordado com a pesquisadora previamente, nos meses de Maio e Junho de 2024, ou após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

#### **3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA SESSÃO:**

As entrevistas irão durar em média de 20 minutos a uma hora. A depender das respostas das participantes.

### **4. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA?**

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, classificamos o risco como sendo

MÍNIMO

MODERADO

ALTO

#### **4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É: (detalhamento dos riscos)**

Durante a realização da pesquisa existe o risco de alguma pergunta lhe causar desconforto ou incômodo, deixando a senhora à vontade para deixar de responder à pergunta que lhe deixar desconfortável.

4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):

Caso não se sinta à vontade para responder algum dos questionamentos, referente a algum constrangimento ou emoção, pode ficar à vontade para se recusar. Não guardaremos os registros e vamos desconsiderar esses dados para a sua segurança. Qualquer relatório ou publicação resultante deste trabalho será conduzido de forma que sua identidade jamais seja identificada.

## 5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)

### 5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa):

Essa pesquisa possibilitará às participantes da pesquisa compreender o contexto social em que estão inseridas por habitarem nas ruas. Assim como, permite que elas sejam ouvidas em relação aos seus conhecimentos e experiências sobre a violência contra a mulher.

### 5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):

Os resultados dessa pesquisa permitirão a compreensão das experiências das mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher. E, essa compreensão contribuirá para promover a criação de estratégias de intervenção e enfrentamento da violência contra a mulher, levando em consideração o espaço da rua e as histórias de vida dessas mulheres.

## 6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE O(A) SENHOR(A) PODE QUERER SABER (Direitos dos participantes):

### 6.1 Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?

R: *Nenhum dos dois.* A participação na pesquisa é voluntária.

### 6.2 Mas e se você acabar gastando dinheiro só para participar da pesquisa?

R: *A pesquisadora responsável precisará lhe ressarcir estes custos.*

### 6.3 E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?

R: *Você pode solicitar assistência imediata e integral e ainda indenização ao pesquisador e à universidade.*

### 6.4 É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar? (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)

R: *Não.* Você só precisa participar daquilo em que se sentir confortável a fazer.

### 6.5 Dá pra desistir de participar no meio da pesquisa?

R: *Sim.* Em qualquer momento. É só avisar à pesquisadora.

### 6.6 Há algum problema ou prejuízo em desistir?

R: *Nenhum.*

**6.7 O que acontecerá com os dados que você fornecer nessa pesquisa?**

*R: Eles serão reunidos com os dados fornecidos por outras pessoas e analisados para gerar o resultado do estudo. Depois disso, poderão ser apresentados em eventos científicos ou constar em publicações, como Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações, Teses, artigos em revistas, livros, reportagens, etc.*

**6.8 Os participantes não ficam expostos publicamente?**

*R: Em geral, não. O(A) pesquisador(a) tem a obrigação de garantir a sua privacidade e o sigilo dos seus dados. Porém, a depender do tipo de pesquisa, ele(a) pode pedir para te identificar e ligar os dados fornecidos por você ao seu nome, foto, ou até produzir um áudio ou vídeo com você. Nesse caso, a decisão é sua em aceitar ou não. Ele precisará te oferecer um documento chamado "Termo de Autorização para Uso de Imagens e Depoimentos". Se você não aceitar a exposição ou a divulgação das suas informações, não o assine.*

**6.9 Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?**

*R: Serão arquivadas por 5 anos com o pesquisador e depois destruídos.*

**6.10 Qual a “lei” que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?**

*R.: São, principalmente, duas normas do Conselho Nacional de Saúde: a Resolução CNS 466/2012 e a 510/2016. Há, também uma cartilha específica para tratar sobre os direitos dos participantes. Todos esses documentos podem ser encontrados no nosso site ([www2.uesb.br/comitedeetica](http://www2.uesb.br/comitedeetica)).*

**6.11 E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?**

*R: Entre em contato com o(a) pesquisador(a) responsável ou com o Comitê de ética. Os meios de contato estão listados no ponto 7 deste documento.*

**7. CONTATOS IMPORTANTES:**

**Pesquisador(a) Responsável: Micaela Freire Fontoura.**

Endereço: Av. José Moreira Sobrinho, S/N, Jequiezinho CEP: 45208-409, Jequié-BA.

Fone: 733528-9727 ou 7399105-1931/ E-mail: [2022f0216@uesb.edu.br](mailto:2022f0216@uesb.edu.br) ou [contato.micaela@gmail.com](mailto:contato.micaela@gmail.com)

**Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB)**

Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091.

Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: [cepjq@uesb.edu.br](mailto:cepjq@uesb.edu.br)

Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 18:00

**8. CLÁUSULA DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Concordância do participante ou do seu responsável)**

Declaro, para os devidos fins, que estou ciente e concordo.

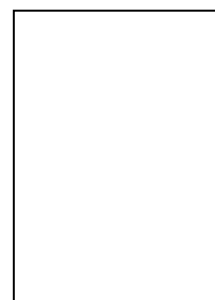
em participar do presente estudo;

com a participação da pessoa pela qual sou responsável.

Ademais, confirmo ter recebido uma via deste termo de consentimento e asseguro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

*Jequié, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2024*

\_\_\_\_\_  
*Assinatura do(a) participante (ou da pessoa por  
ele responsável)*



Impressão Digital

*(Se for o caso)*

**9. CLÁUSULA DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR**

Declaro estar ciente de todos os deveres que me competem e de todos os direitos assegurados aos participantes e seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro ter feito todos os esclarecimentos pertinentes aos voluntários de forma prévia à sua participação e ratifico que o início da coleta de dados dar-se-á apenas após prestadas as assinaturas no presente documento e aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, competente.

*Jequié, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2024*

\_\_\_\_\_  
*Assinatura do(a) pesquisadora*

**APÊNDICE B –Roteiro da Entrevista Semiestruturada**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA**

**TÍTULO DO PROJETO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

**DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS E CARACTERIZAÇÃO DAS PARTICIPANTES**

Entrevista nº: \_\_\_\_\_ Início: \_\_\_\_\_ Término: \_\_\_\_\_

Iniciais do Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Situação Conjugal: ( ) solteira ( ) casada ( ) união consensual ( ) viúva ( ) divorciada

Raça/cor autodeclarada: ( ) Preta ( ) Parda ( ) Branca ( ) Amarela ( ) Indígena

Religião: ( ) Católica ( ) Evangélica ( ) Espírita ( ) Adventista ( ) Judeu ( ) Umbanda  
( ) Candomblé ( ) Outras religiões afro-brasileiras ( ) Ateu ( ) Sem religião

Gênero? ( ) Feminino(Cis) ( ) Transgênero ( ) Não binário

Qual a sua orientação sexual? ( ) Heterossexual ( ) Bissexual ( ) Lésbica

Outro: \_\_\_\_\_

O que levou você a viver em situação de rua? E a quanto tempo está nessa situação?

\_\_\_\_\_

Tem filhos? ( ) sim ( ) não

Você vive com alguém da sua família nas ruas? Se sim, quem?

\_\_\_\_\_

Faz uso de bebida alcoólica/ Drogas? ( ) sim ( ) não. Se sim, quais e por quanto tempo?

\_\_\_\_\_

Tem alguma condição de saúde? ( ) Hipertensão ( ) Diabetes ( ) Depressão ( ) Asma

( ) Outras: \_\_\_\_\_

Escolaridade: ( ) Nunca foi à escola ( ) Ensino fundamental I ( ) Ensino fundamental II

( ) Ensino médio incompleto ( ) Ensino médio completo ( ) Ensino superior incompleto

( ) Ensino superior completo

Ocupação/ Profissão: \_\_\_\_\_

Renda: \_\_\_\_\_

Você realiza algum acompanhamento psicológico? ( ) Sim ( ) Não. Se sim, onde?

\_\_\_\_\_  
Você consegue ter algum tipo de lazer, mesmo vivendo em situação de rua?

**Questões Disparadoras:**

**Questão 1** – Conte-me sobre como é a sua vida, como é viver na rua?

**Questão 2** - Para você o que é violência contra a mulher?

**Questão 3** - Você já sofreu violência? Se sim, qual(is) forma(s) de violência você sofreu?

**Questão 4** – Você já precisou denunciar algum episódio violência na rua? Se sim, à qual local você procurou para fazer a denúncia? Como foi a sua experiência?

**Questão 5** – Você acha que a mulher em situação de rua está mais exposta à violência? Se sim, por quê?

**Questão 6** - Você ou alguém da sua família já teve contato com alguma forma de violência? Se sim, quais?

**Questão 7** – Para você a quais formas de violências às pessoas que não estão nas ruas estão sujeitas?

**Questão 8** - Em sua opinião, como combater ou evitar a violência na rua?

**Questão 9** - Para você, como conhecer as histórias das mulheres em situação de rua pode transformar a realidade da violência?

**ANEXOS**

## ANEXO A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética e Pesquisa

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
SUDOESTE DA BAHIA -  
UESB/BA



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

**Pesquisador:** Micaela Freire Fontoura

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 79251724.5.0000.0055

**Instituição Proponente:** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 6.891.341

**Apresentação do Projeto:**

Conforme a proponente: “As múltiplas faces da violência contra a mulher e seu impacto para a saúde das populações também são manifestas e se apresentam no cenário da pessoa em situação de rua. As políticas públicas somam esforços que são evidentes com a articulação intersetorial e outras agendas, visto que as mulheres que se encontram nessa situação estão em condições muito peculiares de violação de direitos. Contudo, cada dia mais aumenta o contingente de mulheres em situação de rua. O objetivo geral do estudo é apreender as representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher. Ao passo em que os objetivos específicos são: traçar o perfil sociodemográfico das mulheres em situação de rua; descrever os determinantes sociais em saúde que levaram as mulheres à situação de rua; analisar as repercussões dos papéis socioculturais de gênero e como estas influenciam na dinâmica da permanência das mulheres na rua; e, discutir as formas de violência contra mulher a partir do conhecimento das mulheres em situação de rua. Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, fundamentado na Teoria das Representações Sociais, utilizando a abordagem processual. A pesquisa será realizada com mulheres em situação de rua, assistidas pelo Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua - Centro Pop, localizado no município de Jequié, Bahia. A coleta dos dados será realizada de forma presencial e individual, por meio da aplicação de entrevista semiestruturada, gravada, com o auxílio de um roteiro com questões para caracterização

**Endereço:** Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)  
**Bairro:** Jequiezinho **CEP:** 45.206-510  
**UF:** BA **Município:** JEQUIÉ  
**Telefone:** (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
SUDOESTE DA BAHIA -  
UESB/BA



Continuação do Parecer: 6.891.341

sociodemográfica e questões disparadoras para direcionar a entrevista. Os dados produzidos através das entrevistas serão processados pelo Software Iramuteq e serão analisados através de análises monotemáticas e temáticas, onde serão feitas a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e Análise de Similitude, tais análises serão sistematizadas e clarificadas pela técnica de análise de conteúdo temática de Bardin. O projeto de pesquisa obedecerá às Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde e será submetido à análise do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Ressalta-se a importância da promoção de reflexões acerca da violência contra a mulher, dando voz às subjetividades das mulheres em situação de rua, visto que as vulnerabilidades as quais estão expostas, direcionam formas de pensar e agir dessas mulheres, assim como ressignificam as suas identidades. Logo, torna-se um compromisso social pesquisar esse segmento populacional, pois habitar nas ruas significa perder os referenciais da vida social que possuía anteriormente para adquirir um novo modo de vida, assim como, faz-se necessário transformar um cenário que naturaliza a miséria e as diversas formas de violência em um campo de atuação profissional pautados no compromisso ético e político. ;

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Apreender as representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher.

Objetivo Secundário:

Descrever os determinantes sociais em saúde que levaram as mulheres à situação de rua;

Analisar as repercussões dos papéis socioculturais de gênero e como estas influenciam na dinâmica da permanência das mulheres na rua;

Discutir as formas de violência contra mulher a partir das representações sociais das mulheres em situação de rua.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

A proponente aponta que a pesquisa possui como:

;Riscos:

Durante a realização da pesquisa existe o risco de alguma pergunta lhe causar desconforto ou incômodo. Contudo, a participante poderá ficar à vontade para deixar de responder a pergunta que lhe deixar desconfortável.

Benefícios:

Essa pesquisa possibilitará às participantes compreender o contexto social em que estão

**Endereço:** Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)  
**Bairro:** Jequiezinho **CEP:** 45.206-510  
**UF:** BA **Município:** JEQUIE  
**Telefone:** (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
SUDOESTE DA BAHIA -  
UESB/BA**



Continuação do Parecer: 6.891.341

inseridas para habitarem nas ruas. Assim como permite que elas sejam ouvidas em relação aos seus conhecimentos e experiências sobre a violência contra a mulher em situação de rua. Como também os resultados dessa pesquisa permitirão a compreensão das experiências das mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher. E, essa compreensão contribuirá para promover a criação de estratégias de intervenção e enfrentamento da violência contra a mulher, levando em consideração o espaço das ruas e as histórias de vida dessas mulheres.¿

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

¿Trata-se de projeto de dissertação de mestrado de discente vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da UESB - Campus de Jequié.¿

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2318353.pdf 06/06/2024 22:44:35 OK

ProjetoCEP.doc 06/06/2024 22:43:44 OK

TCLE\_CEP\_Micaela\_Fontoura.pdf 06/06/2024 22:33:38 OK

Autorizacao\_coleta\_de\_dados\_carimbo.pdf 09/04/2024 12:28:54 OK

FOLHADEROSTOassinada.pdf 05/04/2024 18:16:43 OK

Instrumento2\_Micaela\_Fontoura.pdf 05/04/2024 14:16:58 OK

Instrumento1\_Micaela\_Fontoura.pdf 05/04/2024 14:14:54 OK

Termo\_uso\_de\_imagens\_e\_depoimento\_Micaela\_Fontoura.pdf 05/04/2024 14:08:33 Não se aplica

Declaracao\_de\_compromissos\_Micaela\_Fontoura\_assinado\_assinado.pdf 05/04/2024 14:05:26 OK

**Recomendações:**

Ver seção a seguir.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não foram evidenciados óbices éticos que impeçam a realização da pesquisa proposta.

1) Relatórios:

- Durante a execução do projeto e ao seu final, anexar na Plataforma Brasil os respectivos relatórios parciais e final, de acordo com o que consta na Resolução CNS 466/12 (itens II.19, II.20, XI.2, alínea d) e Resolução CNS 510/16 (artigo 28, inciso V).

**Endereço:** Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)  
**Bairro:** Jequiezinho **CEP:** 45.206-510  
**UF:** BA **Município:** JEQUIE  
**Telefone:** (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
SUDOESTE DA BAHIA -  
UESB/BA**



Continuação do Parecer: 6.891.341

**2) Emendas**

- Para realizar alterações de quaisquer sorte (acrescentar membros/assistentes, alterar um instrumento ou inserir um campo de coleta, mudar aspectos metodológicos, etc) em projetos já aprovados, você precisará submeter uma **EMENDA** para avaliação do CEP.

As instruções para tanto estão nas páginas 67 a 78 do Manual do Pesquisador da Plataforma Brasil.

Mas cuidado! Emendas não podem fazer mudanças profundas, que descaracterizem o projeto em execução. Pequenas alterações textuais podem ser informadas nos relatórios.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Em reunião por videoconferência, autorizada pela CONEP, a plenária deste CEP/UESB autorizou a liberação deste parecer por ad referendum.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

| Tipo Documento  | Arquivo                                       | Postagem               | Autor                      | Situação |
|---|---|------------------------|----------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto                            | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2318353.pdf | 06/06/2024<br>22:44:35 |                            | Aceito   |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | ProjetoCEP.doc                                | 06/06/2024<br>22:43:44 | Micaela Freire Fontoura    | Aceito   |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_CEP_Micaela_Fontoura.pdf                 | 06/06/2024<br>22:33:38 | Micaela Freire Fontoura    | Aceito   |
| Informações Básicas do Projeto                            | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2318353.pdf | 13/05/2024<br>10:29:03 |                            | Aceito   |
| Outros  | Autorizacao_coleta_de_dados_carimbo.pdf       | 09/04/2024<br>12:28:54 | Micaela Freire Fontoura    | Aceito   |
| Folha de Rosto  | FOLHADEROSTOassinada.pdf                      | 05/04/2024<br>18:16:43 | Vanda Palmarella Rodrigues | Aceito   |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | ProjetoCEP.doc                                | 05/04/2024<br>17:12:07 | Vanda Palmarella Rodrigues | Aceito   |
| Declaração de concordância                                | Autorizacao_coleta_de_dados.pdf               | 05/04/2024<br>17:11:56 | Vanda Palmarella Rodrigues | Aceito   |
| Outros  | Instrumento2_Micaela_Fontoura.pdf             | 05/04/2024<br>14:16:58 | Micaela Freire Fontoura    | Aceito   |
| Outros  | Instrumento1_Micaela_Fontoura.pdf             | 05/04/2024<br>14:14:54 | Micaela Freire Fontoura    | Aceito   |

**Endereço:** Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)

**Bairro:** Jequiezinho **CEP:** 45.206-510

**UF:** BA **Município:** JEQUIE

**Telefone:** (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
SUDOESTE DA BAHIA -  
UESB/BA



Continuação do Parecer: 6.891.341

|   |   |                        |                         |        |
|---|---|------------------------|-------------------------|--------|
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | Termo_uso_de_imagens_e_depoimento_Micaela_Fontoura.pdf            | 05/04/2024<br>14:08:33 | Micaela Freire Fontoura | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_CEP_Micaela_Fontoura.pdf                                     | 05/04/2024<br>14:07:28 | Micaela Freire Fontoura | Aceito |
| Declaração de Pesquisadores                               | Declaracao_de_compromissos_Micaela_Fontoura_assinado_assinado.pdf | 05/04/2024<br>14:05:26 | Micaela Freire Fontoura | Aceito |

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

JEQUIE, 17 de Junho de 2024

---

**Assinado por:**  
**Carla Patricia Novais Luz**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)  
**Bairro:** Jequezinho **CEP:** 45.206-510  
**UF:** BA **Município:** JEQUIE  
**Telefone:** (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br

## ANEXO B – Autorização para Coleta de Dados


**AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS**

*(Modelo aprovado em reunião plenária do Comitê de Ética em Pesquisa da UESB em 14/02/2020)*

Eu, *Lucas Tadeu Miranda Barros*, ocupante do cargo de *Coordenador* do(a) *Centro de referência especializado para pessoas em situação de rua*, **AUTORIZO** a coleta de dados do projeto de pesquisa intitulado *Representações sociais de mulheres em situação de rua sobre violência contra a mulher*, dos pesquisadores *Micaela Freire Fontoura* após a aprovação do referido projeto pelo CEP/UESB.

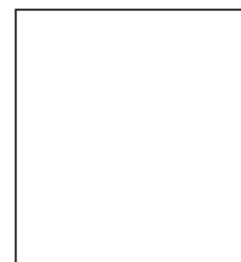
Em tempo, asseguro dispormos da infraestrutura e dos recursos necessários para viabilizar a execução do procedimento, conforme explicitado no projeto, em atendimento à alínea “h” do ponto 3.3, e do ítem 17 do ponto 3.4.1, ambos do título 3 da Norma Operacional CNS nº 001/2013.

**JEQUIÉ, 05/04/2024**

 Documento assinado digitalmente  
LUCAS TADEU MIRANDA BARROS  
Data: 05/04/2024 14:44:40-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

*Ass. do(a) responsável pela autorização da coleta*

Carimbo:



Impressão Digital  
*(Se for o caso)*